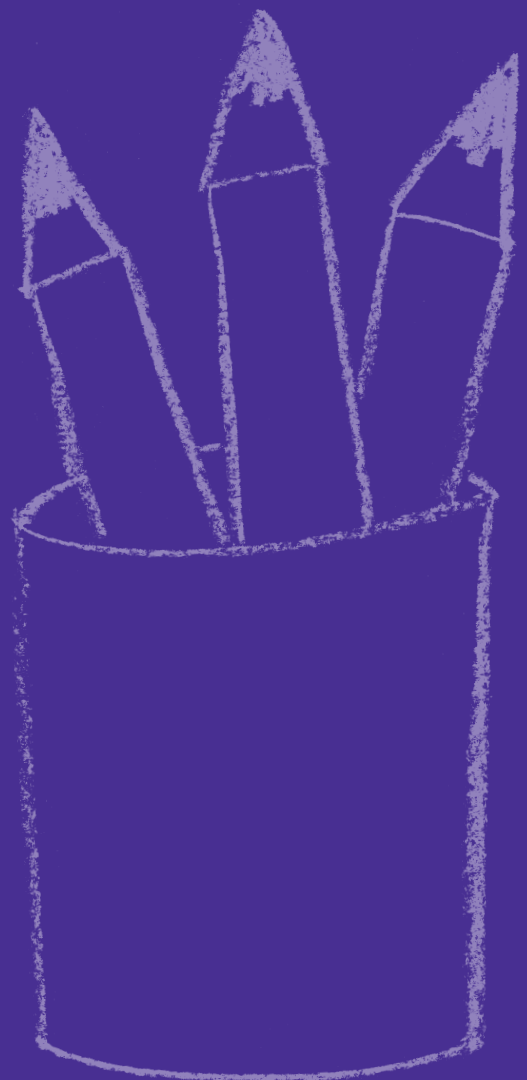


III Mostra Estadual de Práticas de
Psicologia em Educação e VI Encontro
de Psicólogos da Área de Educação

CADERNO DE PROGRAMA



organização



Conselho Regional
de Psicologia SP

Apresentação

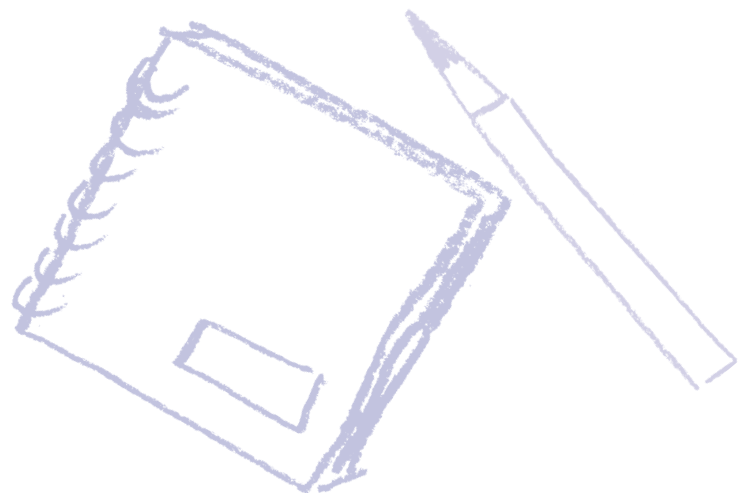
2008 é o Ano da Educação no Sistema Conselhos de Psicologia. A escolha desse tema surgiu da necessidade de se enfatizar a importante contribuição da Psicologia, como ciência e profissão, na luta pela consolidação de uma educação para todos, respaldada nos princípios do compromisso social, dos direitos humanos e do respeito à diversidade como fundamento para uma efetiva inclusão social. A inserção dos psicólogos em diferentes espaços educacionais, a sua participação na construção das Políticas Públicas de Educação e de outras políticas intersetoriais, bem como a organização da categoria para atuar em movimentos de controle social, devem estar contempladas por esses princípios.

A organização conta com eventos municipais, regionais, culminando em um seminário nacional durante o ano da Educação, cuja finalidade é a construção de discussões coletivas entre psicólogos e demais profissionais que atuam na educação e em setores da sociedade, objetivando, a partir desses seminários, a construção e a divulgação de referências técnicas e políticas para a atuação do psicólogo no campo escolar/ educacional.

O aprofundamento das discussões sobre a política educacional brasileira visa qualificar o psicólogo, técnica e politicamente, para melhor compreender a complexidade do sistema educacional atual, visando o aperfeiçoamento da atuação profissional na área da educação, na perspectiva da inclusão social.

Os eixos norteadores das discussões e da apresentação de trabalhos são: Psicologia, Políticas Públicas Intersectoriais e Educação Inclusiva; Políticas Educacionais: legislação, formação profissional e participação democrática; Psicologia em Instituições Escolares e Educativas: Apontamentos para um Debate; Psicologia no Ensino Médio: desafios e perspectivas

A III Mostra Estadual de Práticas de Psicologia em Educação, parte da etapa do evento preparatório ocorrida no município de São Paulo, tem como objetivos: aprofundar as discussões sobre a política educacional brasileira e paulista, qualificando o psicólogo para melhor compreender a complexidade do quadro educacional atual, visando melhorias na atuação profissional na área da educação; realizar amplo levantamento das práticas atualmente realizadas por psicólogos que atuam no campo educacional/escolar e que enfatizem as dimensões de compromisso social e da construção de uma escola democrática.



Comissão Organizadora

Beatriz Belluzo Brando Cunha
Carla Biancha Angelucci
Carmem Sílvia Rotondano Taverna
Cilene de Aguiar Apolinário
Dalva Chaves
Eni de Fátima Martins
José Alexandre de Lucca
Leonardo Lopes da Silva
Luiz Tadeu Pessuto
Maria da Piedade Romeiro de A. Melo
Marilene Proença Rebello de Souza
Sigrid R. C. B. Ancheschi França
Victor Enrique Flores Castillejo

Pareceristas

Psicologia, Políticas Públicas Intersectoriais e Educação Inclusiva

Víctor Castillejo e Biancha Angelucci

Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática

Maria Piedade

Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Carmem Sílvia Taverna e Beatriz Belluzo Brando Cunha

Psicologia no Ensino Médio

Leonardo Lopes da Silva



Evento Preparatório para o Seminário da Educação no Sistema Conselhos de Psicologia III Mostra Estadual de Práticas de Psicologia em Educação VI Encontro de Psicólogos da Área da Educação

Local

Espaço APAS
Rua Pio XI, 1.200, Alto da Lapa, São Paulo, SP

Data

30, 31 de outubro e 1º de novembro

30 de outubro de 2008

- 17h30 Credenciamento, Café de Boas-vindas e Apresentação Cultural**
- 18h30 Mesa de Abertura com representantes:**
Conselho Federal de Psicologia (CFP)
Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região – São Paulo (CRP SP)
Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP)
Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP)
Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)
- 19h00 Mesa-Redonda “Interlocução entre Psicologia e Educação: Dilemas e Perspectivas”**
Sergio Antonio da Silva Leite (UNICAMP)
Marilene Proença Rebello de Souza (CRP SP)
Representante do Grupo de Trabalho “Psicologia Organizacional e do Trabalho” (ANPEPP)

31 de outubro de 2008

- 08h30 Credenciamento e Abertura dos Trabalhos**
- 09h00 Palestra - EIXO 1: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva**
Palestrante: Marie Claire Sekkel (Universidade de São Paulo)
Convidada: Lúcia Fonseca de Toledo (CRP SP)
Debatedores:
Eni de Fátima Martins e Luiz Tadeu Pessutto (CRP SP)
- 10h30 Café**
- 11h00 Palestra EIXO 2: Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática**
Palestrante: Marilene Proença Rebello de Souza (CRP SP)
Debatedora: Beatriz Belluzzo Brando Cunha (CRP SP)
- 12h30 Almoço**
- 14h00 Sessões Coordenadas – discussão dos trabalhos inscritos, por eixos**
Coordenadores:
Victor Henrique Flores Castillejo
Carla Biancha Angelucci
Maria Piedade Romeiro A. de Melo
Cilene de Aguiar Apolinário
Carmem Sílvia Rotondano Taverna
Leonardo Lopes da Silva
- 17h00 Apresentação Cultural**
- 18h00 Intervalo**
- 19h00 Palestra EIXO 3: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais**
Palestrante: Raquel Souza Lobo Guzzo (ANPEPP/PUC-Campinas)
Debatedora: Sigrid Ancheschi França (CRP SP)
- 20h30 Palestra EIXO 4: Psicologia no Ensino Médio**
Palestrante: Ângela Fátima Soligo (UNICAMP)
Debatedor: José Alexandre de Lucca (CRP SP)

1º de novembro de 2008

- 08h00 Abertura dos Trabalhos**
- 08h30 Trabalho em Grupos**
- 10h30 Café**
- 10h45 Trabalho em grupos**
Produção de Textos / Relatórios dos debates
- 12h30 Almoço**
- 14h00 Apresentação dos grupos**
- 18h00 Encerramento**

III Mostra Estadual de Práticas de Psicologia em Educação VI Encontro de Psicólogos da Área de Educação

Data

30 e 31 de outubro e 1º de novembro de 2008

Local

Espaço APAS

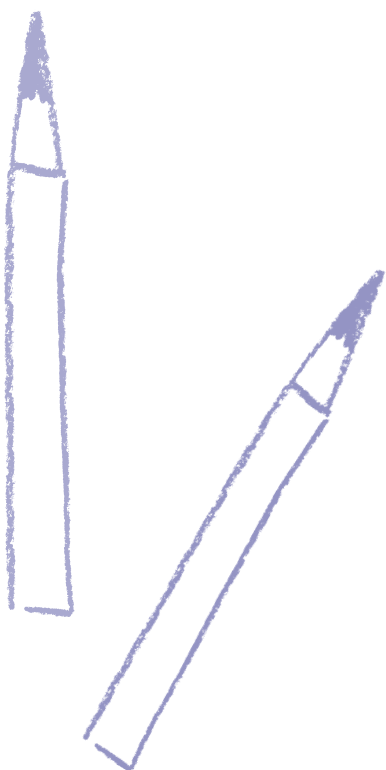
Rua Pio XI, 1200, Alto da Lapa, São Paulo, SP

Objetivos

- Aprofundar as discussões sobre a política educacional brasileira e paulista, qualificando o psicólogo para melhor compreender a complexidade do quadro educacional atual, visando melhorias na atuação profissional na área da educação;
- Realizar amplo levantamento das práticas atualmente realizadas por psicólogos que atuam no campo educacional/ escolar e que enfatizem as dimensões de compromisso social e da construção de uma escola democrática.

Eixos temáticos para a organização dos trabalhos

- Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva;
- Políticas Educacionais: legislação, formação profissional e participação democrática;
- Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais;
- Psicologia no Ensino Médio.



Exposição de Painéis

Eixo 1: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Participante : Rosana A. B. de Carvalho

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Maria Angélica Ramos Trintinália

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: A Atuação do Psicólogo com Adolescentes e Jovens em Situação de Exploração Sexual Comercial

Resumo: O projeto é desenvolvido a partir do marco teórico referencial sobre saúde sexual e reprodutiva de jovens e de protagonismo juvenil, dá preferência a estratégias que priorizem o resgate dos direitos sexuais e reprodutivos e humanos da população diretamente atendida, ou seja, favorece a adolescentes e jovens em situação de ESC (exploração sexual comercial) atenção e informações que possam contribuir para a diminuição das vulnerabilidades a que estão expostas: gravidez não planejada, DST/AIDS, aborto clandestino, violação de direitos sexuais e, também, acesso e acompanhamento aos serviços especializados, possibilitando o resgate concreto do exercício de seus direitos e a construção de um projeto pessoal que não a violência. O projeto desenvolve as seguintes ações: oficinas de arte-educação, atividades culturais, reinserção na vida escolar, participação social em espaços de construção de políticas públicas e também ações de atenção, cuidado e acompanhamento psicossocial.

Objetivos: diminuir vulnerabilidades de adolescentes e jovens em situação de risco e/ou envolvidas na ESC, fortalecendo sua rede significativa (primária e secundária) e sua participação cidadã em ações político-sociais.

Metodologia: pesquisa-ação, agregando estratégias do campo social e priorizando a participação efetiva das pessoas envolvidas no projeto.

Resultados e conclusão: no convívio com essas adolescentes e jovens é possível verificar uma situação intrínseca de violência estrutural relacionada a falência e falta de legitimidade do governo como promotor da cidadania e, também, a outros diferentes sistemas sociais opressores - idade, gênero, raça, classe social, opressão sexual - que criam contextos de vulnerabilidade e agravos sociais à essa população.

Considerando o nível de complexidade do fenômeno, a passos lentos, o projeto tem conseguido envolver as adolescentes/jovens em muitas atividades inclusive a participação em espaços de discussão e construção de políticas públicas para infância e juventude.

Palavras-chave: Direitos Sexuais, Políticas Públicas para Infância e Juventude, Exploração Sexual Comercial

Participante: Carla Anauate

Outros Autores: Daniela Pacheco Rotondaro, Erica Furukawa, Daniela Pacheco Rotondaro, Érica Furukawa, Karina Karam Barizon dos Santos e Vilma Maria da Conceição Costa

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Edivaldo Félix Gonçalves

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: A Atuação do Psicólogo na Política Pública de Educação Inclusiva

Resumo: SAE - Setor de Assessoria Escolar e Intervenção Institucio-

nal. O SAE é um dos setores que integra o NEI - Núcleo de Educação Inclusiva da Secretaria de Educação de Osasco, responsável pela implementação da política de educação inclusiva do município. Tem como campo de trabalho as diferentes modalidades de ensino da rede municipal: creche, EMEI, EMEF e educação de jovens e adultos. Este setor é formado por uma equipe interdisciplinar composta por assistentes sociais, fonoaudiólogos, pedagogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Os pressupostos desta equipe fundamentam-se na: garantia do acesso e permanência do educando na escola; qualidade social da educação; gestão democrática.

Neste trabalho apresentaremos as seguintes áreas de atuações do sae:

1. Acompanhamento às unidades escolares - visitas periódicas às u.e.s com o objetivo de acompanhar e orientar os casos de inclusão, visando a uma intervenção institucional, envolvendo toda a escola.

2. Mini-equipes - reunião na UE para discussão de um caso complexo e pontual, composto por equipe pedagógica da Secretaria de Educação, profissionais do SAE, trio-gestor, professores responsáveis, Capsi, conselho tutelar, SAT (Setor de Avaliação e Assessoria Técnica - NEI), e outras instituições onde o aluno é atendido.

3. Espaço de Apoio Educacional (EAE) - destinada a todos os funcionários da escola. O grupo é aberto e não obrigatório, com periodicidade quinzenal. É um espaço que visa a reflexão e o debate, atendendo a demanda dos profissionais da rede, na medida em que eles expõem suas angústias, suas experiências e pensam juntos estratégias de ação.

4. Oficinas - destinados aos professores, coordenadores e funcionários da escola. São feitas reuniões periódicas com temas específicos. Atualmente realizamos as oficinas de combate à violência doméstica; combate à violência escolar; TGD (apoio a professores com alunos psicóticos e autistas); SAI (acompanhamento de professores de sala de apoio à inclusão); DF (apoio a professores com alunos com deficiência física); DV (apoio a professores com alunos com deficiência visual).

O psicólogo desempenha um papel fundamental neste processo de assessoria escolar, pois por trabalhar com a subjetividade do ser humano, bem como analisar os processos que estão por trás das relações humanas, clareia e nomeia os aspectos inconscientes presentes nestas relações institucionais.

Palavras-chave: Inclusão, Intervenção Institucional, Assessoria Escolar

Participante: Arlete Nunes Feitoza

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Patricia Pazinato

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Aprendizagem Profissional de Adolescentes em Liberdade Assistida.

Resumo: O presente trabalho objetivou realizar um estudo psicológico sobre a aprendizagem profissional de adolescentes autores de ato infracional em regime de medida sócio-educativa de liberdade assistida. A aprendizagem profissional pode ser entendida como um processo educativo que envolve o desenvolvimento de habilidades conhecimentos, valores humanos e posturas facilitadoras da inserção social do jovem na sociedade. Trata-se de um processo educativo abrangente, que considera o

jovem participante do processo como um agente de mudanças sócio-culturais em sua família e seu meio social. Buscou-se compreender de que forma a experiência de participar de um programa de aprendizagem profissional para o mercado de trabalho colabora com a não prática do ato infracional, em adolescentes que cumprem medida sócio-educativa de liberdade assistida. Colaboraram nesta pesquisa dois adolescentes do gênero masculino e uma adolescente do gênero feminino, todos com 17 anos de idade, que cumprem liberdade assistida e participam de um programa de um programa de capacitação profissional em parceria com a fundação casa. Tratou-se de uma pesquisa exploratória com enfoque qualitativo, as entrevistas foram analisadas com base predominantemente da Psicologia social. Concluiu-se que a experiência de participar de um programa de aprendizagem profissional pôde colaborar com a não prática de atos infracionais em adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa de liberdade assistida e a promover mudanças no que se refere aos seguintes aspectos: mudança de postura e comunicação, assumir uma identidade distinta da anterior, enfrentamento de novos desafios, no resgate de suas potencialidades na condição de ser humano e, sobretudo a pensarem num projeto de vida não mais relacionado com a vida delituosa. A inserção do psicólogo torna-se colaborativo aos projetos e programas da população adolescente demandante de práticas profissionais e interdisciplinares, pois favorece a promoção e implementação de políticas públicas de profissionalização e educação voltadas à inserção desses jovens excluídos de programas de aprendizagem profissional, engajada com a realidade Brasileira.

Palavras-chave: Adolescência, Aprendizagem Profissional, Liberdade Assistida

Participante: Bernardete Bezerra Silva Imoniana

Outros Autores: Moses Benadiba

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: As Expectativas dos Alunos Ingressantes na Universidade Livre da Terceira Idade da Universidade Metodista de São Paulo: Um Estudo Exploratório

Resumo: O aumento do número de idosos no mundo é um fator que não podemos negar. As estatísticas nos revelam que em muitos países, como no Brasil, o número de idosos praticamente duplicou nas últimas quatro décadas. A expectativa de vida dos Brasileiros, em 1950 era de cerca de 50 anos, e atualmente é de 68 anos. Junto com o envelhecimento populacional, observa-se que estão ocorrendo transformações na sociedade em relação ao idoso, hoje não visto mais com o estereótipo da velhice, como por exemplo, vovô e vovó cuidando de netos, mas sim como indivíduos ativos e interessados em procurar conquistar seu espaço social com mais dignidade, em busca de seus direitos e da valorização de seu papel dentro da sociedade. E um dos pontos importantes dessa transformação é o programa de Universidade livre da terceira idade, alicerçado na inserção da pessoa de faixa etária igual ou acima de 40 anos no contexto social atual.

Objetivo : levantaram-se dados sobre as expectativas dos alunos ingressantes e frequentadores de um programa voltado à terceira idade.

A metodologia adotada foi à aplicação de um questionário de pesquisa, contendo duas partes, uma com um questionário com 9 questões fechadas e mistas, para levantamento de dados pessoais, e outra de 6 perguntas, tipo Likert, de cinco escalas (sendo 5 expectativa plena), para avaliar a opinião dos alunos quanto a expectativa de ingresso no curso da Universidade livre da terceira idade. Foram entrevistados 30 idosos de ambos os sexos, na faixa etária de 40 a 90 anos ingressantes no programa da Universidade livre da terceira idade da Universidade metodista de São Paulo.

Resultado: o aluno ingressante do programa da Universidade livre da terceira idade da Universidade Metodista de São Paulo vem em busca de novos conhecimentos, enfatizando o investir no aperfeiçoamento pessoal com a ampliação do contato social, sua autonomia e na procura de novas realizações, metas e inovações no estilo de vida.

Enfim, conclui-se que a educação por meio dos programas da Universidade Livre da Terceira Idade propicia ao idoso o aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades para buscar seu bem estar físico e emocional. Ressaltando que este é um dos objetivos da Universidade livre da terceira idade, a integração social do idoso, possibilitando-lhe o desenvolvimento de suas potencialidades e capacidades, para a compreensão e assimilação do processo de envelhecimento.

Palavras-chave: Idosos, Bem-Estar Subjetivo, Educação

Participante: Luciana Dadico

Outros Autores: Marilene Proença Rebello de Souza

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Cristina Maria Carvalho Delou

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Atuação do Psicólogo em ONGs na Área Educacional

Resumo: Apresentamos neste artigo uma pesquisa realizada com o objetivo de conhecer o trabalho de psicólogos que atuam em organizações não-governamentais na área educacional, com ênfase nas especificidades deste trabalho. A pesquisa apresentada, de caráter etnográfico, envolveu entrevistas realizadas com onze psicólogos, que atuavam em cinco organizações não-governamentais auto-declaradas como atuantes na área da educação, sediadas no município de São Paulo. Constituíram informações importantes para a pesquisa as características do trabalho realizado pelos psicólogos que atuam nessas instituições e as questões destacadas pelos psicólogos. A partir dos depoimentos e das análises feitas com base nos objetivos da pesquisa, pudemos destacar as seguintes unidades de análise: a) trajetória profissional dos psicólogos que atuam em ONGs; b) funções exercidas e trabalhos realizados por psicólogos; c) contratos de trabalho nas organizações não-governamentais; d) relações de trabalho e militância. Ressaltamos como parte dos resultados dessa pesquisa a peculiaridade da atuação do psicólogo em ONGs educacionais, que se desdobra em questões como: o ajustamento do profissional às regras de um mercado não-governamental em contraposição à busca pela práxis; o lugar ocupado pelo psicólogo como portador de conhecimentos especializados e a necessidade de se prover uma formação crítica; a flexibilidade/rigidez dos contratos de trabalho nas ONGs; a convergência ideológica obrigatória entre psicólogo e organização e as características de um trabalho afirmado 'militante'; as possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional do psicólogo dentro das organizações; as características deste trabalho em função do histórico na relação entre estado e ONGs no Brasil. Espera-se assim contribuir para a reflexão que vêm se operando no terreno em que confluem a atuação das ONGs, a educação pública e a prática profissional em Psicologia no país.

Palavras-chave: Atuação do Psicólogo, Organizações Não-Governamentais, Educação

Participante: Mirnamar Pinto da Fonseca Pagliuso

Outros Autores: Isabel Cristina Cisneros da Fonseca Heck, Marilda Costa Barbosa e Paulo Sérgio Buzolli

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Mirnamar Pinto da Fonseca Pagliuso

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersectoriais e Educação Inclusiva

Título: Contribuições para A Construção da Escola Inclusiva para Surdos

Resumo: A inclusão, na área da surdez, tem sido amplamente debatida em função das peculiaridades que envolve a educação da criança surda. Como consolidar a educação desses indivíduos, considerando que os professores são ouvintes, não sabem se comunicar com esses alunos e desconhecem a grande dificuldade que a criança surda encontra para adquirir uma linguagem (ferramenta indispensável na formação da sua identidade e da sua cidadania)? Observa-se, na prática, que há uma crença de que basta “saber” a língua de sinais para o professor estar apto a educar um aluno surdo. A língua de sinais é essencial para o processo inclusivo, mas é preciso considerar outros fatores. Entre eles, implica em o professor compreender que cada aluno é singular e que portanto, demanda uma relação professor-aluno direcionada às necessidades desse aluno. Implica, sobretudo, em ser empático as essas necessidades e em desenvolver novas posturas que responda as diferenças. Além disso, como incluir sem considerar os profissionais envolvidos nesse processo e sem analisar o sistema de ensino? Quais são as suas dificuldades e as suas possibilidades? O que sabem e o que pensam sobre a educação da criança com surdez?

Nesse contexto, iniciou-se o projeto educação inclusiva e surdez, do qual fizeram parte da equipe, uma psicóloga e uma pedagoga do Cepap, com conhecimento e experiência na área da surdez; uma ATP de educação especial e um professor de LP, ambos da DEE da região de Jaboticabal. A equipe trabalhou com 30 professores do ensino fundamental e médio das escolas estaduais das cidades dessa região, que possuíam surdos em suas classes. O projeto propunha-se a contextualizar a realidade do professor na condição de mediador do processo inclusivo, a sensibilizá-lo em relação as dificuldades na escolarização da criança surda, a refletir os conceitos envolvidos na educação inclusiva e a desenvolver atitudes reflexivas e éticas em suas práticas educacionais.

A partir do referencial teórico em Vigotsky e Baktin, mais especificamente no que diz respeito a formação da linguagem e da importância do entorno sócio cultural do indivíduo, foi introduzida uma metodologia participativa, gerada nas necessidades do grupo, contextualizando-se as ações para que os professores pudessem refletir as suas posturas frente a inclusão e compreender os “significados” que permeiam a educação do aluno surdo. Foram realizados seis encontros com os professores, no ano de 2007, nos quais, sob a coordenação da psicóloga, foram trabalhados vários temas e vivências. Todas as tarefas desenvolvidas durante os encontros eram planejadas, a priori, pela a equipe e tendo como referencial a interpretação feita do setting do encontro anterior.

Constatou-se, inicialmente, que os professores apresentavam-se mais resistentes, o que foi sendo gradativamente superado. Puderam então, vivenciar suas angústias e construir seus saberes de forma a se verem nesse processo, como atores sociais importantes nessa construção. As políticas públicas geradas nessa área, bem como o atual sistema educacional, não contemplam de forma explícita essas necessidades, seja não dando a devida importância para esses aspectos, ou desconsiderando o pouco preparo dos profissionais para compreender em profundidade que, para educar a todos, torna-se necessária a transformação dos paradigmas que norteiam o fazer pedagógico. A Psicologia, como campo do saber, pode contribuir muito para que a educação cumpra o seu papel.

Palavras-chave: Inclusão E Surdez, Educação Inclusiva, Relação Professor-Aluno

Participante: Márcia Oliva Soléra

Outros Autores: Sabine Althausen Zanotello e Maria Lúcia de Araújo Andrade

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersectoriais e Educação Inclusiva

Título: Cuidando dos Profissionais Que Atuam Junto aos Alunos com Deficiência no Ensino Regular

Resumo: No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) dispõe sobre o acesso ao ensino regular de alunos com necessidades educacionais especiais. Contudo, o que se observa é que o acesso disposto na lei não garante, por si só, a permanência e o sucesso destes alunos na escola. Considerando que dificuldades surgem na relação do sujeito com a diferença, os afetos dirigidos à criança com deficiência inserida no contexto escolar podem ser permeados por sentimentos de impotência e certo mal estar, que se impõem como obstáculos ao processo de inclusão e constituem fonte de sofrimento psíquico, não apenas para esta criança, mas, também, para os profissionais envolvidos no seu processo educativo. Apropriando-se da experiência de seus profissionais na área da deficiência intelectual, a Associação Pestalozzi de Osasco, uma organização da sociedade civil, sem fins econômicos, realizou, no ano de 2007, intervenção na rede pública municipal e estadual de ensino. O projeto apoiar, que recebeu apoio financeiro da Petrobrás por meio do fundo municipal da criança e do adolescente, teve como objetivo propiciar uma mudança de atitude dos profissionais da educação frente à diversidade e, com isto, favorecer o processo de inclusão escolar da criança com deficiência. No período de um ano, participaram do projeto apoiar 357 profissionais, incluindo professores, coordenadores, vice-diretores, pajes, inspetores de alunos, cozinheira e auxiliares administrativos. O procedimento consistiu em, usando a psicanálise como “instrumento de intervenção”, oferecer oficinas para grupos com aproximadamente dez participantes, com 8 horas de duração. Nas 36 oficinas realizadas foram levantadas, inicialmente, as principais angústias e dificuldades do grupo e, a partir desta escuta, foram oferecidos esclarecimentos conceituais sobre a deficiência e suas vicissitudes. Também foram utilizados instrumentos, tais como trechos de filmes, textos e livros infantis como disparadores de discussões que puderam favorecer a elaboração de aspectos psicológicos resistentes ao contato com a diferença. Nas reflexões e questionamentos sobre a deficiência, as diferenças individuais, a diversidade, e no reconhecimento das dificuldades e angústias vividas no cotidiano escolar, os profissionais abordaram aspectos importantes que durante as oficinas puderam ser compartilhados e acolhidos por todo o grupo. Este movimento possibilitou que as pessoas desenvolvessem um olhar mais compreensivo e ampliado sobre as questões da deficiência, bem como visualizassem caminhos e dispusessem mais recursos pessoais e institucionais para o enfrentamento das dificuldades na relação com a diferença/deficiência dentro do contexto escolar. A partir de um questionário, aplicado no início e no final de cada uma das oficinas, juntamente com o levantamento das expectativas dos grupos e sua posterior avaliação ao término do trabalho, evidenciou-se a necessidade da oferta de um espaço de escuta para os profissionais, pois, na medida em que foram acolhidos em suas limitações e potenciais, manifestaram maior capacidade de também olhar, cuidar e escutar os alunos com deficiência.

Laboratório do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - Lab. SUCOR / IP-USP. E-mail: solera@neobox.com.br

Laboratório Interunidades de Estudos sobre as Deficiências do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - LIDE/IP-USP. E-mail: sabine_alt@yahoo.com.br

Departamento de Psicologia Clínica - IP-USP. Laboratório do IP-USP. E-mail: labsucor@usp.br

Palavras-chave: Psicanálise, Inclusão Escolar, Deficiência

Participante: Carolina da Costa Lima

Outros Autores: Débora Priscila Panhoto, Elisângela de Sousa Freire, Mercedes Edouard Bou Raffoul, Ayumi Vanessa Hayashida, Wahita Mery Ramos Bichini e Maria Fernanda de Jesus Mião Coam

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Liliâne Garcez

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Educação Inclusiva: Reflexões da Participação de Psicólogos na Construção de Políticas Públicas

Resumo: Deixar o lugar atribuído ao psicólogo na educação, constituído historicamente como profissional apaziguador dos conflitos, avaliador de dificuldades de aprendizagem, curador dos problemas emocionais, orientador de pais, modificador de comportamentos etc., tem sido um dos principais focos do trabalho desenvolvido pela equipe de psicólogas do centro de apoio multiprofissional à educação - CAME da secretaria municipal de educação de Suzano. Para sair desse lugar que coloca o indivíduo/aluno como detentor de patologias e migrar para uma atuação no campo das políticas públicas, a equipe tem buscado, por meio de discussões coletivas, estabelecer outras formas de atuação. O aprofundamento dos estudos sobre o paradigma da inclusão tem exigido de todos os profissionais que compõem a equipe do CAME, nas diversas especialidades, uma reflexão crítica sobre sua atuação para o desenvolvimento e efetivação de práticas diversas que se dão, por exemplo, por ações compartilhadas. Nestas, os saberes construídos ao longo do tempo têm sido ressignificados e transformados, buscando-se lugares outros para esses profissionais dentro da educação.

Ao longo do trabalho para a implementação e consolidação da diretriz educação inclusiva - uma das cinco diretrizes da secretaria de educação -, a equipe de Psicologia do CAME experimentou, por meio de um percurso dialógico, a possibilidade de transformação de seu papel tradicional e o conseqüente direcionamento para uma atuação com foco na formação dos demais educadores da rede municipal. Assim, paulatinamente, as psicólogas vêm exercendo ativamente uma função educadora e abandonando o olhar clínico na educação, quer no debate intra ou interdisciplinar. Internamente à equipe de Psicologia, por meio de constante discussão acerca das queixas escolares e do entendimento da diversidade como valor, a proposta de atuação tem se direcionado para ações institucionais e coletivas, diminuindo o encaminhamento interno para atendimentos individuais ou em grupos de caráter clínico, integrador. Interdisciplinarmente, o estudo coletivo das políticas públicas, das legislações vigentes, das questões que envolvem inclusão x integração e a caracterização do atendimento educacional especializado tem proporcionado à equipe do CAME espaço para reflexão sobre suas práticas, desenvolvendo assim, um trabalho multiprofissional efetivo na execução de planos educacionais de apoio em parceria com os educadores que os solicitam.

A apropriação destes saberes dentro do paradigma da inclusão, envolvendo uma mudança no olhar para a diversidade, discutida nas formações aos educadores pela equipe multiprofissional, tem (re)direcionado a atuação dos profissionais do CAME prioritariamente para a problematização do cotidiano e das queixas escolares, no desenvolvimento de ações de mediação e trocas entre e com os profissionais das escolas, objetivando que os envolvidos possam se perceber pertencentes e responsáveis por uma educação de qualidade social para todos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Políticas Públicas, Equipe de Apoio

Participante: Renata Cristina Domingos de Souza Lima

Outros Autores: Graciela Ruvieri, Carla Milani

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Renata Cristina Domingos de Souza Lima

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Educação Inclusiva: Um Levantamento do Conhecimento dos Professores

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo fazer um levantamento do conhecimento dos professores da rede pública de ensino, sobre inclusão. Participaram da pesquisa 18 professores da rede pública de ensino, municipal e estadual, do município de Ouroeste, localizado no interior do estado de São Paulo. Foi utilizado como material para a coleta de dados um questionário semi-aberto, composto por 12 questões de múltipla escolha e 2 questões dissertativas. Os aspectos pesquisados relevantes foram: a formação dos professores, conhecimento sobre a proposta de inclusão do governo, preparação para trabalhar com a educação inclusiva, disponibilidade para trabalhar com educação inclusiva. Os resultados comprovam que os professores não se sentem preparados para trabalhar com a educação inclusiva, que conhecem a proposta, mas não houve nenhum estudo aprofundado acerca do assunto. Alguns não possuem nenhum tipo de especialização, outros acreditam que a inclusão é apenas “colocar” esses alunos na mesma escola, mas em salas separadas e com professores específicos da área. Aponta resistência dos professores em relação à educação inclusiva. A pesquisa indica a necessidade de se esclarecer o real objetivo da proposta de inclusão do governo e preparar os professores para essa mudança. Também, fazem-se necessárias outras pesquisas com populações de outras cidades, já que os dados obtidos nesta ficam restritos a uma população específica.

Palavras-chave: Inclusão, Professores, Educação

Participante: Nathália Cristina Santos Soares

Outros Autores: Aliça Brito Kawakami e Aline Íris Gil Parra Magnani

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Aline Íris Gil Parra Magnani

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Educação Inclusiva: Uma Visão Biopsicossocial

Resumo: Ao falar em educação inclusiva, pressupõe-se que seja uma educação para todos; onde as necessidades dos alunos sejam supridas, independentemente de sua cultura, de sua classe-econômica e de sua deficiência. Mas, na atual política inclusiva o que acaba acontecendo é apenas a inserção física do aluno no contexto escolar. É necessário que se busquem formas de mudar a perspectiva da escola, capacitando professores para educar todos e não somente alguns, tornando a escola apta a atender as necessidades de todos. Para que assim, esses alunos sejam parte integrante da sala de aula e não meros espectadores. O objetivo desse trabalho foi o de promover a socialização e a inclusão dos alunos denominados com deficiência, integrando-os aos demais alunos da instituição. O trabalho foi realizado junto a uma instituição escolar da prefeitura, do município de São Paulo, com 180 alunos do período da tarde do ciclo I. Foram distribuídas, aleatoriamente, 4 cores entre os 180 alunos e reuniram-se os alunos com cores iguais formando assim, 4 grupos de 45 alunos. Esses grupos, formados por alunos de 1º à 5º ano, no 1º dia fizeram um rodízio entre as 4 oficinas: português, matemática, artes e sensações & percepções, onde todos os integrantes do grupo interagiram entre si, para solucionar as atividades propostas. No 2º dia, foi feito um caça tesouro onde, mais uma vez, todos os integrantes do grupo interagiram entre si, para encontrar seu tesouro e para finalizar os alunos confeccionaram um painel, onde todos os alunos colocaram seus nomes, juntamente com suas mãos pintadas com a cor de sua equipe. Os resultados mostram que com a integração desses alunos, todos se enriqueceram por terem vivenciado diversas

habilidades, entre elas as sociais e as acadêmicas, uns com os outros. Os alunos com deficiências tiveram a oportunidade de participar de atividades juntamente com os outros alunos, o que do ponto de vista psicológico é fundamental, pois a criança com deficiência pode não assimilar bem o currículo escolar regular, mas pode ganhar muito com as experiências não acadêmicas realizadas no ambiente escolar. Constatou-se que é necessária uma política educacional, onde a forma de ensinar é centrada no aluno, respeitando as diferenças dos indivíduos.

Palavras-chave: Educação, Inclusão, Psicologia

Participante: Claudia Gomes

Outros Autores: Vera Lucia Trvisan de Souza

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Escola Inclusiva: Repensando Alguns Fatores Contextuais

Resumo: Entende-se por inclusão a garantia a todos, do acesso contínuo ao espaço da vida comum em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento a diversidade humana e de aceitação das diferenças individuais. Pensar e efetivar o processo de inclusão escolar é redirecionar as ações escolares até então desenvolvidas, é rever a organização física, estrutural, organizacional e principalmente pessoal e profissional dos agentes humanos envolvidos. Para tanto, este estudo lançou como objetivo explorar os fatores contextuais que influem no processo de inclusão escolar. Este estudo delineado como um estudo de caso, contou com a participação de quatro professoras do 1º ciclo de educação regular, e 19 alunos da rede regular de ensino particular da região do ABCD/SP. As observações e os sistemas conversacionais realizadas e mantidos em diferentes momentos (reuniões pedagógicas, atividades festivas, aulas em sala de aula, aulas em laboratórios, atividades extra-escolares) entre os participantes e a pesquisadora foram considerados recursos centrais de obtenção e produção de informação para essa pesquisa. As informações foram construídas durante os sete meses de acompanhamento diário da pesquisadora na instituição. As informações obtidas puderam ser relacionadas em três esferas de análise: 1) estrutura e organização institucional; 2) enfoque em sala de aula e, 3) família, sociedade e inclusão. A análise dos fatores relacionados a estruturação e organização da instituição escolar necessária ao processo de inclusão denotou que se de um lado, a instituição pode possuir uma avaliação satisfatória quanto a seus aspectos físicos, por outro lado, a organização pedagógica burocratizada parece privar seus profissionais da elaboração das ações a serem construídas, distanciando as esferas de “quem pensa as propostas e de quem as instrumentaliza cotidianamente”. Já no que se refere aos aspectos que influenciam o processo de inclusão enfocando as atividades em sala de aula puderam ser obtidos entraves pedagógicos, como procedimentos focados ainda na reprodução do conhecimento, ou ainda esferas de avaliação com base na competitividade dos alunos, que somados a uma prática profissional de isolamento de cada professor em sua sala de aula, vem a estremecer de modo geral as relações sociais instauradas com a “desconsideração das potencialidades dos alunos/professores”. Por fim, na esfera relacionada aos aspectos familiares e sociais que apresentam relação com o processo de inclusão escolar pôde ser evidenciado que ao mesmo tempo em que os professores atribuem importância central à participação familiar no processo inclusivo, indicam também que a “situação de fracasso escolar tem raízes externas às relações escolares”, e que muitas vezes nada podem realizar para reverter o quadro de insucessos dos alunos. Pode-se concluir que efetivar o processo de inclusão escolar de alunos com necessidades especiais exige acima a compreensão de instauração de novos posicionamentos institucionais, profissionais e familiares, como um esforço

conjunto para o desenvolvimento e construção de uma escola inclusiva com práticas que propiciem desenvolvimento a todos os seus alunos com enfoque às suas diversidades e com respeito às suas diferenças.

Palavras-chave: Inclusão, Necessidades Especiais, Escola Inclusiva

Participante: Juliana Sano de Almeida Lara

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Adriana Marcondes Machado

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Estágio em Uma Instituição Escolar - Intervenção em Uma Sala de Apoio E Acompanhamento à Inclusão (SAAI)

Resumo: Este trabalho foi realizado em uma escola municipal de São Paulo como estágio da disciplina de graduação “Psicologia escolar e práticas institucionais”, oferecida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A partir da demanda trazida pelas professoras e da intenção de habitar territórios que falassem sobre a produção do analfabetismo, a equipe do estágio se responsabilizou por quatro espaços da escola. Neste trabalho, serão relatadas as atividades realizadas em dupla junto à SAAI (sala de apoio e acompanhamento à inclusão). Compreendendo que as questões subjetivas têm influência sobre o processo de escolarização, partimos do pressuposto de que o saber psicológico pode ser utilizado na escola com o objetivo de contribuir para a melhoria deste processo. Participamos de 10 aulas da SAAI, uma reunião com os professores da escola, três aulas de uma sala regular e uma reunião das professoras de todas as SAAI das escolas da região. Foram, no total, 17 visitas à escola com o objetivo de buscar cenas e acontecimentos que pudessem servir de material para o levantamento de hipóteses sobre o que acontece e a criação de estratégias de enfrentamento dentro da instituição. Os principais problemas levantados com relação à SAAI foram: a sobrecarga da professora, responsável por um grande número de alunos; a solidão da professora no que concernia ao trabalho desta sala; e as dificuldades dos professores em realizar a inclusão dos alunos da SAAI nas salas regulares. Buscamos fortalecer nossa relação com a professora por meio da criação de uma tarefa comum para a qual seus saberes são fundamentais. Construímos em parceria com ela intervenções sobre aquilo que era trazido como problemático, visando fortalecer a nossa relação com ela e com os alunos e, com isso, agir na cristalização que pode se produzir na história de um aluno considerado “de inclusão”. Para isto, buscamos proporcionar que os alunos da SAAI pensassem sobre os espaços que eles ocupam na escola e aproximar a SAAI das salas regulares, envolvendo mais agentes da escola no seu funcionamento. Para tal, confeccionamos com os alunos da SAAI um painel sobre esta sala e outro sobre a sala regular; visitamos uma sala regular com a professora e os alunos da SAAI para conversarmos sobre a SAAI; promovemos uma visita de alunos de outra sala à SAAI, o que permitiu desconstruir alguns estereótipos e preconceitos sobre este lugar; e afirmamos com o grupo de professores a necessidade do estabelecimento de mais reuniões para discutir a inclusão dos alunos da SAAI que fossem marcadas logo no início do ano.

O estágio nos colocou em contato com as dificuldades do trabalho do professor, permitindo-nos compreender suas angústias e seus esforços que muitas vezes não são reconhecidos. Compreendemos a importância de problematizar as dificuldades trazidas e de criar espaços institucionais para pensar as práticas, evitando fazer julgamentos sobre as ações do professor e da escola e privilegiando o trabalho coletivo.

Palavras-chave: Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão (SAAI), Escolarização, Intervenção

Participante: Vânia Aparecida Calado

Outros Autores: Marilene Proença Rebello de Souza

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Gênero, Escola e Conflito Com A Lei: Um Estudo de Registros de Atendimento a Adolescentes em Medida Sócio-educativa em Meio Aberto.

Resumo: Este trabalho investiga a participação do psicólogo em políticas intersectoriais, tendo em vista as relações que se estabelecem entre escolarização e conflito com a lei. O fracasso escolar é um tema clássico da Psicologia Escolar e adolescentes em conflito com a lei, em sua grande maioria, são meninos que possuem histórico de evasão escolar, problemas de aprendizado, transferência de escola e expulsão. Compreender a relação entre escola e práticas de violência implica em reconstruir a complexidade das relações sociais que estão presentes no espaço social da escola. Estudos apontam que gênero - conceito historicamente construído que se contrapõe a sexo - também define as políticas que são implantadas nas escolas e as identidades subjetivas. Assim, tendo como base a Psicologia histórico-cultural, consideramos fundamental investigar a rede de relações presente na escola para compreender a articulação entre gênero, fracasso escolar e delito dentro desta. Os objetivos são: identificar e analisar as relações estabelecidas entre adolescentes e escola, que produzem atos de indisciplina destes adolescentes e que culminam no cumprimento de medidas sócio-educativas (MSE) em meio aberto; identificar e analisar a presença das questões de gênero na produção de atos de indisciplina na escola que culminam no cumprimento de MSE em meio aberto; analisar como os atos de indisciplina destes adolescentes repercutem nas suas trajetórias escolares. O método adotado será constituído de uma etapa quantitativa e outra qualitativa, por meio de estudo de caso. As duas etapas serão realizadas num município compreendido pela grande São Paulo. Na etapa quantitativa realizamos mapeamento de aproximadamente 600 pastas técnicas de adolescentes que cumpriram MSE em meio aberto entre 2000 e 2007, considerando a faixa etária 12-19 anos, para a elaboração de estudo exploratório sobre os tipos de atos produzidos na escola e cometidos pelos alunos e interpretados como delitos. Identificamos 21 pastas de adolescentes que cumpriram MSE após cometerem delito na escola. Até o momento analisamos 294 pastas - incluindo 14 pastas de MSE após delito cometido na escola - por meio de tratamento estatístico utilizando o programa SPSS (Statistical Package for Social Sciences). Observamos que a idade dos adolescentes concentra-se entre 16-18 anos, 92,5% são meninos e 7,5%, meninas, a escolaridade varia entre a 5ª série do ensino fundamental e o 3º ano do ensino médio, 60% estudavam e 37,5% trabalhavam. Para o tipo de infração, temos o furto e o roubo em sua maioria. Para as 14 pastas com delitos cometidos na escola, as ameaças e agressões são os delitos mais frequentes, as meninas infracionam mais do que os meninos, a prestação de serviços à comunidade é a medida mais aplicada. Para a etapa qualitativa selecionaremos pastas técnicas para análise da trajetória escolar do adolescente durante o cumprimento da MSE, a fim de resgatar o histórico da infração cometida no interior da escola, para identificar a presença ou não de questões de gênero. Consideramos que esta discussão seja importante no campo da educação e que produza a problematização da relação Psicologia, Educação e Direitos da Criança e do Adolescente.

Palavras-chave: Gênero, Escola, Conflito Com A Lei

Participante: Anderson Borges de Santana

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Tatiana Platzer do Amaral

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Inclusão Escolar: O Processo de Escolarização de Egresso de

Escola Especial Marcado pela Tentativa de Retorno Após Inclusão no Ensino Comum.

Resumo: [introdução] Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o processo de escolarização de aluno egresso de escola especial após sua inclusão no ensino comum. A investigação se deu por meio da análise do processo de encaminhamento à escola especial e a posterior inclusão no ensino regular, analisando também os motivos que levaram à tentativa de retorno à escola especial. [metodologia] Esta pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa que se configura como estudo de caso, o que permite maior flexibilidade quanto à coleta e análise dos dados.

Foram feitas entrevistas com a mãe de um ex-aluno de escola especial regularmente matriculado no ensino comum, mas que tinha como intenção retornar à escola especial. Também foram analisados documentos, como um caderno antigo do aluno. As informações contidas nas entrevistas e originárias da observação foram organizadas, a partir dos objetivos estabelecidos, de forma que possibilitem o entendimento do processo de inclusão insatisfatória na educação comum.

[resultados/discussão] A investigação acerca da história escolar do aluno nos permitiu constatar que não houve um processo de inclusão escolar, visto que sua escolarização se deu quase que totalmente em salas especiais, bem como é marcada pela descontinuidade do processo de ensino-aprendizagem. Percebeu-se ainda a medicalização do ensino nas salas especiais da escola pública e o preconceito manifestado por meio da crença na incapacidade do aluno tido como especial, verificado por meio da fragilidade do ensino das salas especiais. [conclusão] De forma geral, é evidente o atraso no que diz respeito à materialização da proposta de inclusão escolar, considerando-se a inexistência de políticas públicas efetivas que garantam a inclusão e a permanência dos alunos ditos especiais nas salas do ensino comum. Constatou-se ainda a inexistência da comunicação entre escolas regular e especial, e mesmo a segregação das salas especiais da escola pública em relação às demais salas da instituição escolar, revelando a estagnação no que concerne às ações voltadas aos educandos com necessidades especiais.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Educação Especial, Processo de Escolarização

Participante: Elaine Ortiz de Moraes

Outros Autores: Ana Tonchinsky, Luciana Ruggiero Duarte e Vera Lucia Mendes Bailão Marujo

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Iniciação Profissional - Uma Experiência de Inclusão

Resumo: Objetivo: por meio de recursos facilitadores e par educativo, garantir a inserção social do adulto portador de distúrbio neuro-motor.

Trabalho: Nossa experiência de inclusão aconteceu na APAC - Associação de Pais e Amigos da Criança com Deficiência Neuro-Motora, no Projeto Stimuli, que tem como fundamentação teórica princípios de Andras Petö, que propõe a leitura do portador de distúrbio neuro-motor como educando e não como reabilitando e merecedor de educação especial.

Esta prática só faz sentido se considerarmos todos os membros da equipe como “agentes educacionais”, pautando suas práticas no binômio ensino/aprendizagem.

O trabalho de inclusão profissional aqui exposto é vivenciado por Ana Tonchinsky - 28 anos, portadora de distúrbio neuro-motor, que foi educada durante 18 meses em um grupo de educação condutiva em Budapest/ Hungria no Instituto Petö.

Hoje, Ana compõe um par educativo com Elaine, atuando como “contadora de histórias” voluntária em uma creche na Zona Oeste de São Paulo para crianças com até três anos.

Esta caminhada teve seu primeiro passo em 2004, quando foi percebida a vontade que Ana, já adulta, tinha em colaborar com seus saberes na construção do saber de outros. Com isso foi proposto pela equipe a Elaine, na época educadora de um grupo intermediário (entre o infantil e o adulto), pensar em atividades onde Ana pudesse participar auxiliando (projeto secretaria 1). Elaine elegeu a confecção de materiais para serem usados como recursos pedagógicos. Esse foi o primeiro exercício de Ana participando de um grupo como secretária do educador, pois ela construía os materiais didáticos e observava a utilização e aplicação deles.

Projeto secretaria 2 - segundo passo, neste momento Ana teve sua primeira experiência como par educativo com a Luciana confeccionando todo material para a construção do cenário de um conto de fada, também exercitou em dupla com um educador a contação da história.

Os dois primeiros passos ocorreram na APAC.

Em 2008, um desafio fez-se necessário utilizar o aprendizado no meio social terceiro passo.

O projeto de contação de histórias com par educativo foi implantado em uma creche.

Ana e Elaine escolheram a história que elas já haviam confeccionado e creche.

Avaliação dos resultados: Incluir-se no mercado de trabalho é por si só um grande desafio, assim como ser capaz de reconhecer seus interesses, facilidades e limitações. Isso faz com que se procure um caminho a seguir.

Antes da escolha da contação de história em creche, vivenciou um grupo de trabalho de paisagismo, onde seria consultora de acessibilidade e também observou a rotina de uma escola de educação infantil pensando em ser auxiliar do berçário.

Com Ana a reflexão para escolha do caminho ocorreu mais facilmente, pois também participa de um projeto de autoconhecimento elaborado por Elaine psicóloga e educadora.

Por meio deste foi possível questionar, perceber e colocar em prática o aprendizado com o projeto que considerou mais prazeroso e necessário para a região.

Palavras-chave: Inclusão, Educação, Paralisia Cerebral

Participante: Fernando Parede

Outros Autores: Adryana Ponciano Affonso, Bruna Bertani Alves de Souza e Aline Íris Gil Parra Magnani (todos os autores da Universidade São Judas Tadeu, de São Paulo)

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Aline Íris Gil Parra Magnani.

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: O Processo da Identificação na Inclusão de Surdos na Escola, Mercado de Trabalho e Sociedade.

Resumo: O processo da identificação na inclusão de surdos na escola, mercado de trabalho e sociedade.

Resumo: A Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) é oficialmente a segunda língua Brasileira. Objetivou-se levantar as necessidades institucionais detectadas; atender problemas de ensino-aprendizagem; nos inserir no planejamento e execução de programas de enriquecimento curricular e executar um trabalho interdisciplinar realizando um estágio supervisionado por meio de parceria entre a Universidade, uma escola municipal de ensino para deficientes auditivos (EMEDA) localizada na região leste da cidade de São Paulo e um profissional intérprete de alunos surdos universitários. Neste estágio levantaram-se as características e demandas da referida escola assim como se compreendeu a realidade dos surdos por meio de supervisão; visitas semanais à instituição de ensino; observação das relações escola-aluno-família e diálogo com professoras, coordenadora pedagógica, diretora, assistente de direção, profissional intérprete e alunos com auxílio da tradução da/para Libras realizada pelas professoras e intérprete. As prin-

cipais características e demandas levantadas foram a falta de perspectiva dos alunos das oitavas séries quanto a continuação dos estudos e a falta de informações e interesse desses mesmos alunos sobre a inserção no mercado de trabalho. Considerando esses levantamentos, a fim de promover perspectivas futuras e aquisição de informações aos alunos da EMEDA, planejaram-se três palestras em datas distintas sendo que a primeira e a segunda foram proferidas por alunos surdos universitários, um deles pós-graduando e ex-aluno da instituição, convidados pelo intérprete e a terceira palestra pelo próprio profissional. Nessas palestras os alunos expuseram suas trajetórias, dificuldades e benefícios para terminarem o curso universitário. Os alunos demonstraram-se, além de grande interesse e admiração pelos universitários, beneficiados com a palestra, capazes e encorajados a continuar o percurso de formação. O impacto das palestras foi gratificante a todos os envolvidos no estágio e os resultados obtidos mostraram que sem a colaboração dos profissionais dominantes da Libras os objetivos não seriam alcançados. Além disso, a identificação dos alunos com os universitários foi relevante para que as atividades realizadas tivessem a eficiência desejada.

Palavras-chave: Inclusão, Surdez, Sociedade

Participante: Siomara Roberta de Siqueira

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Siomara Roberta de Siqueira

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Papel da Família e Os Diálogos Necessários com A Escola, O Estado e O Poder Público

Resumo: Objetivo: o conceito de diálogo social surge das teorias sociais como um olhar uniforme das idéias para um olhar que reconhece a diversidade e abre um espaço que facilita a construção comum de conceitos por meio da busca de consensos, acordos e entendimentos reconhecendo as diferenças entre os atores. Desta perspectiva, a ênfase no diálogo está na pluralidade que se hoje se encontra na vontade dos distintos participantes, que decidem livremente formar parte de um projeto comum.

Existem muitas definições sobre o diálogo social, uma delas mais comumente utilizada aponta a definir como um sinônimo de negociação social e que se diz que ambos conceitos fazem referência a atividades de negociação bipartida, tripartida ou com pluralidade de atores em distintos níveis de modo a discutir acerca de questões de grande importância econômica e social.

Atividade: o diálogo é considerado um processo complexo e contínuo de participação social, no qual se busca levar condições para que os atores participantes possam analisar em conjunto temas específicos que traz em sua raiz variações sobre o conflito. Em alguns casos o objetivo do diálogo social é abrir um tema para a discussão. Em outros, é buscar acordos concretos sobre o tema. Esta ferramenta de participação da cidadania é uma interface comunicativa entre estado e sociedade, aonde os indivíduos participam num processo de consulta e criação de propostas, para que este projeto se traduza em um plano de ação para a extensão da proteção social na educação. Neste sentido sugerimos que surjam iniciativas de inserir a família, a escola e o poder público em um diálogo.

Para efeito desta apresentação, o diálogo social será entendido como uma técnica participativa de negociação coletiva, que busca reunir os diversos atores sociais com o objetivo de acordar, compartilhar e definir ações a seguir em um âmbito específico de interesse comum: a escola.

Características do ator para entrar em um processo de diálogo

- deve ter conhecimento e informação a respeito do tema que vão discutir;

- habilidades comunicativas e de negociação dos diferentes acordos;

- legitimidade em seu espaço de participação.

Tipos de participação

participação como intervenção na tomada de decisões;

participação como influência e consulta;

participação como delegação;

participação como controle;

participação política.

Resultados: um bom caminho para a promoção de tal proposta é lançar mão do emprego de técnicas de resolução de conflitos no cotidiano das escolas, principalmente se os conflitos em questão apresentarem características éticas que solicitem aos sujeitos considerar ao mesmo tempo os aspectos cognitivos e afetivos que caracterizam os raciocínios humanos.

Palavras-chave: PARTICIPAÇÃO SOCIAL, DIÁLOGO SOCIAL, CIDADANIA

Participante: Eveline Tanelotto Barbosa

Outros Autores: Vera Lucia Trevisan de Souza e Maria Eufrásia de Faria Bremberger

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Vera Lucia Trevisan de Souza

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersectoriais e Educação Inclusiva

Título: Percepção dos Professores sobre Seu Papel na Inclusão

Resumo: percepção dos professores sobre seu papel na inclusão.

Introdução: a inclusão, como movimento social, ganhou força nos anos 80, nos países desenvolvidos, e anos 90, no Brasil. A Declaração de Salamanca é um dos importantes documentos que deram impulso ao movimento da inclusão e tem como pressuposto básico o direito de todas as crianças, jovens ou adultos, de serem acolhidos nas instituições educacionais, seja qual for sua classe social, religiosa, lingüística, étnica ou cultural (Brasil, 1997). Esse movimento gerou uma série de conflitos nas escolas, em decorrência da falta de orientação sobre como atender aos alunos de inclusão. Nesse processo, os professores vêm desenvolvendo formas de conceber a inclusão que carecem ser investigadas, pois a maneira como a concebem interfere nas suas ações pedagógicas e, por conseguinte, no desenvolvimento do aluno com necessidades especiais. Desta forma, o sucesso ou não da inclusão depende, em grande medida, das atitudes e crenças do professor em relação ao aluno, que por sua vez influencia o modo de ensiná-lo.

Objetivos da pesquisa: identificar, nas falas dos professores, sua percepção sobre a inclusão; analisar as concepções sobre inclusão que estão na base das percepções dos professores; discutir as relações entre a concepção do professor e o desenvolvimento de alunos portadores de necessidades educacionais especiais.

Metodologia: abordagem qualitativa de pesquisa, adotando os seguintes procedimentos: observações do campo, de modo a construir um diário com o registro do observado e de reflexões sobre o vivido no momento da observação. Entrevista semi-estruturada com duas professoras, que trabalham em salas com alunos portadores de necessidades educacionais especiais da rede escolar do município de Campinas/SP.

Resultados esperados: como relatados em algumas pesquisas empíricas, o professor já tem crenças a priori acerca dos alunos com necessidades educacionais especiais, e muitas vezes essas crenças são depreciativas, interferindo na relação professor-aluno (camisão, 2004). Desta forma, espera-se que a pesquisa contribua para alterar essas atitudes dos professores frente à inclusão, na medida em que se refletirá sobre a importância de suas percepções no ato de sua prática de ensino e aprendizado. Espera-se, também, que essa pesquisa contribua para a ampliação dos conhecimentos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa no qual está vinculado.

Palavras-chave: Professores, Identidade, Inclusão

Participante: Ana Paula Ribeiro Hirakawa

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Izabella Paiva Monteiro de Barros

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersectoriais e Educação Inclusiva

Título: Programa Escola da Família: O Olhar das Crianças sobre O Espaço-Escola Aberto à Comunidade

Resumo: Introdução: a escola e a família são instituições fundamentais, que atuam no desenvolvimento do indivíduo, e ambas são as duas agências educativas mais importantes da sociedade atual. Dependendo da escola, ela pode deixar que o aluno se desenvolva o seu próprio modo, ou agir de forma coercitiva, para que esse aluno passe a agir da forma esperada. O espaço escolar, portanto, tem um papel importante na formação da criança, podendo ser um espaço para disciplinar e tornar as consciências e os corpos dóceis, ou ser um local da comunidade em que o sujeito se projeta, tendo vivências e experiências, assim, mantendo uma relação direta com o outro, criando uma interação, que atua diretamente na essência desse sujeito. Objetivo: este trabalho tem como objetivo entender o que ocorre quando esse espaço-escola passa a ser aberto para a comunidade, e a família e a criança começam a interagir neste local, que antes era visto como uma instituição à parte. Para tanto, o local da pesquisa foi uma escola que realiza o programa escola da família, que é um projeto do governo do estado de São Paulo que abre o espaço escolar aos finais de semana para a comunidade. Método: fizeram parte do estudo crianças que participam do programa escola da família há mais de um ano, com idade entre 7 a 12 anos, sendo três meninas e três meninos, que estão matriculadas em alguma instituição escolar e de baixo nível sócio-econômico e que têm familiares participantes do programa. Como estratégia de investigação, adotou-se a entrevista semi-dirigida com o intuito de investigar o significado de escola, e se as crianças percebem a família e a comunidade interagindo ou podendo interagir nesse espaço escolar. Essas entrevistas foram gravadas em áudio e, após, transcritas para a análise de dados. Resultados preliminares: até o momento da elaboração deste, foram finalizadas as entrevistas e iniciada a análise do material obtido nas gravações. Por meio desse processo, foi possível observar que a escola é vista como um local de aprendizado e disciplina, porém quando se referem ao espaço escolar, além de trazerem a questão do espaço físico como sendo grande ou pequeno, também afirmam que este é um espaço para as crianças brincarem e se divertirem.

Palavras-chave: Escola da Família, Criança, Espaço Escolar

Participante: Deise Fernandes do Nascimento

Outros Autores: Giovana Viveiros, João Luiz Brito, Marcos Cunha e Marcos Ribeiro

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Marcos Cunha

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersectoriais e Educação Inclusiva

Título: Projeto Nossa Escola Cidadã e Solidária: Família, Escola e Conselho Tutelar

Resumo: O presente trabalho consiste numa experiência de implementação de um projeto piloto intitulado “a relação entre família, escola e conselho tutelar” que recebeu o nome de “nossa escola cidadã e solidária”. Trata-se de um programa de intervenção social e educacional na escola, onde educadores, educandos, pais e comunidade passam por uma seqüência de oficinas com temas como: escola; família; concepção de infância e adolescência; criatividade; inteligências múltiplas, estatuto da criança e do adolescente e conselho tutelar. Os resultados alcançados foram satisfatórios, tanto do ponto de vista quantitativo, onde foram atendidas quase três mil pessoas em quatro escolas, como qualitativo, onde os depoimentos dos participantes durante

e depois do processo são muito significativos, como a melhoria nas relações professor e aluno, diminuição da agressividade, melhoria no desempenho escolar e no comportamento também em casa e, especialmente, a desmistificação do estatuto da criança e do adolescente e do conselho tutelar. Houve também a aplicação de questionários para professores, pais, alunos e conselheiros tutelares, sobre como cada um desses segmentos sociais percebe os demais. Os dados foram tratados com a metodologia da análise de conteúdo com resultados muito interessantes. A parceria entre as associações Instituto em Defesa da Cidadania 3º Milênio e Associação da Casa dos Deficientes de Ermelino Matarazzo, com patrocínio da Fundação Tide Setúbal, viabilizou o presente trabalho.

Palavras-chave: Família, Escola, Conselho Tutelar

Participante: Claudia Lopes da Silva

Outros Autores: Simone A. C. Favaretto

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Psicologia e Fonoaudiologia na Inclusão Escolar

Resumo: As relações entre saúde e educação têm se modificado rapidamente nas últimas décadas e a discussão sobre o que compete aos profissionais de saúde na educação tem sido objeto de controvérsia e de reflexão. Habitualmente, a entrada do profissional de saúde na escola decorre de encaminhamentos realizados para os serviços de saúde. Isso pode sinalizar uma limitação no campo da reflexão da escola sobre sua própria prática, uma tendência à culpabilização do aluno pela não aprendizagem e à busca de explicações externas para o fracasso escolar. Como regra, o profissional é solicitado a emitir pareceres sobre o aluno, definindo-o do ponto de vista patológico, explicando suas supostas deficiências e justificando a ineficiência da escola que, desta forma, pode ser absolvida de maiores culpas pela não permanência e/ou pela não aprendizagem desses alunos. Frente a isso, psicólogos e fonoaudiólogos que adotam uma postura crítica têm procurado alternativas de atuação, quer seja diretamente, como profissionais das secretarias de educação, quer de forma indireta, atuando nos serviços de saúde (atenção básica ou de média complexidade). A atuação de profissionais de saúde na educação favorece um conhecimento das demandas específicas da realidade educacional, legitimando e aumentando o alcance e a efetividade de suas ações. A inclusão escolar provoca esses profissionais a reformularem suas práticas em ambiente escolar, ao mesmo tempo em que essa nova forma de atuar modifica as práticas escolares existentes. O foco da ação deixa de ser o aluno diretamente e passa a ser as equipes gestoras das unidades escolares e o corpo de professores. O artigo 6º da resolução CNE/CEB nº 2/2001, que institui diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica, afirma que a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário deve ser realizada com assessoramento técnico. O MEC tem reafirmado o caráter multidisciplinar da avaliação com foco pedagógico. Neste cenário, o objetivo da atuação é formar com a equipe escolar, composta por pedagogos, um grupo de trabalho multidisciplinar para subsidiar as tomadas de decisão da escola em relação às respostas educativas demandadas pelos alunos. A ação de profissionais de saúde-educação não pretende substituir ações dos profissionais de saúde que não atuam no espaço escolar nem suprimir a demanda para atendimento em saúde, apesar de ajudar a corrigir distorções dos encaminhamentos improprios. A inclusão escolar não pode ser pensada e feita de forma isolada do entorno social. Este trabalho se alinha com a promoção de saúde no contexto escolar, com destaque para o compromisso ético e político relativo ao acesso à educação, permanência e aprendizagem como elemento

fundamental na construção da cidadania.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Fonoaudiologia Escolar, Inclusão Escolar

Participante: Maria Rozinetti Gonçalves

Outros Autores: Ricardo Breves Baruffaldi

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Reduc - Reabilitação e Educação pela Inclusão

Resumo: Como anda o processo de inclusão escolar?

Há três anos a equipe de saúde do ambulatório de deficiência mental das casas André Luiz, em guarulhos-sp, desenvolveu um programa que convida profissionais da educação para refletir sobre a inclusão escolar de crianças com deficiências.

O programa Reduc realiza encontros bimestrais a fim de estabelecer uma parceria intersetorial com as instituições de ensino que matriculam crianças que participam do serviço de atendimento ambulatorial. Visa fomentar redes sociais que possam sustentar e atender de maneira mais abrangente as demandas referentes ao processo de inclusão escolar

Ao longo desses anos participaram dos encontros cerca de 70 escolas, em sua maioria escolas municipais e estaduais, como também associações e instituições especializadas, representadas por professores, de várias disciplinas, coordenadores e diretores.

Essa parceria cria um espaço grupal de apoio à inclusão escolar. No qual, promover reflexões, compartilhar experiências, elaborar dúvidas, buscar informações e realizar ações assertivas, atravessam os objetivos propostos. Além de abrir a possibilidade de escuta e acolhimento das angústias que emergem a partir da convivência com a diversidade na adversidade.

Nos depoimentos de professores, coordenadores e diretores escolares são compartilhadas as precárias condições de trabalho no sistema educacional.

Observa-se também desmotivação, despreparo e resistência à inclusão, além dos medos e da estranheza que se sente com as novas demandas humanas vivenciadas no universo das deficiências.

A proposta é ampliar a teia de saberes, a partir da complexidade do processo de inclusão no sistema educacional. Se não há resposta para todas as dificuldades, que ao menos seja possível formular questões com qualidade e que essas perguntas possam abrir caminhos para novas experiências e oportunidades.

Conceitos, reflexões e posturas construídas a cada encontro do programa estão além dos conhecimentos das áreas de reabilitação e educação, contribuindo para a transformação social e para a formação crítica dos envolvidos.

Dentre os desafios do programa Reduc um deles é acreditar no processo de inclusão e criar condições para mudanças. Aceitar as dificuldades em lidar com aquilo que não está pronto, estabelecido e dado como certo. Esse processo pressupõe movimento, dessa forma não há um modelo pronto de inclusão, mas um percurso e uma construção diária de novos modos para entender e fazer educação.

Palavras-chave: Saúde, Educação Inclusiva, Parceria

Participante: Renato Dente Luz

Eixo: Psicologia, Políticas Públicas Intersetoriais e Educação Inclusiva

Título: Surdez e Educação: O Que Uma Escola Precisa Oferecer para Um Aluno Surdo?

Resumo: Nos últimos anos, muito se tem discutido sobre o processo educacional inclusivo. No Brasil, tem havido um esforço governamental que visa permitir a existência de uma escola que, efetivamente, seja para todos. No entanto, a efetivação de tal política da igualdade de direitos pode se tornar reducionista e

desumanizadora se não puder atentar às diferentes expressões humanas advindas de uma diversidade maior do que a contemplada pelo termo genérico “deficiente”. Neste sentido, a situação do aluno surdo é bastante delicada. No Brasil, além das divergências calorosamente debatidas nos últimos quinze anos em torno de qual a língua a ser utilizada na sua educação (português oral ou libras) tem-se discutido, de maneira mais intensa nos últimos dez anos, as questões referentes ao tipo de escola mais adequada para este público: regular inclusiva, regular com sala especial para deficientes, regular com sala especial para surdos, especial para surdos, escola bilíngüe de surdos. Para que tal situação possa ser compreendida de forma não simplista, há a necessidade de um contato mais aprofundado em torno das condições concretas e historicamente construídas em torno deste público a partir de aspectos particulares inter-relacionados (orgânicos, históricos, lingüísticos, educacionais, políticos e legais). Entende-se que tal tipo de perda orgânica solicita uma aquisição lingüística distinta da majoritária (português oral) e que a oferta lingüística visual deve ser sólida e acessível o suficiente para que o aluno venha a plenamente poder se apropriar e manipular tal idioma de forma criativa, assim como as pessoas ao seu redor possam fazer o mesmo para que uma rica interação humana aconteça. Como desdobramento, outros pontos emergem. O primeiro, geral e específico ao mesmo tempo, é que na surdez não tem havido, comumente, a garantia de um idioma plenamente acessível logo no início de vida. Assim, como garantir seu acesso e uso pleno? O segundo, um direito humano básico, é a respeito do lugar social vivenciado no processo educacional e que diz da possibilidade ou não do aluno surdo ser tratado como um igual e de não ser segregado. Posta a necessidade de oferecer ao aluno surdo uma escola em que efetivamente este interaja em todos os processos educacionais (formais e não-formais), e também a necessidade de questionar a sociedade para que o cotidiano social contemple de forma mais ampla a pessoa surda, a questão principal torna-se: o que uma escola de fato precisa oferecer para que diferentes tipos de alunos surdos tenham uma educação que contemple tanto as suas necessidades humanas mais gerais quanto às específicas? Assim, trata-se de discutir a questão do processo educacional do aluno surdo passando da idéia de igualdade para a de equidade com o foco na qualidade formativa oferecida tanto em termos de políticas públicas quanto de referências para a prática escolar junto a este público, objetivando a constituição de surdos efetivamente cidadãos.

Palavras-chave: Surdo, Educação, Políticas Públicas

Eixo 2: Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática

Participante: Marilene Proença Rebello de Souza

Outros Autores: Aline de Araújo Leite Santos, Aline Morais Mizutani, Deborah Rosária Barbosa, Jane Terezinha Domingues Cotrin, Anabela Almeida Costa e Santos, Juliana Sano de Almeida Lara, Kátia Yamamoto, Ana Karina Amorim Checchia, Marcelo Domingues Roman, Roseli Lins Caldas, Christiane Jacqueline Magaly Ramos, Tatiana Platzer do Amaral, Vânia Aparecida Calado e Zaira Fátima de Rezende Gonzalez Leal

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Marilene Proença Rebello de Souza **Eixo:** Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática

Título: Atuação do Psicólogo na Rede Pública de Educação Frente à Demanda Escolar: Concepções, Práticas e Inovações

Resumo: A área de Psicologia Escolar e Educacional tem desenvolvido, pelo menos nos últimos vinte anos, importante discussão em relação à formação/atuação do psicólogo no campo educacional. Os novos rumos da Psicologia escolar buscam formas de aproximação com a escola, coerentes com concepções de homem e de mundo que considerem a escolarização como um bem universal, um direito de todos e que precisa ser efetivado com qualidade. Mas o que fazem os psicólogos que atuam na área da educação, que concepções apresentam em relação à queixa escolar? Para responder a essas perguntas, realizamos esta pesquisa para conhecer o trabalho de psicólogos que atuam em sete estados Brasileiros: São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Bahia, Santa Catarina, Rondônia e Acre. O objetivo geral é identificar e analisar concepções e práticas desenvolvidas pelos psicólogos da rede pública frente às queixas escolares, oriundas do sistema educacional, visando compreender em que medida apresenta elementos inovadores e pertinentes às discussões recentes na área de Psicologia escolar e educacional em busca de um ensino de qualidade para todos. Neste resumo, focaremos nos dados obtidos no estado de São Paulo. A pesquisa prevê três etapas de coleta de dados: a) contato com os psicólogos que atuam em prefeituras no estado de São Paulo, visando confeccionar um cadastro dos serviços de Psicologia oferecidos na área de educação; b) aplicação do questionário preliminar sobre atuação do psicólogo na rede pública; c) entrevista com os psicólogos/equipes selecionados a partir da análise de questionários, visando detalhar as práticas vigentes. Foram contactados 127 municípios, uma amostra correspondente a 19,7% do total de municípios do estado (645). Destes, 61 contam com psicólogos no quadro de funcionários de suas secretarias municipais de educação (48%), 58 (45,7%) não têm psicólogos e 8 (6,3%) não forneceram informações a respeito. Estes municípios contam com 220 psicólogos e 108 responderam o questionário, o que corresponde a uma adesão de 49,1%. Portanto, os psicólogos que atuam na rede pública de educação do estado de São Paulo são majoritariamente mulheres (94,5%), com idades entre 24 e 58 anos, com tempo médio de trabalho na secretaria de educação de 8,7 anos e tempo médio de formação de 15,7 anos; em sua grande maioria se atualizam, realizando cursos além da graduação, dando assim continuidade à formação; atuam basicamente no ensino fundamental e na educação infantil; apresentam em suas práticas tendências que apontam na direção de um avanço no que diz respeito à consideração do papel dos diferentes agentes na constituição do processo de escolarização, focando alunos, pais, professores e funcionários como público-alvo e, como modalidade de atuação, a formação de professores e a assessoria às escolas; mas que ao mesmo tempo apresentam permanências de um modelo tradicional de atuação do psicólogo no campo da educação, presentes na prática do aten-

dimento clínico e da avaliação psicológica ao escolar. Analisando o perfil desses profissionais podemos dizer que há um hibridismo na prática profissional, articulando ações tanto no campo das práticas tradicionais da Psicologia, centradas na avaliação e no atendimento clínico, quanto de práticas consideradas inovadoras por apresentarem formas de abordagem do encaminhamento dos problemas escolares centradas na prática docente e na escola como instituição.

Palavras-chave: Atuação do Psicólogo, Educação Básica, Políticas Públicas

Participante: Ayumi Vanessa Hayashida

Outros Autores: Carolina da Costa Lima, Débora Priscila Panhoto, Débora Priscila Panhoto, Mercedes Edouard Bou Raffoul, Maria Fernanda de Jesus Mião Coam, Elisângela de Sousa Freire, Raquel Regina Rodrigues Monteiro, Keila Moraes Sandim e Wahita Mery Ramos Bichini

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Liliane Garcez

Eixo: Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática

Título: Contribuições do Psicólogo em Equipe Multiprofissional na Discussão e Construção de Políticas Públicas de Educação Inclusiva

Resumo: O presente trabalho aborda a participação da equipe de Psicologia do Centro de Apoio Multiprofissional à Educação - CAME nas discussões de políticas públicas voltadas à educação inclusiva e seus desdobramentos.

O CAME é definido como espaço no qual profissionais de diversas especialidades articulam seus conhecimentos e colaboram com a ampliação do acesso e da permanência com qualidade social de todos os alunos matriculados na rede municipal de ensino de Suzano. Atuando a partir das solicitações das escolas, o CAME oferece apoio aos envolvidos no processo educacional, sustentado por uma visão institucional, e dá suporte a uma ação pedagógica que visa a promover o atendimento integral ao estudante, colaborando para um processo educativo mais significativo para todos. A equipe de Psicologia realiza intervenções institucionais, a partir das relações constituídas no espaço educacional, tendo como subsídio declarações mundiais e legislações nacionais e municipais. Para tal, coloca em debate, entre outros, os significados atribuídos ao “fracasso escolar dos alunos”, motivo mais freqüente de solicitação do apoio do profissional da Psicologia, numa atuação que pretende contribuir para o fortalecimento das ações pedagógicas e concretização de políticas públicas educacionais. Desde 2005, o CAME tem participado das reuniões do Fórum Permanente de Educação Inclusiva - Fopei, em São Paulo. O Fopei é um espaço de diálogo entre pessoas interessadas na efetivação de uma educação de qualidade para todos e tem como objetos de discussão as atuais práticas desenvolvidas pelos educadores bem como o estabelecimento de políticas públicas de inclusão de todos na escola regular comum. Tem contribuído também para a elaboração das mais recentes conquistas na legislação nacional no que se refere a essa temática.

Com a participação em tais discussões, a equipe do CAME, em particular a da Psicologia, tem conseguido aprimorar seu conhecimento e prática cotidiana ao mesmo tempo em que oferece contribuições para os demais participantes do Fopei. Em vista disso, as ações da equipe de Psicologia têm cooperado em discussões e reflexões para alteração das políticas públicas locais. Como destaque, pode-se citar a criação do fórum permanente de educação inclusiva - Alto Tietê em 2007, com o intuito de possibilitar discussões sobre educação inclusiva regionalmente. A idéia foi de colaborar com a construção coletiva de políticas públicas que fomentem a construção de sistemas educacionais inclusivos. A equipe participou, ainda, da elaboração de um decreto municipal

para a efetivação da rede de apoio interdisciplinar à educação como forma de sistematizar as ações para a efetivação de uma educação inclusiva em Suzano. A partir da noção da diversidade como valor social e considerando que, por meio do diálogo, há a possibilidade de construção de um projeto educacional de qualidade para todos, a Psicologia como ciência e profissão tem tido importante papel nesse processo.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Fórum de Educação, Psicologia e Educação

Participante: Claudia Lopes da Silva

Outros Autores: Ana Paula Neves Lopes, Cristiane Ferrão Lazarini Campos, Edison Queiroz Junior, Heloísa de Oliveira Prado, Giorgi Maria de Fátima Neves da Silva, Marisa Assunção e Círculo Priscila Varella

Eixo: Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática

Título: Encontro com A Diversidade: Um Percorso Formativo em Psicologia Escolar

Resumo: Este trabalho relata a prática formativa com grupos de professores realizada por uma equipe de psicólogos escolares, que atua junto a escolas municipais da rede de ensino fundamental I (quatro primeiros anos) em São Bernardo do Campo (SP), com grupos de formação de professores.

Neste acompanhamento às escolas, caracterizado por conversas com equipes gestoras e professores, observou-se a necessidade crescente de uma formação direta com professores, tendo em vista os impasses vivenciados na prática com a inclusão escolar. Inicialmente, em 2005, foi oferecida uma formação por meio de um curso de caráter teórico permeado pelo debate sobre diferentes formas de trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, em que ficou clara a necessidade de focar cada vez mais a discussão sobre a prática

desde então, redimensionou-se a proposta de formação, considerando-se a possibilidade de instituir uma outra modalidade formativa, coordenada pelos psicólogos escolares, que privilegiasse a escuta de professores e oferecesse novas possibilidades de pensar sobre o fazer pedagógico. Assim, a escuta de professores, organizados em grupos, foi adotada como metodologia de trabalho para a formação.

O trabalho é inspirado nas proposições psicanalíticas que vêm sendo discutidas acerca do uso estendido desse referencial no trabalho com instituições e com grupos.

O objetivo é mobilizar no professor o desejo de discutir a realidade escolar e pôr em questão sua própria prática. Busca-se promover a experiência de discussão coletiva e a circulação de diferentes falas no grupo, o que permite àquele que fala ouvir a si próprio e poder lançar-se à criação particular de saídas para seu fazer pedagógico.

Em 2008, além de grupos com professores, iniciou-se um grupo com professores-coordenadores. Na definição do modo de funcionamento com esse grupo, da mesma forma que com os grupos de professores de sala de aula, a decisão pela participação nos encontros é do próprio profissional, o que permite que ele se implique e se responsabilize por essa opção.

Os encontros oferecidos ao longo do ano não têm uma continuidade didática, podendo ser freqüentados na medida da necessidade do profissional que os busca. Todas as formações ocorrem em horário de trabalho, e são denominadas encontro com a diversidade: limites e alcances. Essas experiências têm sido avaliadas e validadas pelos profissionais envolvidos nas propostas, apontando para uma possibilidade de trabalho em Psicologia escolar que se coloca como alternativa para o papel tradicionalmente atribuído ao psicólogo na escola, ou seja, voltado para os encaminhamentos individuais de alunos, particularmente

quando se está no campo da inclusão escolar. Percebe-se com isso a possibilidade de uma atuação em Psicologia escolar que pode produzir efeitos na prática dos profissionais da educação e coerente com uma visão politicamente emancipatória em educação pública.

Palavras-chave: Formação de Professores, Psicologia Escolar, Educação Inclusiva

Participante: Luis Fernando de Oliveira Saraiva

Outros Autores: Carla Biancha Angelucci e Beatriz de Paula Souza; Co-autores: Grupo Interinstitucional Queixa Escolar

Eixo: Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática

Título: O Grupo Interinstitucional Queixa Escolar e A Construção de Novas Práticas e Concepções no Atendimento a Problemas de Escolarização

Resumo: o grupo interinstitucional queixa escolar constituiu-se em 2004 e é formado por psicólogos e educadores, representantes de diversas instituições públicas, privadas e do terceiro setor, em uma experiência de gestão compartilhada. O que caracteriza o grupo é o comprometimento com o avanço de teorias e práticas de atendimento psicológico que incorporem a investigação do processo de escolarização na compreensão da constituição das subjetividades de crianças e adolescentes.

Temos realizado estudos, debates, sempre fortalecendo a ação dos psicólogos e educadores que se voltam para a infância e a adolescência em geral e dos psicólogos escolares em especial. O intuito é dar visibilidade a intervenções que considerem a dimensão educacional na constituição da subjetividade, contribuindo também para seu embasamento teórico.

Entre nossas realizações, está o encontro interinstitucional de atendimento psicológico à queixa escolar, realizados em três edições, entre 2004 e 2006. Com a participação de um grande número de pessoas, estes eventos tiveram como objetivos conhecer, discutir e construir práticas de atendimento psicológico a crianças e jovens com queixa escolar a partir de perspectivas que busquem enfrentar processos de individualização e de privatização dos sofrimentos deste público.

Outra importante ação do grupo foi encabeçar o manifesto contra um projeto de lei municipal que propõe serviços especializados em dislexia voltados a alunos da rede municipal de ensino. O movimento derivado deste manifesto, assinado por diversas instituições, além de conseguir inviabilizar a aprovação do pl, tem disparado significativas discussões sobre os processos de medicalização dos fenômenos sociais, entre eles, os concernentes aos problemas de escolarização. A partir daí, temos realizado, em conjunto com outras entidades, discussões e intervenções que visam à interferência na política pública de atendimento à infância e adolescência.

Outra ação deste grupo é a construção de um site que reúna informações, sugestões de leitura, propostas de encontros organizados para debater o tema, de forma a se constituir como um espaço de referência a profissionais interessados na temática.

A participação organizada, tanto em eventos científicos quanto em encontros dos movimentos sociais e órgãos de controle social, tem sido também uma estratégia de interlocução com profissionais da saúde, da educação, da assistência social, entre outros, o que vem possibilitando uma rica articulação entre eles, bem como o desenvolvimento de um referencial teórico-prático sólido, que fundamente intervenções e qualifique as discussões sobre a produção e o atendimento aos problemas de escolarização.

Palavras-chave: Queixa Escolar, Psicologia Escolar, Políticas Públicas

Participante: Claudia Gomes

Outros Autores: Vera Lucia Trevisan de Souza

Eixo: Políticas Educacionais: Legislação, Formação Profissional e Participação Democrática

Título: Psicologia Escolar: Pontos e Contrapontos

Resumo: Frente à ação educacional desenvolvida em nossas escolas, prioritariamente com a distinção e separação de “uns e de outros” torna-se latente a necessidade de impulsionamento da Psicologia escolar não mais enquadrada e limitada em suas atuações, mas sim na exploração de questões complexas e imprevisíveis para a reconstrução da educação e de todo processo educativo. Assim, o objetivo do presente trabalho é discutir os desafios teóricos e práticos na atuação de psicólogos escolares frente a uma ação profissional comprometida com o desenvolvimento de uma escola justa e acolhedora para todos os alunos. Com base em um estudo teórico, foram abordados diferentes autores de referência nacional e internacional. As discussões puderam indicar que para se pensar uma atuação profissional diferenciada muita atenção deve ser dispensada a formação desses psicólogos, uma vez que ainda vivenciamos nos cursos de graduação uma limitada experiência do vir a ser psicólogo escolar, embasado em um paradigma de formação e atuação profissional que não corresponde ao cenário e ao contexto educacional em que se insere, ao propiciar uma formação científica e técnica que pouco vem explorar as contradições sociais e políticas. Desta forma, os profissionais psicólogos escolares, com a inexistência de posicionamentos e atitudes, vêm a oferecer uma prática profissional muito mais acrítica frente às necessidades refletidas seja pelos altos índices de evasão escolar, repetência, indisciplinas e conseqüentemente, exclusões, do que ao desenvolver e impulsionar a mudança do macro sistema social. Assim torna-se claramente constatado que as perspectivas para a Psicologia escolar, incidem necessariamente na revisão da formação básica desenvolvida pelas instituições de ensino superior. Torna-se assim de extrema importância a função das instituições de ensino superior, uma vez que novos direcionamentos dependem fundamentalmente da formação profissional oferecida aos novos profissionais psicólogos escolares. Pode-se concluir que repensar a formação profissional é uma possibilidade propícia para o desenvolvimento de modelos de atuação que realmente venha a contribuir para as mudanças sociais, políticas e científicas e só assim demonstrar a importância e respaldo social, educacional e científico desta vertente de atuação psicológica de central importância na defesa de toda e qualquer criança no contexto escolar.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Formação, Educação

Eixo 3: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Participante: Maximiliano Alberto de Souza Rezende

Outros Autores: Marcelo Gabriades

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Maximiliano Rezende

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Popa - Programa de Orientação Psicológica do Anglo - Uma Experiência Institucional em Construção

Resumo: I. Objetivo geral: zelar pela saúde da instituição educacional. Objetivos específicos: - divulgar o saber psicológico. - promover e fomentar a criação e desenvolvimento de suportes institucionais de orientação psicológica para a otimização dos recursos pessoais, para alunos, corpo docente e funcionários administrativos. Alunos: - melhorar desempenho escolar - evitar evasão escolar corpo docente e funcionários administrativos: - otimizar desempenho profissional - diminuir rotatividade e abstenção. II. Fases de análise institucional & seus principais fatores: em acordo com os princípios de análise institucional, todas as nossas atividades seguem o procedimento representado na tabela abaixo: 1. Diagnóstico de necessidades: - sintomas / parâmetros de controle - potenciais / limitações 2. Definição de estratégias: - aspectos formais / estruturais - organização dos recursos 3. Gestão de processo: - conteúdo qualitativo & quantitativo - armazenamento dos dados 4. Avaliação dos resultados: - informações - diagnóstico / aprimoramento. III. Descrição das atividades: alunos: atendimentos individuais recepção dos alunos-veteranos (com mais de um ano de cursinho) palestras temáticas oficinas / dinâmicas de grupo vídeos & textos temáticos familiares: palestras pré-matrículas, palestras de apresentação do curso, palestras temáticas, corpo docente e funcionários administrativos: atendimentos individuais palestras temáticas capacitação/ aprimoramento profissional. IV. Avaliação dos resultados: conforme o item II acima apresentado, a avaliação dos resultados de nossas práticas institucionais é parte intrínseca e fundamental. Entendemos que essa é uma maneira precisa e produtiva para que os demais profissionais do campo educacional se convençam da eficácia desse tipo de trabalho. Isso está constatado nos gráficos apresentados abaixo, seguindo principalmente os parâmetros de controle (ver objetivos específicos) e desenvolvimento das atividades descritas no item III. Apresentamos algumas informações obtidas após devida organização e levantamento estatístico dos dados referentes aos anos letivos 2006 e 2007. Procedimentos dos atendimentos individuais: * flexibilização = 87% * encaminhamento = 13%. Obs: “flexibilização” => atendimentos onde, aparentemente, a demanda trazida pela pessoa foi satisfeita. “encaminhamento” => em casos em que a satisfação da demanda pessoal está para além da proposta do programa, o procedimento adotado é encaminhar para profissionais especialistas, fora da instituição. Comentário: levantamentos da PMS (Organização Mundial de Saúde) apontam que em uma amostragem qualquer, 10% das pessoas apresentam sinais de que se beneficiariam com uma orientação psicológica e/ou psiquiátrica. Nossos dados confirmam esses números. Apesar de ser muito sensível a diferença (3% a mais em nossa amostragem), aventamos a hipótese de que ela se deve ao fato de que atendemos a uma população sujeita à alto nível de estresse. ConsiderE-se, nesse sentido, que 93% das pessoas atendidas são alunos pré-vestibulandos (vide abaixo). Distribuição (população) nos atendimentos individuais: * alunos = 93% * corpo docente e funcionários = 7% * total de atendimentos individuais: 637 * pessoas atendidas individualmente: 393. Desempenho escolar: análises dos gráficos de desenvolvimento do desempenho escolar ao LONGo do ano, considerando nossas intervenções, revelam que entre os alunos atendidos individualmente, 49% apresentaram manutenção na tendência de curva; 17% inversão positiva da tendência de queda e 10% inversão negativa da tendência de subida. 24% dos relatórios não

apresentam dados suficientes. Evasão escolar: análises dos gráficos de desistências do curso apontam que a relação de porcentagem de desistências no grupo POPA x grupo controle passou de 1/2 para 1/4. Isso sugere que, comparando com o grupo controle, em 2006 50% dos alunos atendidos no POPA deixaram de desistir do curso, enquanto, em 2007, essa porcentagem aumenta para 75%. Infelizmente, muitas outras informações quanto aos resultados obtidos com alunos, corpo docente e funcionários não puderam ser aqui apresentadas por conta das limitações deste espaço. Esperamos ter a oportunidade de apresentá-las no painel.

Palavras-chave: Orientação Psicológica, Análise Institucional, Pré-Vestibular

Participante: Priscilla Braga de Oliveira

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Beatriz de Paula Souza

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: A Criança Negra na Escola - Relatos de Racismo no Atendimento à Queixa Escolar

Resumo: O presente trabalho é uma experiência de atendimento advinda do curso de aperfeiçoamento de orientação à queixa escolar (OQE) realizado na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 2008. Este trabalho refere-se ao atendimento de Dara (nome fictício), uma menina de 9 anos, de 4º ano, que foi encaminhada para o serviço de OQE, com queixas relacionadas ao seu comportamento tais como: agitação psicomotora em sala de aula, lentidão na aprendizagem e não aprendizagem da leitura e da escrita. A avaliação e a intervenção da criança se pautaram pela análise dos diferentes contextos: família, escola e atividades extra-escolares. O atendimento de Dara ocorreu entre março e setembro com encontros semanais de uma hora de duração cada. Ela é uma menina negra, muito ativa, que trouxe em seus relatos uma dificuldade em lidar com os xingamentos racistas de seus colegas de escola e dificuldades de leitura. Considerando a discriminação dos negros existente em nosso país há pelo menos 500 anos, ficou claro, no discurso de Dara que a sua dificuldade de aprender estava intimamente relacionada à vergonha e à humilhação social de se reconhecer como negra, menina, e moradora de uma favela. Conforme este tema começou a ser constantemente repetido pela mesma nos atendimentos, trabalhou-se no sentido de restabelecer a potência de Dara e valorizar a sua negritude. Um dos aspectos enfocados era a relação com seu corpo, sua cor e seus cabelos (fonte de preocupação dela). Como resultado, observou-se que, a partir da intervenção, a criança passou a se sentir capaz em aprender, valorizando-se como pessoa que “sabe”, reconhecendo seu próprio esforço e sua maneira de ser, melhorando a sua auto-estima e sua relação com sua auto-imagem. Contrapondo o discurso de suas professoras de que ela esquecia os conteúdos trabalhados sem sala de aula e para explicação disto, acreditavam que a menina tinha um distúrbio neuronal, verificou-se que a questão ético-racial era preponderante na produção de seu fracasso escolar. Verifica-se que infelizmente, neste caso, como em tantos outros, as professoras têm pouco preparo para trabalhar a questão do racismo em sala de aula, assim como este tema não é abordado em materiais escolares e discussões na escola.

Palavras-chave: Racismo, Queixas Escolares, Psicologia Escolar

Participante: Juliana Lopes da Silva

Outros Autores: Ana Carolina Ramos e Laura Keiko Hyppolito

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Prof. Dra. Rita Melissa Lepre

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: A Crise de Identidade Docente e Suas Relações com os Problemas Enfrentados pelos Professores no Desenvolvimento de Suas Atividades

Resumo: É indubitável que o trabalho docente tem importante influência no desenvolvimento cognitivo e crítico dos indivíduos,

visto que é por meio da atividade docente que são transmitidos os conhecimentos historicamente produzidos, garantindo ao homem apropriar-se do que a história humana produziu, bem como objetivar-se por meio da utilização e produção sobre os conhecimentos já existentes. Compreende-se também que a atividade docente evidencia os aspectos culturais e as relações do grupo profissional em que o processo educacional está inserido.

Em pesquisa a respeito de como os professores pensam sua profissão Fullan e Hargreaves (2000) identificaram algumas questões possibilitam o surgimento da crise de identidade docente. A sobrecarga de trabalho, o isolamento nas atividades e o pensamento de grupo, que cristaliza ações transformadoras por conta dos sentimentos de impotência diante da realidade, foram os fatores mais apontados.

O objetivo deste trabalho é a (re)construção da identidade docente de um grupo de professores da rede estadual de Bauri/SP, como indivíduo e como pertencente a um grupo. Nossa hipótese é que existe uma crise de identidade em relação à prática docente desses profissionais, uma vez que os mesmos enfrentam grandes adversidades relacionadas ao processo identitário de sua profissão.

Com relação a resultados, foi observada uma provável crise de identidade entre os docentes, que a evidenciaram principalmente em suas falas demonstrando desmotivação perante o sistema educacional Brasileiro e o modo de funcionamento interno da escola. A significação social da profissão parece estar conturbada uma vez que há uma insatisfação e desesperança frente ao papel social do professor como educador.

O isolamento dos integrantes do grupo e a fortificação de comportamentos negativos que alegam a inutilidade de tentativas de mudanças por pensar que nada surtirá efeito. Assim, as idéias simples e transformadoras deixam de ganhar forças e a prática profissional acaba gravemente prejudicada tendo como resultado a manutenção do modo de funcionamento do sistema pouco eficiente vigente que impede que melhorias ocorram. Entretanto os professores esclareceram que muito dessa forma de pensar e agir está ligada à ideologia dominante de um sistema que impede a reflexão crítica dos problemas enfrentados devido à forma de organização do sistema educacional como um todo, à repressão institucional e à falta de opção frente às imposições do sistema. Ademais, fatores como famílias desestruturadas a atribuição de culpa única e exclusivamente à escola e a desvalorização do professor por parte da sociedade contribuem para o agravamento e manutenção da crise de identidade docente.

Foi proposto o levantamento de um problema interno à escola que tem grande influencia na prática profissional e que acaba por prejudicá-la. Tal tarefa tinha como objetivo proporcionar aos participantes que refletissem o que eles próprios são capazes de promover com relação a melhorias dentro da instituição, assumindo sua parcela de responsabilidade na transformação da realidade escolar

a maior dificuldade encontrada foi a comunicação entre todos, sendo urgentíssima sua solução, dentre outros. Tal dificuldade perpassa por situações, tais como: o pouco esclarecimento acerca da realização e modo de funcionamento de atividades extra-salas de aula, além da inutilidade do horário de HTPC, pois este tem sido usado para informar as notas enviadas pelo governo, e nunca para discutir problemas da escola.

Palavras-chave: Identidade, Professores, Dificuldades

Participante: Barbara Leme Perez

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Ivana Moraes de Alencar.

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: A Escola de Que Se Fala e a Escola em Que Se Vive.

Resumo: Por ter como foco de interesse o contexto escolar e as questões da alteridade, pode-se ver por esta pesquisa a possibili-

dade de se conhecer a realidade institucional educacional, tendo como objetivos identificar e compreender as relações afetivas e os vínculos intelectuais entre seus protagonistas, por meio das práticas educacionais na/da instituição escolar. Conforme Enriquez (1991) a escola é um grupo educativo, portanto é um espaço de construção e de investigação do sujeito biopsicossocial que pela educação possibilita a entrada da criança em um universo de valores de aceitação do outro, como sujeito dialético de seu contexto sócio-histórico.

Nesta pesquisa foram feitas visitas a uma escola municipal regular de educação infantil, que atende crianças entre três a seis anos, na cidade de São Paulo.

Utilizou-se uma pesquisa qualitativa por meio da utilização de instrumentos como: entrevistas semi-estruturadas realizadas com o corpo técnico, além de observações e intervenções nos espaços do cotidiano escolar.

De acordo com freire (2004) a escola, por meio dos educadores, tem como função promover a educação e o desenvolvimento do indivíduo, transformá-lo em cidadão consciente e atuante. A formação do educador deve-se dar por meio de um processo pelo qual ele seja habilitado e se sinta capacitado no exercício de seu trabalho a transmitir conteúdos e conhecimentos que ocorrem no processo de aprendizagem, nos quais estão implícitas questões de ordem da construção da subjetividade humana tais como: afetos e valores moral-éticos de forma saudável, assim como é previsto no contrato pedagógico.

Durante as visitas escolares foi constatado pelas relações afetivas e seus vínculos intelectuais que se realizam entre os pares no processo de aprendizagem em que os educadores ao lidarem com os educandos transferem suas falhas, seu mal-estar e seu sofrimento aos alunos de forma ambivalente. Em sala de aula, e também nos espaços da instituição como: nos corredores, no refeitório, no parque de diversões, entre outros; os professores não mostram tolerância, integração e inclusão e frequentemente usam “achismos”, rotulando e estigmatizando, para assim classificarem e validarem os alunos como sintomas; torna-os docilizados, alienados e considerados culpados pela escola. Também como reflexo do processo sócio-histórico, os educadores estão descrentes e desamparados. Em decorrência desses fatores, os educadores transpõem sua função esquecendo-se do sujeito em questão: o aluno. O contrato pedagógico apresenta então fissuras e falhas que é preciso re-pensar de forma peremptória. Como é possível promover saúde psíquica e mental e possibilitar o desenvolvimento das potencialidades humanas? É necessário pensar em novos dispositivos de atuação para fortalecer este campo que está enfraquecido e descuidado, para que num futuro próximo a sociedade Brasileira possa ser educada num ambiente promotor de educação e de saúde.

Palavras-chave: Realidade Institucional Educacional, Alteridade, Protagonistas

Participante: Célia Batista Sarti

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Vania Maria Gorgulho Braz

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: A Importância da Ouvidoria na Escola para a Formação do Aluno

Resumo: Diante das queixas relacionadas à escola, que vão além das questões de ensino e aprendizagem, idealizou-se a instauração de uma ouvidoria na escola, preocupada com a formação do aprendiz.

As investigações preliminares por meio de um questionário-entrevista possibilitaram a obtenção de dados para uma discussão e análise que indicasse os caminhos de atuação da ouvidoria. Uma atuação capaz de estabelecer estratégias, visando a prevenção e reparação

de falhas ou fatores geradores de conflitos no âmbito escolar. Serviram de fundamentação teórica as abordagens: psicológica, psicanalítica, pedagógica e sociológica, além de teóricos da administração escolar que, somados à interpretação dos resultados, revelaram a importância de uma “escuta” sistematizada que avalie os aspectos psicossociocognitivos do aprendiz, não só captando a realidade como uma caixa de reclamações e sugestões, nem só apontando direções, mas atuando intensamente ao estabelecer estratégias, transmitir e orientar os envolvidos. Um trabalho intra, inter e transdisciplinar, que pode estimular a comunicação eficaz na escola, o desenvolvimento das potencialidades humanas e das competências pessoais e o redimensionamento da identidade pessoal e da cidadania.

Palavras-chave: Ouvidoria, Integração, Escola

Participante: Elizângela do Carmo Santos

Outros Autores: Patrícia Pazinato

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Patrícia Pazinato

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Arteterapia: Um Estudo Do Campo Psicológico Infantil

Resumo: A Arteterapia, segundo Celma Ciornai, é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Este trabalho visa explorar o tema Arteterapia, incluindo a sua utilização na prática do profissional em instituições escolares. Cientificamente, amplia os estudos nessa área, tendo em vista que não há muitas pesquisas relacionadas a esse campo de atuação do psicólogo, conforme levantamento de dados realizados nas bibliotecas especializadas. Consultou-se a base de dados da BVS-Psi, Scielo e Lilacs. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na perspectiva de estudo exploratório. Foram realizadas leituras minuciosas de conceitos como Arteterapia, terapia pela arte, arte-terapia e criatividade infantil na ótica de vários autores. Foram pontos relevantes para a discussão dessas categorias as expressões emocionais vivenciadas pelas crianças no momento em que realizavam o trabalho criativo. A reflexão aponta para a importância da atividade criativa como um dispositivo facilitador no processo de elaboração psicológica especialmente os conflitos infantis relativos ao desenvolvimento, as relações familiares e a psicossomática. A prática de Arteterapia pelos psicólogos pode ser realizada em diferentes campos de atuação como: hospitais, escolas, clubes desportivos, clínicas que são frequentados por crianças. A Arteterapia mostrou-se vista pelos estudiosos como um recurso relevante também para elaboração psicológica conforme concepções do brincar de D.W. Winnicott. Sugere-se que sejam realizados estudos complementares na área da Arteterapia, considerando sua amplitude de aplicação e benefício para a prevenção e intervenção de possíveis conflitos no ambiente educacional.

Palavras-chave: Arteterapia, Terapia Pela Arte, Criatividade Infantil

Participante: Fátima Regina Pires de Assis

Outros Autores: Germano Henning

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Raquel Guzzo

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: As Implicações da Introdução da Auto Avaliação Contínua em Um Grupo de Crianças Pertencentes a Núcleo Sócio-Educativo.

Resumo: O presente trabalho foi elaborado como parte de um estágio realizado em um núcleo sócio-educativo na cidade de São Paulo - sp. A intervenção aconteceu em uma sala de atividades da instituição, composta por alunos classificados pelos educadores como: apresentando dificuldade de aprendizagem, indisciplina, agressividade e agitação. A instituição explicava os comportamentos dos alunos como produto de características naturais e inatas (por exemplo, “ele nasceu assim”) ou produzidas pela organização da família (por exemplo, “ele aprendeu em casa”).

A partir de observações preliminares levantou-se a hipótese de que esses comportamentos considerados inapropriados fossem produto da organização da própria educadora bem como da instituição. Considerando os aspectos observados, a intervenção tinha dois objetivos, que visavam mostrar para a instituição: (a) que o comportamento dos alunos era produto da desorganização da instituição e não causado por outros fatores internos, familiares ou produto da personalidade dos alunos e (b) que os alunos eram capazes de não só de identificar comportamentos que pudessem ser importantes para a seu trabalho individual e em grupo, como também propor a apresentação desses comportamentos pelos participantes do grupo e refletir (questionar) sobre os seus próprios comportamentos, por meio de procedimento de auto avaliação contínua. Assim, o método consistiu na a pontuação de cinco categorias (participação individual das atividades, realização do trabalho em equipe, organização em relação à sala/materiais, bom comportamento e educação/respeito). As categorias (organização, participação, educação/respeito e bom comportamento) foram construídas pelo grupo a partir da conversa com os alunos sobre os comportamentos mais importantes para melhorar o ambiente educacional; a categoria da participação individual foi acrescentada pelos estagiários. Os sete dias de intervenção, que consistiu em atividade planejada discutida anteriormente com o grupo, foram ministrados por um estagiário e os comportamentos apresentados pelos alunos durante aquelas atividades registrados por um segundo estagiário. Ao final de cada dia de intervenção, eram dadas as pontuações, baseadas no registro realizado por este último estagiário. As crianças poderiam questionar e conversar com os estagiários sobre o registro e este ser alterado em função da argumentação apresentada por eles. A pontuação foi acumulada no decorrer das semanas no último dia de intervenção, foi realizada uma premiação para as crianças que atingissem, no mínimo, 6 pontos para as categorias de participação e trabalho, e 5 para as de bom comportamento, organização e educação/respeito. Os resultados mostraram que não só houve aumento dos comportamentos propostos pelo grupo, mas os alunos passaram a discutir sobre seus comportamentos, contrariando a hipótese sobre as características naturais dos alunos bem como de serem produto da atuação das famílias. O procedimento proposto não só explicitou que os comportamentos apresentados anteriormente eram produzidos pela instituição, mas ofereceu instrumentos para a educadora atuar no planejamento das atividades e avaliação dos alunos.

Palavras-chave: Auto-Avaliação, Avaliação Contínua, Indisciplina

Participante: Maria Luisa Coelho

Outros Autores: Nancy Romanelli, Alice Kanda Maalouf,

Maria Inês Bertine e Mirleny de Moraes,

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Atuação das Psicólogas na Rede Municipal de Educação Infantil de São Bernardo do Campo

Resumo: Nós, psicólogas da educação infantil, fazemos parte da equipe de orientação técnica (EOT), composta por orientadoras pedagógicas, fonoaudiólogas, terapeuta ocupacional e assistente social, e atuamos em uma perspectiva institucional e interdisciplinar. Esta equipe subdivide-se em quatro regiões, denominadas mini-equipes; e nos acompanhamentos às escolas subdivide-se em equipes- referência. A quantidade média de escolas é de 11 unidades por psicóloga. As intervenções da EOT visam auxiliar a equipe gestora e escolar nas questões educacionais e na construção da autonomia e fortalecimento do projeto pedagógico. Objetivo: apresentar o trabalho realizado pelas psicólogas na rede municipal de educação infantil de São Bernardo do Campo. Descrição das atividades:

- formação de equipes gestoras em parceria com outras profis-

sionais da equipe técnica (alguns temas: relação escola-família; gestão democrática; convívio com a diversidade; processos de acolhimento às crianças, famílias e profissionais da escola e construção de grupos);

- formação de professores em espaços coletivos (alguns temas: convívio com a diversidade e relação entre desenvolvimento e ensino/aprendizagem);

- leitura de situações apresentadas pelas escolas, considerando as observações e hipóteses da equipe gestora e/ou professor, discussão conjunta de ações e intervenções formativas;

- propositura de políticas públicas (ex: indicação de estrutura necessária ao atendimento às crianças);

- participação em elaboração de propostas curriculares.

Avaliação dos resultados:

é possível observar nas equipes escolares:

- aprofundamento nas discussões sobre concepções de criança, educação, ensino-aprendizagem;

- maior aproximação e humanização na relação escola-família;

- reuniões com pais com temas menos centrados em queixas individuais

- busca de alternativas pedagógicas considerando as necessidades das crianças;

- reconhecimento das crianças com necessidade educacional especial como integrantes do ensino regular;

- a maioria das escolas solicita intervenção da psicóloga para contribuir com o trabalho escolar e não exclusivamente para encaminhar crianças ao serviço de saúde;

Algumas reflexões sobre a nossa atuação

- em nossa leitura e intervenção sobre a demanda apresentada, consideramos o percurso da equipe escolar na discussão do projeto pedagógico, suas concepções, as construções de subjetividades presentes nesses nos contextos apresentados, analisando criticamente a estrutura educacional existente (número de alunos por sala, espaço físico, entre outros).

- o trabalho da psicóloga na educação, em parceria com outros profissionais, mobiliza valores, concepções e saberes, muitas vezes estagnados, auxiliando na reflexão e na ressignificação das relações e práticas escolares.

- por vezes não existe o necessário distanciamento do objeto estudado, levando ao imediatismo no atendimento à queixa escolar, sem o aprofundamento das questões implícitas.

- a falta de sistematização das reflexões sobre as práticas em Psicologia na educação infantil, tem dificultado a consolidação do conhecimento produzido no nosso percurso profissional.

- por vezes perdemos de vista o objeto de nossa atuação, é quando nos observamos realizando intervenções prescritivas e diretivas, sem o aprofundamento necessário das questões implícitas à queixa.

Palavras-chave: Psicologia Escolar no Município de São Bernardo do Campo, Município de São Bernardo do Campo, Educação Infantil

Participante: Antonia de Fátima Gomes Fortaleza

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Patrícia Pazinato

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Bullying: Atitudes Malvadas Que Causam Sofrimentos Psicológicos

Resumo: Bullying é um novo conceito que se dá para designar o fenômeno de maus-tratos. É um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, na qual os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer. Muito comum entre escolares, sua forma velada é confundida com brincadeiras da idade. Ocorre quando crianças e adolescentes recebem apelidos que os ridicularizam e sofrem humilhações, ameaças, intimidação, roubo e agressão moral e física por parte dos colegas. A maioria

das situações de intimidação acontece em contexto escolar (recreios, refeitórios e salas de aula) ou no percurso entre a casa e a escola, principalmente quando não há adultos por perto. Acredita-se que este comportamento de apelidar os colegas passa a ser uma estratégia compensatória para que se sintam mais adequados, “enturmados”. Normalmente outros jovens imitam o comportamento do “valentão” para não serem ridicularizados também, adotando isto como uma estratégia de defesa. Identificar o bullying e saber lidar com o problema faz-se necessário para ajudar crianças e adolescentes, vítima que sofrem caladas por medo de não serem compreendidas. Assim, é fundamental que os pais e familiares estejam sensibilizados e aprofundem o seu conhecimento acerca deste tema. O bullying pode afetar o estado emocional do jovem de tal maneira que ele opte por soluções trágicas, como o suicídio. Um trabalho multidisciplinar pode nos ser útil, além de poder lidar com o bullying na escola, também se deve alertar a família e encaminhar a vítima ou o agressor a um terapeuta, que pode trabalhar a crença distorcida de “eu devo agredir para não ser inadequado e aceito”, e poder tratar a vítima que se sente inadequada, fracassada e frustrada. A proposta da presente pesquisa, tornar-se relevante no meio científico em razão de haver a necessidade de uma visão multidisciplinar que tenha como objetivo informar, apoiar e tentar minimizar a dor e o sofrimento da vítima bullying, de conduzir novas pesquisas referentes ao tema proposto, e assim viabilizar novos interesses e descobertas desta área, gerando uma reflexão sobre possíveis caminhos a tomar frente à temática. Foi nessa linha de raciocínio que o presente trabalho objetivou compreender o sofrimento psicológico da vítima bullying. Pautou-se numa investigação bibliográfica de cunho exploratório em artigos científicos, livros específicos, dissertação de mestrado e doutorado sobre o tema proposto. Como instrumento reflexivo, utilizou-se trechos de cena de um filme intitulado de bang bang! Você morreu (2003), pertinente ao tema correlacionado aos aspectos teóricos pesquisados. A flexão crítica sobre os papéis dos protagonistas, destacou a tendência ao suicídio. Evidenciou-se a importância da atuação do psicólogo na intervenção dos casos de bullying por tratar-se de um tipo violência que afeta a construção biopsicossocial.

Palavras-chave: Bullying, Violência, Sofrimento Psicológico

Participante: Poliana de Almeida

Outros Autores: Paline Foschaches Pavei, Gabriela Gomes, Ulisses Dantas Maia

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Tânia Rocha Nascimento

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Crescer É Necessário: Transição da Educação Infantil para a Educação Fundamental

Resumo: As contribuições da Psicologia ao longo dos anos no que tange a educação são bastante significativas, proporcionando sustentação para sua aplicação como teoria e prática. Assim, o papel do psicólogo escolar junto às instituições é muito mais amplo, uma vez que este profissional trabalha com a promoção do desenvolvimento psicológico, emocional, profissional, assim como a prevenção, e a qualidade de vida dos indivíduos, não só na escola como também em todos os espaços educacionais. Crescer é necessário: transição da educação infantil para a educação fundamental é fruto de uma intervenção realizada no âmbito escolar de um colégio particular, na cidade de Campo Grande, MS.

Objetivo: consistiu em verificar os aspectos envolvidos na transição da educação infantil para a educação fundamental, bem como chamar a atenção para os conflitos resultantes da maturação inerente ao desenvolvimento psicológico e social.

Descrição das atividades: utilizou-se de quatro encontros semanais durante os meses de março e abril de 2008.

Primeiro encontro: apresentamo-nos e fomos apresentados para as crianças como amigos e acadêmicos de Psicologia, que estariam ali para desenvolver algumas atividades. Foi estabelecido um combinado, ditando regras para uma boa relação em grupo. Em seguida, foi feita uma dinâmica de apresentação.

Segundo encontro: foi reforçado o combinado, utilizando para isto cartazes os quais facilitavam a compreensão das crianças acerca das regras estabelecidas. Este encontro consistiu na apresentação de um vídeo ilustrativo da música aquarela, em que as vicissitudes inerentes ao desenvolvimento humano puderam ser associadas ao período transicional por elas vivenciado. Ao final foi proposta uma discussão em que as crianças compartilharam suas percepções referentes ao vídeo.

Terceiro encontro: buscou-se contar uma história semelhante a das crianças nesta etapa do desenvolvimento, tendo nesta proposta a possibilidade de medir a capacidade de resiliência das mesmas em situações que exigem mudanças. A partir disto, as crianças deveriam fazer um desenho que ilustrasse o fim da história, comentando sobre ela.

Quarto e último encontro: devido à necessidade de um feedback, foram apresentadas às crianças três figuras, cada qual com um significado: alegre, indiferente e triste. A referida proposta teve como finalidade identificar como as crianças estavam se sentindo, no que se refere ao término dos encontros, bem como a nota que as mesmas atribuíam às demais atividades como um todo.

Avaliação dos resultados

verificou-se que embora seja uma experiência nova em que as crianças se sentem importantes pelo fato de estarem crescendo e aprendendo coisas que a princípio são interessantes e motivo de orgulho para os pais, estas sentem falta, principalmente: de brincar tanto tempo como brincavam na pré-escola; dos professores, os quais criaram um vínculo com elas; e dos colegas que se separaram ao mudar de escola ou por estar em outra turma. Entretanto, foi possível perceber também a facilidade em se adaptar e sociabilizar rapidamente com o novo.

Os dados coletados foram bastante significativos para a compreensão de como as crianças elaboram esta nova etapa. Assim, a interpretação sugere que esse processo está relacionado a características pessoais, bem como a forma com que os professores e os pais trabalham na preparação das crianças para esse “novo mundo” de responsabilidades, uma vez que foi observado que cada criança apresentou de forma exclusiva as transformações que vinham ocorrendo.

Palavras-chave: Transição, Educação Infantil, Ensino Fundamental

Participante: Rebeca Eugênia Fernandes de Castro

Outros Autores: Maria Abigail de Souza

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Maria Abigail de Souza

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Da Depressão Ao Ressentimento: Repercussões da Agressividade em Sala de Aula para O Sofrimento Docente

Resumo: Uma sociabilidade mais agressiva tem invadido o ambiente escolar, configurando um sintoma social, demandando estudo, atenção e, principalmente cuidado. Na perspectiva heideggeriana, o cuidado representa uma tarefa existencial, trazendo implicações éticas na relação consigo mesmo e com o outro. Compreendendo a escola como um lugar que requer sossego e confiança, a fim de possibilitar a fruição do conhecimento, esta pesquisa norteou-se pela necessidade de compreender o sofrimento docente como um cuidado aos cuidadores, visando identificar suas dificuldades com as manifestações agressivas em classe e levantar subsídios para uma intervenção, compreendendo tais expressões como um adoecimento das relações neste meio.

O estudo foi realizado em uma escola pública da periferia de São Paulo, baseado no método clínico-qualitativo. Contemplou

a análise de doze entrevistas com professores de 1ª a 6ª séries, pertencentes a três diferentes momentos de carreira: inicial, intermediária e pré-aposentadoria. Complementando o trabalho, foram catalogados e analisados os registros de ocorrência disciplinar empreendidos por todos os professores de 1ª a 6ª séries em 2005.

Os resultados apontaram diferenças importantes na vivência subjetiva da agressividade infantil entre os professores com menor e maior tempo de ensino. No início da carreira, os docentes mostram-se mais criativos e flexíveis em termos de estratégias de manejo, embora também pareçam mais angustiados com o testemunho desta agressividade, revelando sensações de incompetência e fracasso. No relato dos educadores em momentos mais avançados da carreira, nota-se maior desgaste, com referências às atitudes de desrespeito/desacato e agressões verbais. Não se culpam, como os primeiros, mas apresentam dificuldades de implicação e contato com os sentimentos mobilizados. Também parecem mais fixados às alternativas de manejo previstas institucionalmente, utilizando estratégias de maior rigor ou severidade com as crianças quando provocados.

Constatou-se que a agressividade infantil dificulta a possibilidade de os professores sentirem-se úteis, de poderem gratificar-se com seu trabalho. Ingratidão e ressentimento começam a prejudicar a relação mantida com os alunos, tolhendo a capacidade criativa e o investimento no processo educativo. O tempo de carreira parece agravar os sentimentos destrutivos dos professores, aprisionando-os em um círculo vicioso de raiva-culpa-depressão ou raiva-culpa-desejos de vingança. É assim que as manifestações agressivas em classe despertam a agressividade dos professores, instaurando um ambiente propício às arbitrariedades ou mesmo às práticas de exclusão, que só vêm a acirrar as microviolências que tanto sofrimento trazem à escola. Uma política de cuidado é necessária, a fim de ajudar os professores a elaborarem os próprios sentimentos destrutivos, a partir da reflexão e do apoio mútuo, do uso do humor e da compreensão das mudanças históricas que se verificam ao longo de uma carreira.

Palavras-chave: Relação Professor-Aluno, Sofrimento, Agressividade

Participante: Vivian Marques Figueira de Mello

Outros Autores: Iria Aparecida Merlin

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Desafios da Psicologia em Casas Abrigos

Resumo: A Psicologia foi regulamentada como profissão no Brasil em agosto de 1962, estamos em campo de atuação apenas há 45 anos. Nesse período podemos observar o quanto a Psicologia já se transformou e continua a se transformar. Os campos de trabalho que antes eram muito restritos a clínicas, empresas e a área educacional, hoje se ampliaram bastante. Com novas áreas de atuação o psicólogo vem se aproximando de trabalhos mais diretos com a comunidade, não mais se restringindo a população de elite. Atualmente, o psicólogo está inserido em programas como os CRAS - Centro de Referência e Assistência Social, que estão espalhados pelas periferias das cidades. O psicólogo não precisa mais trabalhar isolado em uma clínica, mas sim realizar um trabalho multiprofissional. Poderíamos citar tantas áreas novas da Psicologia: jurídica, postos e hospitais, programas de atendimento à população, mas vamos nos ater ao trabalho que pode ser desenvolvido em casas abrigos. Desde 1990 com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), muitas foram as mudanças ocorridas nas instituições que cuidam de crianças que por vários motivos estão sem seus familiares. Essas instituições que não podem ser mais apenas um depósito de abandonados passa a ser mais vigiado e controlado pelos órgãos competentes, dessa forma se procura fazer valer o artigo do ECA que garante que

o abrigo seja sempre de caráter provisório. As crianças são abrigadas em casos de abuso sexual, violência física, abandono, ambientes familiares com usuários de substâncias tóxicas, ou seja, em situações de riscos. Dessa forma sabe-se que o público de casa-abrigo vem de situações de bastante sofrimento psíquico. A atuação da Psicologia pode ser bem ampla uma vez que pode atuar tanto com os educandos (crianças abrigadas), quanto com os educadores que trabalham na instituição, com as famílias, além de estar presente na rede de trabalhos sociais para discussão de casos. Busca-se a superação da problemática que determinou o abrigo; desenvolver as atividades que possam oportunizar a criança e o adolescente o autoconhecimento, o despertar de suas potencialidades, habilidades e interesses, elevando a auto-estima, possibilitando o fortalecimento pessoal e social; potencializando a família para superação de sua vulnerabilidade; reorganizar a família para que seja retomada a convivência entre seus membros; desenvolvimento de ações que valorizem a preservação de vínculos por meio do apoio sócio-familiar. Assim, percebe-se quanto a Psicologia pode vir a colaborar em projetos como esse, porém parece ser algo ainda incipiente, uma vez que a maior parte da literatura sobre casas-abrigos é da área de serviço social. Cabe à Psicologia se aprimorar nessa área de trabalho tão vasta.

Palavras-chave: Abrigo, Estatuto da Criança e Adolescente, Atuação da Psicologia

Participante: Carolina Franzoi Neves

Outros Autores: Mara Léia Romualdo

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Desvelando A Criança Que Existe em Seu Aluno

Resumo: Objetivo: o presente trabalho relata a experiência de profissionais das áreas de Psicologia e pedagogia que desenvolvem um projeto de formação continuada, representando a promoção sócio-cultural, que é uma organização que atua com crianças, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social na cidade de São Paulo. O projeto em epígrafe é desenvolvido em parceria com a secretaria municipal de educação, junto a duas escolas municipais, situadas na zona norte de São Paulo com o objetivo de proporcionar a reflexão das representações de criança, aluno e professor e o quanto tais representações interferem na prática pedagógica e na relação professor / aluno. Descrição: este projeto é destinado a professores do ensino fundamental I, desenvolvido em encontros mensais, num total de oito encontros. Os assuntos abordados são: o resgate da história da infância do professor na condição de aluno; a compreensão do papel de professor, baseado em suas experiências escolares; a conceitualização de criança e de aluno; e o reconhecimento da influência exercida por estas representações (criança / aluno) interiorizadas, implícitas na relação criança / aluno, durante o processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, é problematizada a situação dialética entre criança / aluno, de modo a esclarecer a impossibilidade de existência de um sem o outro, além da representação que o professor tem de sua profissão, percebendo a influência destes aspectos em sua prática pedagógica. Avaliação: nos dois anos, decorridos desde a implementação do projeto, foi observado: durante as discussões, que os professores passam a reconhecer as implicações das representações constituídas e o quanto estas permeiam suas ações pedagógicas. Conclui-se, portanto, que este projeto favorece a tomada de consciência e a resignificação destas representações, tendo desdobramentos positivos na prática pedagógica e no relacionamento do professor com seus alunos.

Palavras-chave: Representação, Aluno, Professor

Participante: Patrícia Aparecida Nunes e Silva

Outros Autores: Ingrid Attan Rodrigues

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Do Clínico ao Institucional: Relato de Experiência em Escolas Municipais

Resumo: O presente trabalho foi realizado na rede pública municipal de Carapicuíba (23 escolas municipais de educação infantil) entre os meses de março a junho e agosto a novembro de 2007. A equipe interdisciplinar composta por psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos e assistentes sociais foi idealizada pela secretaria municipal da educação para o atendimento clínico dos alunos com dificuldade de aprendizagem. Entretanto, propomos a atuação sobre as queixas no interior das escolas por meio da problematização das demandas surgidas no dia a dia da equipe escolar. Para tanto realizamos visitas mensais às escolas para conversas com professores, coordenadores, alguns pais e diretamente com alunos, além de observações em sala de aula. Os diálogos referiam-se: as fichas de encaminhamento enviadas ao serviço de atendimento, troca de informações sobre as crianças em atendimento no serviço; questões ocorridas na dinâmica da sala de aula como agressividade, sexualidade, timidez, indisciplina, etc.; relacionamentos interpessoais na escola. Dentre os resultados destacam-se a maior proximidade entre o serviço de atendimento e a escola e a diminuição do número de encaminhamentos. Algumas intercorrências que dificultaram o trabalho foram: falta de transporte para os especialistas; agendamentos de outras atividades nos dias das visitas; receio de alguns educadores quanto à competência diante dos próprios colegas ou da equipe externa. A avaliação, junto às coordenadoras, indicaram: continuação das visitas; maior frequência dos especialistas e encontros em HTPCs para envolver todos os professores. Do ponto de vista dos especialistas acrescentamos a necessidade da criação de espaços para formação dos educadores da rede.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Dificuldade de Aprendizagem, Interdisciplinar

Participante: Maria Eliane Azevedo da Silva

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Dra. Débora Prata Altenfelder Silva

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Educação e Saúde na Rede de Relações do Cotidiano Escolar, na Perspectiva da Análise Institucional

Resumo: A pesquisa teve como foco a rede de relações no cotidiano escolar, as interferências no processo de aprendizagem, a necessidade de discutir a intervenção do psicólogo e o seu compromisso social na escola. Segundo o modelo de psico-higiene de Bleger (1984), dos estudos etnográficos propostos por Souza (1997) e das contribuições teóricas expressivas na área, teve-se como objetivo elaborar um projeto de intervenção na rede de relações institucionais, visando a prevenção e promoção da saúde mental de todos os envolvidos no processo educativo.

O método de pesquisa incluiu a observação participante no cotidiano escolar, em salas de aula de 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental e no período de recreio escolar; entrevistas semi-abertas e entrevistas devolutivas realizadas com professores, orientadores e direção de uma escola particular na cidade de São Paulo. Para atingir o objetivo do estudo, realizou-se também pesquisa bibliográfica, leitura de documentos e material oferecido pela escola, supervisão semanal para análise qualitativa dos dados coletados. Os resultados obtidos e a proposta de intervenção foram apresentados na entrevista devolutiva. A pesquisadora participou das atividades escolares durante o ano da pesquisa, 2006, por duas horas semanais.

Os resultados evidenciaram as diferenças de comportamento dos alunos frente às diferentes atitudes dos professores; a explicita-

ção dos professores sobre as exigências estruturais da escola; a necessidade de espaços de diálogo e reflexão para professores, orientadores, direção e alunos.

Confirmou-se, com este estudo realizado no cotidiano escolar, a importância da interação entre psicólogos escolares, profissionais da educação e alunos para a explicitação dos conflitos e contradições que perpassam o processo de aprendizagem e para a construção de vínculos que favoreçam a prevenção e a promoção da saúde mental no contexto escolar.

Portanto, no projeto de intervenção psicológica elaborado, sugere-se a abertura de espaços institucionais para a discussão e reflexão das relações cotidianas na escola, num processo dinâmico e numa visão sócio-histórica, com a assessoria de um psicólogo escolar/institucional. Outra sugestão é a continuidade de estudos etnográficos no campo da educação e Psicologia, com o foco na rede de relações, numa perspectiva de análise institucional para novas propostas de intervenção psicológica nas instituições escolares e educacionais.

Referências bibliográficas:

Bleger, J. *Psico-higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

Machado, A.M. Souza, M.P.R. (orgs.) *Psicologia Escolar, em busca de novos rumos*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.

Palavras-chave: Educação, Saúde, Rede

Participante: Maraíze Aparecida Zorlon Dias

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Renata Cristina Domingos de Souza Lima

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Educação Infantil: Comparação entre As Expectativas Familiares e As Reais Funções da Escola.

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento das expectativas familiares com relação à educação infantil e comparar as respostas dos pais com as reais funções desta etapa escolar. Participaram da pesquisa todos os pais, num total de 20, com filhos matriculados em uma escola de educação infantil particular de uma cidade do interior de São Paulo. Foi utilizado como material para a coleta de dados um questionário fechado composto por 28 afirmativas e um quadro para levantamento dos métodos disponíveis para a alfabetização. Os aspectos pesquisados relevantes devido a sua importância para a faixa etária foram: a importância da educação infantil, a função da família, a função da escola, atividades consideradas importantes, alterações de comportamentos, entrada na escola e a importância da brincadeira. Os resultados apontaram para uma expectativa alta dos pais, já que os mesmos esperam que nessa etapa escolar a criança possa desenvolver atividades variadas, mas principalmente relacionadas à alfabetização. Pode-se observar ainda que os pais estimulam os filhos em casa para essa aprendizagem, oferecendo diversos materiais educativos. A pesquisa indica a necessidade de outras pesquisas com uma população de nível econômico diferenciado, já que os dados obtidos nesta ficam restrito a uma população de classe média.

Palavras-chave: Psicologia, Educação Infantil, Família

Participante: Maraíze Aparecida Zorlon Dias

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Renata Cristina Domingos de Souza Lima

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Educação Infantil: Levantamento das Expectativas Familiares.

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento das expectativas familiares com relação à educação infantil. Participaram da pesquisa todos os pais, num total de 20, com filhos matriculados em uma escola de educação infantil particular de uma cidade do interior de São Paulo. Foi utilizado como material

para a coleta de dados um questionário fechado composto por 28 afirmativas e um quadro para levantamento dos métodos disponíveis para a alfabetização. Os aspectos pesquisados relevantes devido a sua importância para a faixa etária foram: a importância da educação infantil, a função da família, a função da escola, atividades consideradas importantes, alterações de comportamentos, entrada na escola e a importância da brincadeira. Os resultados comprovam a percepção dos pais sobre a importância da educação infantil como propulsora do desenvolvimento, bem como na influência sobre os comportamentos da criança, porém ficou demonstrada a dificuldade dos mesmos para diferenciar o papel da escola e o papel da família no processo educativo. A pesquisa indica a necessidade de outras pesquisas com uma população de nível econômico diferenciado, já que os dados obtidos nesta ficam restrito a uma população de classe média.

Palavras-chave: Psicologia, Educação Infantil, Expectativas

Participante: Solange da Rocha

Outros Autores: Maria de Fátima Aleixo Bosa

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Educando na Cidadania

Resumo: O Projeto Arco-íris tem como objetivo central desenvolver potencialidades de crianças, adolescentes, jovens e adultos deficientes intelectuais visando melhoria na sua qualidade de vida, socialização e autonomia.

Dentre as atividades desenvolvidas, destacamos a “assembléia” que tem como objetivo principal propiciar o exercício de direitos e deveres dos educandos, estimulando uma participação ativa nos diversos grupos por meio do desenvolvimento de uma postura crítica, ou seja, opinando e fazendo suas escolhas.

Descrição da atividade “assembléia”:

As assembléias acontecem semanalmente, com a participação dos educandos e equipe de profissionais. A dinâmica estabelecida passa pela construção das regras de convivência, discussão de responsabilidades, avaliação das atividades desenvolvidas, reflexão do cenário político atual e resolução dos problemas cotidianos. A atividade começa com a leitura da última assembléia realizada, registrada em ata. Em seguida, organizam-se os grupos de responsabilidades, ou seja, distribuição das tarefas a serem realizadas na semana, tais como o lanche, almoço, demais rotinas diárias. Após a organização da agenda, o grupo escolhe temas ainda pendentes na pauta ou assuntos relacionados à convivência em grupo.

A última etapa fica para a equipe de profissionais que apresentam o planejamento das atividades pedagógicas, artísticas e culturais que serão desenvolvidas, a fim de abrir para sugestões e críticas.

O foco principal é dar voz aos educandos para que façam escolhas pessoais como uma roupa, até a participação social, com a escolha de um candidato à eleição.

No segundo semestre os educandos criaram chapas com proposta visando à melhoria do centro educacional. Simultaneamente ao período de campanha política, ocorreu o 1º turno das eleições para prefeito e vereador do Centro Educacional Arco-íris, inclusive com apresentação de plataforma com reivindicações e necessidades para o centro educacional Arco-íris.

Resultados:

Educandos conhecendo seus direitos e deveres, assumindo responsabilidades, mostrando-se consciente e participando em processos de decisões dentro do Centro Educacional Arco-íris.

Avaliação dos resultados:

A participação efetiva da Psicologia da educação com educadores, educandos e seus familiares num contexto inclusivo com foco no exercício concreto da cidadania se mostrou possível e extremamente dinâmico.

Palavras-chave: Cidadania, Inclusão, Participação

Participante: Fátima Regina Pires de Assis

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Raquel Guzzo

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Encontro de Pais: É Possível Aproximação Família-Escola?

Resumo: O presente trabalho foi produto de estágio supervisionado numa escola de educação infantil do município de São Paulo, que teve como objetivo a aproximação entre família e escola, por meio da criação de espaço em que pudessem expor suas dúvidas ou preocupações com a educação de seus filhos. Em nossa história de atendimento a queixas apresentadas pelos professores, temos constatado que sua preocupação está na dificuldade em lidar com o que consideram indisciplina e dificuldade de aprendizagem. Apesar de muitos demonstrarem conhecimento da literatura que discute a responsabilidade da escola como mantenedora de tais problemas, é freqüente os professores atribuírem suas causas à educação familiar, chegando a verbalizar discordância da literatura. A relação família - escola tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores. A urbanização, como aponta Gomes (1990), vivida nas últimas décadas do século XX, fez com que trabalhadores oriundos do meio rural e semi-rural se estabelecessem nas grandes cidades. A pressão dessas populações obrigou a expansão de escolas públicas sem que, segundo a autora, o Estado ou a sociedade estivessem preparados para tal. O processo de democratização do ensino trouxe, como uma das conseqüências, a distância entre as práticas da escola e as das famílias de muitos alunos, o que tem deixado uma lacuna entre o que cada uma dessas instituições espera da criança bem como sobre a sua capacidade de aprender. Tal lacuna tem como implicação responsabilizar a criança por agir de forma diferente do que é esperado. As escolas, em seu planejamento, prevêem situações em que pais e professores discutam a educação de seus filhos e alunos. No entanto temos observado que tal espaço tem sido dedicado apenas à avaliação do desempenho escolar da criança e/ou a apresentação das atividades desenvolvidas pela escola. A questão da família ressurge: crianças pertencentes a famílias cujas práticas discordem da valorizadas pela escola acabam por apresentar maiores queixas dos professores. Tais famílias têm, então, dois motivos para afastar-se da escola: 1) por discordar ou não ter acesso aos valores aceitos pela escola e portanto não serem bem sucedidos nas reuniões que discutam suas propostas e 2) a maior probabilidade de ouvir críticas, tendo ainda a chance de ser responsabilizada pelo fracasso dos filhos. O afastamento apresenta novo elo no ciclo: tais famílias serem também consideradas negligentes. Desta forma, mostrou-se relevante a criação de um espaço para que a família pudesse aproximar-se da escola sem que tivesse em discussão a avaliação de seus filhos. Como procedimento, inicialmente foi enviada carta convite aos pais, perguntando sobre seu interesse pelos encontros, e em caso afirmativo temas que gostariam de discutir e horários disponíveis. Com base nas informações oferecidas, foi elaborado programa de discussões e cronograma das reuniões. Foi formado um grupo que contou com a presença de 12 famílias. Foram feitos 10 encontros com 3 horas de duração cada um. Os 5 primeiros encontros contaram com a participação de 5 estagiários e os 5 últimos com outro grupo de 5 estagiários. Como resultado, observou-se o envolvimento de todo o grupo com as diversas práticas apresentadas nos relatos bem como na discussão do que consideravam dificuldades e sucessos na educação de seus filhos; maior conhecimento das práticas e dos seus próprios comportamentos além de questioná-los e propor novas formas de atuação como pais e educadores.

Palavras-chave: Família, Relação Família Escola, Educação Infantil

Participante: Ladislau Ribeiro do Nascimento

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Profa. Dra. Maria Cristina Gonçalves Vicentin

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Entre Sujeição e Participação no Espaço Escolar: Relato de Pesquisa Realizada em Escola Pública na Comunidade Paraisópolis

Resumo: O presente texto visa relatar uma experiência de pesquisa de mestrado em processo de conclusão. A pesquisa é realizada em uma escola da rede pública estadual de São Paulo, situada na favela de Paraisópolis, região sul da Capital. Acompanhamos diversos momentos do cotidiano escolar, para observar impasses e turbulências presentes no contexto institucional. Seguimos a trajetória de diversos atores no contexto institucional, buscamos promover, com professores e direção da escola, discussões acerca de práticas educativas que impedem autonomia e tendem ao assujeitamento de subjetividades. Observamos, também, estratégias de resistência ao modelo disciplinador e assujeitador, predominante nas práticas escolares, “escapes”, rupturas e fugas engendradas frente aos dispositivos de contenção fortemente empregados no estabelecimento escolar. Algumas questões foram fundamentais durante a estruturação da pesquisa: como sujeitos respondem aos modos de subjetivação estabelecidos pelas práticas escolares? Quais são as estratégias de fuga frente o controle, o disciplinamento no sentido da contenção, e, os autoritarismos correspondentes ao modelo hegemônico de se fazer escola? A escola permite práticas de autonomia? Nosso referencial teórico-metodológico parte de contribuições da pesquisa-intervenção, que se caracteriza como uma investigação participativa, que busca criar práticas de transformação social. No entanto, não caracterizamos esse trabalho como pesquisa-intervenção. Realizamos um total de treze visitas de observação participante, para acompanhar ocorrências no/do cotidiano escolar. Foram momentos de imersão no espaço escolar, de convívio com jovens alunos, professores, direção da escola e agentes escolares, responsáveis por serviços operacionais. As visitas ocorreram no período noturno. Após cada visita de observação participante elaboramos um diário de campo com: registros de ocorrências observadas, relatos de professores, de alunos, da direção da escola e de agentes operacionais. Impressões, temores, motivação e desmotivação com o processo de pesquisa também foram registrados nos diários de campo, para efeito de análise da implicação do pesquisador. Trabalhamos com os seguintes procedimentos: participação em reunião de HTPC (horário de trabalho técnico pedagógico); rodas de conversa com professores; rodas de conversa com alunos; rodas de conversa com agentes escolares; rodas de conversa com funcionários da limpeza e da cozinha; oficinas com grupo de jovens alunos; acompanhamento de aulas para verificação de ocorrências cotidianas; entrevistas individuais formais e informais. Verificamos, até o momento, que, há na escola, grande preocupação e investimento na contenção de alunos. Dispositivos de controle e assujeitamento são utilizados com prioridade na instituição. A maioria dos alunos demonstra medo frente imposições autoritárias, presentes nas relações professor-aluno, aluno-direção, direção-professor. Para a maioria dos educadores os alunos são “desinteressados”, “vândalos”, “descompromissados”, “sem limites” etc. Alguns professores vêem a postura passiva e submissa, apresentada pela maioria dos alunos, como algo positivo ao processo educacional. A minoria, entre os professores, questiona sobre a possibilidade de se formar adequadamente em um ambiente de contenção e controle intenso.

Palavras-chave: Psicologia Social, Processos de Subjetivação, Escola Pública

Participante: Priscila Benitez

Outros Autores: Tania Peral, Ana Carla Cividanes Furlan Scarin

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Escola para Pais: Repaginando A Relação Família-Escola

Resumo: A escola para pais é um instrumento que permite repaginar as funções dos pais e da escola no desenvolvimento dos filhos/ alunos e orientá-los a partir dos conhecimentos fornecidos pela Psicologia. Para tanto, foi necessário compreender a instituição familiar, por ser a primeira célula social do ser humano, responsável por suas primeiras interações no mundo. A escola, por sua vez, é quem fornece continuidade a esse processo educativo, porém, de modo formal, com conteúdos organizados e sistematizados, visando o desenvolvimento do cidadão. Atualmente, as complexas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, decorrentes do impacto tecnológico provocaram diversas mudanças na dinâmica familiar e estas são retratadas no ambiente escolar dos filhos. A fim de proporcionar uma melhora nas relações entre escola e família, surge a necessidade desses educadores conhecerem o desenvolvimento infantil: as necessidades e as dificuldades de cada faixa etária. Esta pesquisa, tanto bibliográfica (Áries, 1975; Buccini, 2007; Guzzo, 1990; Rizzini, 2002) quanto de campo, foi desenvolvida em uma unidade escolar da rede estadual de São José do Rio Preto/SP, relacionando as questões teóricas e metodológicas à abordagem (auto)biográfica, a qual permitiu explorar os aspectos subjetivos dos pais. Para efetivo desenvolvimento deste estudo foi necessário organizá-lo em quatro encontros, por meio de aulas dinâmicas. Os instrumentos utilizados foram: observação, entrevista e questionário. Foram observados o funcionamento da escola, sua organização e as relações entre professor-alunos-pais-direção-comunidade. Também foram realizadas duas entrevistas semi-dirigidas, uma com a vice-diretora, a qual norteou a escolha do público-alvo: os pais dos alunos do ensino fundamental e a outra com o diretor, o qual sublinhou a escolha da vice-diretora. Durante a reunião de pais, foi realizada a aplicação dos questionários, cuja finalidade foi constatar o interesse destes pais pelo curso. Para instigar a presença dos mesmos, houve distribuição de panfletos. Os objetivos propostos para este estudo foram: reconhecer as dificuldades no espaço escolar, proporcionar um meio de reflexão às questões nevrálgicas em termos de relacionamento da escola e integrar os pais no âmbito escolar dos filhos. Os resultados apontam uma dificuldade tanto da família em estabelecer vínculos com a escola, como da escola em estabelecer vínculos com a família. Contudo, foi possível emitir as informações sobre o desenvolvimento e provocar a reflexão, o reconhecimento e a interação entre os pais e assim, proporcionar aos seus filhos uma educação mais eficaz. Conclui-se que, mesmo diante das diversas problemáticas, a escola para pais veio calçar o GAP que estava em falta na dinâmica familiar e escolar e assim, foi possível atingir os objetivos propostos, já que toda transformação quando almejada e estruturada é capaz de anunciar soluções efetivas, mesmo que seja em uma pequena população.

Palavras-chave: Escola, Família, Psicologia

Participante: Maria Juliana Pires Amaral

Outros Autores: Erica Cristiane Ribeiro Araujo, Raquel dos Santos Gouveia, Daniele Rodrigues Peixoto Costa, Marcela Sivald

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Erica Cristiane Ribeiro Araújo

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Escolas Promotoras da Saúde

Resumo: Objetivos:

Este trabalho é realizado de acordo com a proposta da OPAS/OMS, de escolas promotoras da saúde, que considera a escola como instituição fundamental na formação integral da pessoa, não só com o papel de instrução na educação formal, mas com a

função educadora no sentido mais amplo da palavra, em que os escolares podem considerá-la como lugar de referência além do círculo familiar. O setor da educação encontra-se envolvido como parceiro e desta forma incluem-se no projeto instituições de ensino municipais, de pedreira/sp.

Neste sentido, o objetivo do projeto é transformar a escola num modelo para a formação dos alunos, capacitando e preparando professores e funcionários para enfrentar os desafios que a vida impõe. Nesta perspectiva, objetiva-se que alunos, professores, funcionários e familiares atuem na busca de integração escola e comunidade, em uma forma ativa de participação.

Descrição das atividades:

Abordamos assuntos de interesse comum onde prevalece o diálogo, enfocando diversos temas: o papel da família e a inter-relação entre seus membros, a importância da escola e a função do professor e demais funcionários, desenvolvimento psicomotor e cognitivo e suas implicações, higiene pessoal e coletiva, alimentação e nutrição, atividade física, sexualidade, gravidez na adolescência, DST/AIDS, violência e drogas, entre outros.

A partir da identificação de lideranças nas unidades escolares e na comunidade é realizado um levantamento das necessidades e, posteriormente, são definidas as intervenções adequadas à situação. Estas ocorrem na forma de palestras, grupos de discussão, orientações, dramatizações, dinâmicas e outras atividades; além dos atendimentos médico, odontológico e psicológico, segundo as demandas identificadas pela equipe, pelos parceiros e pelas famílias.

Avaliação dos resultados:

Constatamos um aumento no nível de satisfação da comunidade no que se refere à relação desta com as unidades escolares, participação ativa dos alunos na condição de protagonistas das mudanças esperadas em seus espaços; formando, assim, agentes multiplicadores que se preocupam e se envolvem com as questões da comunidade, além de uma maior integração entre as escolas participantes do programa.

Observamos que os interesses, as preocupações e as necessidades manifestos pelos alunos, pelas famílias e pelos profissionais envolvidos no projeto podem ser trabalhados e atendidos de forma mais satisfatória quando existe uma integração e uma colaboração real de todas as partes. Supondo que essa integração possa ser prejudicada pelas diferenças na formação e na conduta das pessoas que formam os diversos grupos, a prioridade é alcançar um objetivo comum.

Sendo assim, notamos que é importante valorizar, ainda mais, ações grupais e intersetoriais e buscar mais parceiros que se identifiquem com nossa proposta, para, deste modo, gerar um contínuo desenvolvimento e aperfeiçoamento de nosso trabalho.

Palavras-chave: Saúde, Intersetorialidade, Escola

Participante: Eliana Santos Pereira

Outros Autores: Eliana Santos, Solange Múglia Wechsler

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Estilos de Aprendizagem - O Que Entendem e Consideram a Respeito Professores Paulistas

Resumo: Entende-se por estilos, como sendo maneiras preferenciais de comportar-se frente a determinadas situações cotidianas. Assim sendo, estilos de aprendizagem revelam como os indivíduos preferem aprender sobre determinado assunto. Deve ser então considerada as diferenças individuais, no que tange aos elementos de preferências sociológicas, predisposições emocionais, interação com o ambiente, características fisiológicas, e modos de processar informações (psicológicas). Conhecer a concepção sobre os estilos de aprendizagem que os docentes comungam, e se os considera no planejamento de sua prática educacional, faz-se essencial, para que seja possível compreender os mais

variados modos de estilos e estratégias de ensino utilizadas pelo professorado para atender a estes estilos, de modo que com essa práxis, este profissional consiga aproximar-se ao máximo dos estilos preferenciais de seus alunos. Essa atitude pode corroborar para que os docentes consigam auxiliar seus aprendizes a explorar melhor seu estilo preferencial e a trabalhar melhor, desenvolver os estilos que têm mais dificuldades. Desta maneira, este estudo, um projeto piloto de pesquisa, buscou explorar e caracterizar a percepção de docentes, tanto da rede regular de ensino de um município da região do Alto Tietê, como de outra instituição de ensino particular, localizada no interior, ambas no Estado de São Paulo, têm acerca dos estilos de aprendizagem. Com esta finalidade, de conhecer a concepção acerca do tema, foi elaborado um roteiro de entrevista semi-estruturado, com itens essenciais para identificação do participante, bem como a respeito dos estilos de aprendizagem. O tratamento direcionado a estes dados consistiu de análise de conteúdo. Assim sendo, a partir das respostas, foram sugeridas duas categorias para discussão dos dados. Neste momento, aplicou-se uma análise intrajuíz e interjúiz, alcançando um índice de acordo de cem por cento, para todas as comparações solicitadas. Deste modo, a identificação deste estilo, deve compor o processo de avaliação psico-educacional, o qual implica de modo significativo, no sucesso escolar do alunado. Assim sendo, este escrito consiste em uma pesquisa de cunho exploratório e qualitativo, cujo principal objetivo é identificar a percepção dos docentes acerca dos estilos de aprender, conceito e consideração na prática profissional. Integra este estudo 11 professores de ambos os sexos (feminino n=8; 72,72% e masculino n=3; 27,28%), de dois municípios paulistas, com formação nas grandes áreas de ciências da saúde (n=1; 9,09%), exata e da terra (n=3; 27,27%), humanas (n=6; 54,54%) e sociais aplicadas (n=1; 9,10%). Pela análise de conteúdo de um questionário semi-estruturado, notou-se que poucos docentes conseguem distinguir os estilos, embora afirmem considerá-los na prática pedagógica.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Formação Docente, Estilos Cognitivos

Participante: Roberto Moraes Salazar

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Estratégias de Intervenção nas Escolas a Partir do Estágio de Psicologia Escolar

Resumo: Este trabalho é parte de um projeto de intervenção desenvolvido ao longo dos últimos dez anos por alunos do nono e décimo semestre do curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul, no estágio supervisionado de Psicologia Escolar, em escolas da rede pública municipal e estadual da zona leste da cidade de São Paulo.

Pensando na responsabilidade dos agentes formadores sobre estas questões, desenvolvemos um projeto de estágio na Universidade Cruzeiro do Sul, apoiado em um trabalho de intervenção escolar, com o objetivo de oferecer ao aluno condições para refletir e questionar este cotidiano a partir de uma vivência prática.

Ao considerarmos que a formação do psicólogo se consolida por meio do estágio supervisionado, entendido este como um lugar de iniciação prática e ao mesmo tempo de reflexão teórica e crítica, propiciado pelo contato do aluno com a escola, elaboramos um projeto de intervenção que consistiu de dois momentos: um teórico e o outro prático.

O teórico se desenvolve nas supervisões por meio de leituras e discussões em grupo, direcionadas para as questões sobre a história e a constituição de uma Psicologia Escolar; a identidade e o papel do psicólogo escolar; contextos diversos de escolas; e sobre a atuação e intervenção do psicólogo neste lugar.

O prático se dá por meio de visitas semanais, realizadas pelos estagiários durante o ano letivo, em escolas de educação básica

infantil, ensino fundamental I e II, ensino médio, pertencentes às delegacias de ensino municipal e estadual, além de atendimento em grupo no NEAP (serviço-escola).

No decorrer deste trabalho, percebemos que o estagiário passa a analisar e a refletir com maior clareza o cotidiano escolar, ao rever a importância do psicólogo nesse contexto para propor intervenções que promovam de fato qualidade e saúde mental na escola, possibilitando, ainda, a criação de espaços alternativos de intervenção.

Concluímos, assim, que a escola ainda é um campo a ser conquistado pelo psicólogo e essa inserção, sob forma de estágio, oferece aos estagiários, vivências de aprendizagens sociais, profissionais e culturais, proporcionadas pela possibilidade de participarem em situações reais de vida e de trabalho na escola.

Outro aspecto importante a se considerar, é a variedade de “motivos” para justificar a indicação do “tratamento” psicológico, que reflete, ainda, a dificuldade de compreensão do papel e da identidade do psicólogo dentro da escola

Palavras-chave: Psicologia, Educação, Escola

Participante: Déborah Rosária Barbosa

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Déborah Rosária Barbosa

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Experiência de Estágio em Atendimento a Queixas Escolares em Um Serviço-Escola de Psicologia

Resumo: Esta é uma síntese da experiência de estágio profissionalizante em Psicologia escolar/educacional realizado na Universidade Federal de Uberlândia (MG) atendendo crianças com queixas escolares nos anos de 2004 e 2005. Trata-se da intervenção cujo objetivo era atender crianças/adolescentes com queixas escolares que procuravam a clínica-escola da UFU. Foram atendidas mais de 30 crianças e tendo como estagiários 15 alunos, sendo 12 do curso de Psicologia, 1 aluna do curso de graduação em matemática, e 2 alunas de artes plásticas. A atuação psicológica tinha como prerrogativa um atendimento não tipicamente clínico. Esta diferenciação começava com a avaliação, baseada em análise de todo o contexto sócio-familiar e histórico escolar, diferenciando-se dos moldes tradicional clínico de anamnese e aplicação de testes psicológicos. As crianças tinham atendimentos individuais e grupais semanalmente, assim como seus pais, e, quinzenalmente, as escolas que encaminharam as crianças eram visitadas. Assim como a avaliação, o atendimento era pautado pela abordagem histórico-cultural vigotskyana, que acredita que o indivíduo deve ser observado e avaliado a partir de suas condições concretas de vida, sua história e suas relações sociais, que em conjunto formam seu psiquismo. Todos os envolvidos na queixa: os pais, a escola, e a professora da criança também receberam intervenção. Trabalhava-se questões mais específicas da dificuldade dos grupos (pais, crianças, escola/professora) com atividades lúdico-terapêuticas e interventivas. O trabalho teve a experiência de juntar estagiários da Psicologia com uma estagiária da matemática, e mais duas alunas de artes plásticas, o que proporcionou um espaço de formação multiprofissional e trabalho em equipe. O grupo de professoras não persistiu em algumas escolas, por resistência das mesmas, e foram feitos atendimentos individuais a professoras, e em duas escolas houve a possibilidade de trabalho coletivo em forma de palestras. Como resultado, identificou-se que esta é uma grande demanda profissional do psicólogo, que vem sendo atendida de forma equivocada, com enfoque puramente clínico, sem levar em consideração o fato de ser oriunda do meio escolar. Na condição de um estágio profissionalizante de Psicologia, proporcionou aos futuros psicólogos a vivência de um trabalho com uma abordagem diferenciada do modelo tradicional e também um espaço de atuação multiprofissional. No que se refere às crianças, verificou-se

grandes avanços no que se referia às queixas iniciais trazidas pelos mesmos. Os pais e escola também relataram ao final maior entendimento sobre as queixas iniciais trazidas. O trabalho teve como destaque a avaliação psicológica pautada em uma análise qualitativa de queixas escolares, e na intervenção atividades criativas de dinâmicas de grupo e uso da arte, jogos e brincadeiras.

Palavras-chave: Fracasso Escolar, Atendimento de Queixas Escolares, Psicologia Escolar e Arte

Participante: Milene Hatsue Yagi Santana

Outros Autores: João Carlos Magela dos Santos

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Roseli Fernandes Lins Caldas

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Expressando-se e Fortalecendo Laços: Uma Nova Forma de se Olhar

Resumo: A partir de um diagnóstico realizado em uma instituição escolar pública em bairro da zona sul paulista surgiu o presente projeto, visando à promoção de reflexão crítica naqueles que participam do âmbito escolar com o objetivo de trabalhar assuntos voltados às relações interpessoais, com foco especial no respeito. O trabalho principal foi realizado com os alunos a partir das queixas de agressividade que foram sendo discutidas e desconstruídas durante a realização do projeto. Foram escolhidas para participar do projeto de intervenção as 4^a séries, sendo uma delas a sala de PIC - programa de intensificação do ciclo - sala considerada pelos professores como a de maior dificuldade para se dar aula. Ficava evidente que a estigmatização e preconceito por parte de professores e colegas, acabava por ocasionar atitudes inadequadas de agressividade e não aprendizagem. Desenvolver um projeto em uma escola pública situada em uma zona nobre da cidade de São Paulo, em cujo entorno estão prédios luxuosos e movimentação de empresários, mas que se caracteriza por alunos em sua maioria moradores de Paraisópolis, com baixas condições sócio-econômicas, exigiu muito esforço, energia e principalmente motivação. As atividades começaram com conversas sobre identidade, preconceito e diferenças, e aos poucos conseguimos desenvolver juntos atividades ligadas ao cotidiano de seus pais, infância, brincadeiras e regras. Brincamos com a imaginação deles e com a criatividade, buscando dentro de cada um a capacidade que muitos não enxergavam ou desacreditavam possuir. Buscamos em nossos encontros sempre um contato dos próprios alunos com o que lhes apresentávamos, na sua maioria em forma de brincadeiras, uma vez que a experiência do brincar traz à criança a possibilidade de criar, inventar, respeitar regras e relacionar-se melhor com o outro. Os nove encontros resultaram em uma exposição dos brinquedos criados por eles com materiais recicláveis, alguns em grupo, outros individuais, mas com utilização coletiva. A exposição dos brinquedos produzidos deu-se no intervalo das aulas e foi vista por todos os alunos da escola e também por professores, direção e funcionários. A montagem e a organização da exposição foram realizadas com a ajuda dos próprios alunos artistas e todo o trabalho foi finalizado com a confecção, por parte dos alunos, de uma carta, para os estagiários contando suas experiências nos encontros. A sala de PIC foi a que indicou melhor aproveitamento, participação e envolvimento dos alunos, tanto na realização das atividades, como nos momentos de reflexão crítica a respeito dos temas desenvolvidos. Abrir este espaço de reflexão, quase sempre tão difícil dentro de uma organização escolar, em especial a alunos desacreditados, trouxe a possibilidade de se sentirem mais autoconfiantes, conscientes de suas capacidades e respeitados pelos colegas. Conseguimos que eles se expressassem e fortalecessem seus laços como uma nova forma de se olhar e de olhar suas possibilidades diante dos desafios que a escola lhes traz.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Respeito, Aprendizagem

Participante: Eni De Fátima Martins

Outros Autores: Nilma Renildes da Silva, Adrieli Natália Cazetta, Andrea Souza Leão Paleari, Juliana Martines De Souza, Andrea Souza Leão Paleari,

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Nilma Renildes da Silva e Eni de Fátima Martins

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Formação Continuada para Professores, Estudantes de Psicologia e Psicólogos em Relação ao Tema: Violência nas Escolas na Perspectiva Sócio-Histórica

Resumo: A discussão do tema violência no espaço escolar responde a uma demanda social por parte daqueles que lidam com a situação diariamente: professores, pais, coordenadores da escola, comunidade, família, alunos, funcionários e outros profissionais que podem vir a atuar na educação. A violência nas escolas tem implicações no processo de aprendizagem e influi na construção de subjetividades críticas, podendo interferir assim na formação dos indivíduos. O presente trabalho tem como objetivo apresentar parte das atividades realizadas no projeto de extensão “formação continuada para professores, estudantes de Psicologia e psicólogos em relação ao tema: violência nas escolas na perspectiva sócio-histórica”, o qual objetiva desenvolver intervenções que possam contribuir para a discussão e o enfrentamento da violência na escola compreendendo a mesma na sua complexidade, buscando desvelar suas raízes e conseqüências na esfera das estruturas históricas da sociedade capitalista. Para tanto, abarcam-se as relações dos sujeitos entre si somadas às relações institucionais, familiares e entre quaisquer outros grupos sociais dos quais fazem parte. Assim, a fim de discutir e refletir sobre a violência nas escolas, realiza-se quinzenalmente um grupo de estudos, o qual é composto por duas professoras da Unesp/Bauru, um psicólogo cuja área de atuação permeia o tema violência e dez estudantes de Psicologia, sendo três deles contemplados por bolsas Proex. O referencial teórico utilizado parte do pressuposto de que a formação dos indivíduos se dá por meio da atividade exercida socialmente; assim, o homem se constitui como sujeito por meio das relações sociais que estabelece. A existência do grupo de estudos é importante para a constituição da subjetividade dos participantes e para a formação profissional do psicólogo, visto que proporciona espaços de reflexão que contribuem para a apropriação de conhecimentos teórico-metodológicos que auxiliam na constituição e inserção de novas práticas que prescindam do uso da violência nas relações sociais. A busca de alternativas de intervenção para a questão da violência na escola é uma ação formativa no âmbito da saúde mental e é importante para que se desenvolvam relações consideradas saudáveis entre os indivíduos, ao mesmo tempo em que se estabeleça um ambiente escolar mais acolhedor, capaz de cumprir sua função social de transmissão do conhecimento historicamente produzido e socialmente acumulado e proporcionar bem-estar psicossocial para todos que dele fazem parte. O objetivo do projeto é, em última instância, a formação de profissionais capazes de desvelar a realidade e os fenômenos sociais, ou seja, profissionais conscientes e agentes de transformação social.

Referências:

Abramovay, M.; Rua, M. G., et al. Violência nas escolas. Brasília: Unesco, Instituto Ayrton Senna, Unaidis, Banco Mundial, Usaid, Fundação Ford, Consed, Undime, 2002.

Baró, I. M. Acción e Ideologia. San Salvador/ El Salvador: UCA Editores, 1983.

Batista & El-moor. Violência e agressão. In: Codo, W (org.) Educação: carinho e trabalho. Wanderley Codo (org.) - Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: CNTE : Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

Bock, A. M. B. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: _____; Gonçalves, M. G. M.; Furtado, O. (orgs.). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

Leontiev, A. N. O homem e a cultura. In: ____ O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Horizonte, 1978.

Martins, E. de F. Violência na escola: concepções e atuação de professores. Dissertação de mestrado. Programa de estudos pós-graduados em educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

Silva, Nilma Renildes da. Relações sociais para superação da violência escolar e processos formativos de professores. São Paulo, 2006. 297f. Tese - doutorado - programa de estudos pós-graduados em educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo, 2006.

Palavras-chave: Violência nas Escolas, Formação Continuada, Sócio-Histórica

Participante: Dailza Pineda

Outros Autores: Janaina Klinko

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Adriana Marcondes Machado

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Intervindo no PIC: Por Uma Historicidade Escolar

Resumo: Este trabalho é resultado de um projeto mais amplo desenvolvido pelo grupo de supervisão do qual fazíamos parte na disciplina “Psicologia escolar e práticas institucionais”, no primeiro semestre de 2008.

No início do presente estágio, participávamos das aulas a fim de colecionar cenas e acontecimentos, e assim possibilitar a elaboração de uma proposta interventiva que privilegiasse e potencializasse as forças minoritárias presentes naquele contexto - atuamos na 4ª série PIC do período da tarde.

Para contextualizar, o projeto intensivo no ciclo (PIC) faz parte do programa estadual ler e escrever, implementado a partir de 2007, que visa promover a recuperação da aprendizagem, focalizando as competências de leitura e escrita dos alunos do ciclo I.

O PIC aparece como um recurso criado a partir da constatação de que alguns alunos foram ficando para trás em seu percurso escolar. Portanto, vem remediar e explicitar uma crise que nos pareceu muito mais ampla. Pensamos se poderia o PIC ser um dispositivo para fortalecer alunos e professores e implicá-los no processo de “produção do analfabetismo”. De modo que nosso trabalho pretendeu conhecer tal projeto e com ele afetar as séries anteriores e posteriores, ou melhor, tendo-o como um lugar limítrofe, inseri-lo no processo histórico que é a própria escola.

Vivemos algumas cenas interessantes que nos permitiram pensar, sobretudo, nas características e nos processos de encaminhamento que deram origem àquela sala. São grandes a heterogeneidade das histórias escolares dos alunos e as especificidades de seus estágios de aprendizagem.

Tentamos estabelecer, por meio de encontros com a professora e atividades com a sala, o sentido e a necessidade de algumas perguntas, entre elas as peculiaridades e motivos daquele lugar PIC e habitar suas fronteiras. Isto porque, o campo subjetivo atravessa e interfere nos demais tipos de relação, por exemplo, a pedagógica.

Para isso, pesquisamos produções, expectativas e efeitos subjetivos que aconteciam naquela 4ª série, como forma de enfrentamento. Assim, inventamos dispositivos - encontros, conversas, visitas a outras salas - que problematizaram a cristalização dos lugares, a formação da sala e o passado/futuro escolar de seus atores, a fim de legitimar suas intervenções nos processos de produção que levam a uma sala PIC, já que acreditamos que a aprendizagem é em si uma forma de intervenção.

Neste sentido, nosso trabalho pretendia fortalecer - neste campo complexo onde atuavam diversas forças, os atores, para que pudessem se implicar nas relações que habitavam. Assim, contamos com a participação da professora na elaboração conjunta de atividades que proporcionaram discussões acerca das especificidades deste “ser” aluno, dizendo de outra forma, dos modos de subjetivação ali possíveis.

As discussões sobre as características da sala PIC, suas peculiaridades e semelhanças, atravessaram e deram sentido a todas as atividades que realizamos, culminando em uma visita de um grupo de representantes sorteados a uma 4ª série regular. Com esta visita, previamente construída com a classe, por meio da elaboração de perguntas e informações que seriam compartilhadas com os outros alunos, e as reflexões dela advindas, encerramos nossa participação em sala de aula.

Consideramos que o trabalho realizado ao longo daquele semestre ofereceu oportunidades de intervenções concretas, assim como, o estreitamento dos limites entre a universidade e a escola pública e a elucidação das especificidades de atuação do psicólogo.

Palavras-chave: Programa Intensivo no Ciclo, Alfabetização, Escolarização

Participante: Roberto Moraes Salazar

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: O Estágio Supervisionado Em Psicologia Escolar: Um Desafio À Formação

Resumo: Este trabalho tem como premissa discutir e apresentar o estágio supervisionado em Psicologia escolar da Universidade cruzeiro do sul, como lugar de iniciação da prática e ao mesmo tempo de reflexão crítica e teórica na formação de nossos alunos. Este lugar se consolida em um espaço de criação e de conhecimento, gerado pelo desafio decorrente de uma situação nova: as demandas da escola pública. A falta de preparo, manejo e adequação do psicólogo para enfrentar e superar questões específicas do cotidiano escolar é apontada com frequência em vários estudos. Pensando na responsabilidade dos agentes formadores sobre estas questões, desenvolvemos um projeto de estágio na Universidade cruzeiro do sul, apoiado em um trabalho de intervenção escolar, com o objetivo de oferecer ao aluno condições para refletir e questionar este cotidiano. O projeto caracteriza-se por várias etapas de ação que são discutidas e avaliadas ao longo do processo de intervenção escolar.

O referencial teórico do nosso trabalho está apoiado em uma Psicologia crítica, assentado nas bases de uma perspectiva sócio-histórico-cultural, que procura compreender a realidade, de modo a contribuir para um conhecimento psicológico, voltado para uma ação transformadora dentro da escola. Acreditamos que é na vida cotidiana que os indivíduos pensam e repensam, reformulam e reconstruem suas noções de entendimento sobre coisas, as quais servirão para a identificação social e o desempenho de seus papéis. (Berger e Luckman, 1966).

Palavras-chave: Psicologia, Educação, Formação

Participante: Juliana Pelinsom Marques

Outros Autores: Tânia Maria Santana de Rose

Eixo: Psicologia E Instituições Escolares E Educacionais

Título: O Professor e A Motivação dos Alunos: Um Estudo sobre as Estruturas de Metas de Sala de Aula

Resumo: Cada vez mais é destacada a importância da motivação como um facilitador do sucesso acadêmico dos alunos. Entretanto, alunos desmotivados em sala de aula tem sido um grande problema para professores de toda a rede de ensino. O que se tem argumentado é que o encaminhamento dos problemas motivacionais destes alunos requer adaptações na metodologia dos professores e na organização escolar, muitas vezes necessitando

de recursos adicionais para conseguir um maior envolvimento dos alunos. Este estudo apóia-se na teoria das metas de realização para examinar a influência da estrutura de meta de sala de aula sobre a motivação dos alunos. A estrutura de meta descreve o tipo de meta de realização que é salientada dentro da sala de aula, escola ou outro ambiente de aprendizagem, pela prevalência de certas práticas instrucionais. Este estudo teve como objetivo descrever a estrutura de meta de aulas conduzidas por professores do ensino fundamental. Participaram do estudo três professores do ensino fundamental de uma escola pública. Eles responderam a uma entrevista semi-estruturada sobre as tarefas, autonomia, reconhecimento e avaliação em sala de aula. Os professores relataram que tentam diversificar as atividades dadas em sala de aula, apresentando-as de maneira que seja do interesse do aluno, além de fornecer várias oportunidades para os alunos mostrarem seu desempenho, com diferentes e variadas práticas de avaliação. De modo geral, as práticas dos professores contêm elementos que favorecem a motivação dos alunos para aprender. Além disso, sugere-se que novas pesquisas acerca da concepção de autonomia sejam realizadas nas instituições escolares. Este estudo mostra a importância da organização da sala de aula e a influência que as práticas dos professores podem ter na motivação do aluno. Finalmente, espera-se que este estudo sirva de referência para novos estudos na área de motivação, principalmente aqueles pautados na teoria das metas de realização.

Palavras-chave: Motivação, Práticas de Professores, Teoria das Metas de Realização

Participante: Marisa Assunção Cirilo

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: O Psicólogo na Educação: Um Campo Prático-Investigativo em (Des)Construção

Resumo: O que cabe ao psicólogo ao ser chamado para compor a equipe de orientação técnica de um sistema de ensino municipal? O objetivo deste resumo é problematizar a minha experiência como orientadora técnica neste sistema e apontar alguns efeitos deste tipo de intervenção no imaginário do professor.

As atribuições definidas em estatuto compreendem “as funções de apoio técnico” e destaca a atuação do psicólogo no “processo de formação permanente dos educadores” (lei 4681/98). A orientação técnica é uma vertente da formação permanente e caracteriza-se como acompanhamento presencial à escola, para discutir com os gestores e professores situações relacionadas à escolarização dos alunos. É pedido ao psicólogo que dê resposta para duas perguntas recorrentes do professor: como fazer com esta criança que não aprende? Como fazer com esta criança que não tem limites?

Em 2002, num levantamento feito para caracterizar as queixas escolares mais freqüentes encaminhadas para acompanhamento do psicólogo, dos 199 registros, 19,6% referia-se a queixas de aprendizagem; 19,6% a queixas de comportamento; 18,4% a queixas que traziam associadas questões de aprendizagem e comportamento; 5,6% a queixas de fonoaudiologia (fala e linguagem).

Conjeturo que as perguntas do professor endereçadas ao psicólogo devem ser consideradas num contexto histórico, como uma forma de pensar e de agir que se instalou desde a modernidade. O modo de atuar predominante do psicólogo, que dispõe de maneira produtiva sobre seu conhecimento especializado em aprendizagem e conduta, é signatário do mesmo ideário, uma visão de mundo consolidada nas formas do cientificismo e do tecnicismo. Os referenciais para formação de professores também são porta-voz desses ideais e quanto aos professores apontam que “o domínio teórico do conhecimento profissional é essencial, mas não é suficiente”, ou seja, não basta ter o domínio das matérias a serem ensinadas, faltam-lhes conhecimentos para responder às

diferentes demandas das situações de trabalho, aquilo que na atualidade se convencionou esperar do trabalho dos professores: que desenvolvam em seus alunos múltiplas capacidades. Uma das possibilidades é a de apoiar-se nos conhecimentos especializados para propor formas de dar cabo dos entraves causados na e pela escola.

Considero que esta visada tende a desqualificar a maneira singular como cada professor formula questões sobre sua vivência com a educação dos alunos, e coloca em seu lugar um conhecimento acabado que visa responder a questão de como o professor deve lidar com determinadas situações, numa abordagem generalizante e a-subjetiva, que faz valer para todos os mesmos preceitos.

Haveria outra possibilidade de trabalho que ao invés de oferecer respostas ou propor estratégias, mobilizasse no professor outras questões para além daquelas embutidas nas suas queixas repetitivas? Seria possível ao psicólogo sustentar, com seu conhecimento, uma posição que possibilitasse ao professor desdobrar as suas interrogações, reconhecendo como próprias e valorosas as saídas que encontra?

Uma possibilidade na prática de orientador técnico é que o psicólogo possa se exercitar no empoderamento do professor em relação ao seu fazer pedagógico; intervir no sentido de recuperar o seu saber artesanal transmitido pelos seus próprios professores e educadores e que lhe dão as marcas de estilo; valorizar as suas descobertas e as suas invenções dentro dos limites do possível de cada um em relação à apropriação que faz das experiências que vive.

Palavras-chave: Psicologia e Educação, Práticas, Orientação Técnica

Participante: Natália de Mesquita Matheus

Outros Autores: Fátima Regina Pires de Assis

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Fátima Regina Pires de Assis

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: O Uso do Ensino de Habilidades de Leitura e Escrita como Modelo na Formação do Educador

Resumo: O presente trabalho refere-se à experiência de estágio supervisionado realizado em núcleo sócio-educativo (NSE) localizado na Zona Oeste da cidade de São Paulo. Dentre os objetivos dessa instituição encontram-se: proporcionar às crianças atendidas um espaço de socialização e promover o desenvolvimento da cidadania. Segundo os educadores o desenvolvimento da cidadania poderia ser comprometido pelas dificuldades de aprendizagem, notadamente na leitura e escrita, apresentada pelos educandos. Percebeu-se no relato dos educadores a concepção de que as dificuldades de aprendizagem e o desinteresse pelas atividades acadêmicas deviam-se às possíveis causas: problemas no desenvolvimento e/ou maturidade da criança; problemas concernentes à escola e questões familiares. Tais causas eram apontadas sem reflexão a respeito da própria prática educacional como mantenedora desses problemas. Esta intervenção teve dois objetivos principais: (1) produzir contingências de ensino que favorecessem o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita do aluno, a fim servir de modelo para os educadores e (2) discutir os fundamentos teóricos que embasam tais técnicas, indicando que os alunos com dificuldades são capazes de aprender mediante a utilização crítica de técnicas ao alcance do educador. Escolheu-se um dos alunos indicados para a realização do trabalho, por apresentar séria dificuldade de aprendizagem, segundo os educadores. O procedimento utilizado, baseado em princípios da análise do comportamento, especificamente nas propostas de Fred Keller, consistiu em: avaliar o repertório inicial de leitura da criança, organização das atividades em pequenos passos, partindo do que o aluno já demonstrava saber, apresentação sistemática de livros

de histórias com dificuldade crescente na construção das frases; apresentação prévia de palavras isoladas que apareceriam nos livros para aumentar as chances de acerto durante a leitura e atividades lúdicas que requisitavam leitura e escrita. Ao final da intervenção (20 semanas) o aluno havia lido os 19 livros apresentados, começando a adequar sua fluência de leitura à pontuação. De acordo com os relatos da mãe e da educadora, além da observação da estagiária, o educando passou a demonstrar grande interesse pelas atividades acadêmicas e prazer na leitura: solicitando mais material para ler, além de produzir as próprias histórias e modificar os desfechos de histórias lidas. Quanto ao segundo objetivo, a educadora passou a identificar princípios básicos de aprendizagem na sua relação com os educandos, e solicitou auxílio da estagiária na construção do planejamento de ensino do ano seguinte. Notou-se também alteração no relato da educadora quanto à atribuição das causas dos comportamentos dos educandos: passou a referir-se as relações que se estabeleciam dentro da instituição e não aos educandos isoladamente ou às famílias.

Palavras-chave: Ensino de Leitura-Escrita, Formação do Educador, Análise do Comportamento

Participante: Sandra Mara Padilha Gazzotti

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Oficina Desafio: Práticas de Superação das Dificuldades Escolares

Resumo: Dentro do sistema municipal de atendimento, baseado na lei 8.069/90, conforme disposto no art.87, que orienta as políticas de atendimento, foi criada, no município de Paulínia, SP, uma secretaria para cuidar especificamente dos assuntos relacionados à criança e ao adolescente, ficando responsável pela municipalização das medidas sócio-educativas, organização de um programa de atenção às famílias em situação de violência doméstica, oficinas sócio-educativas para adolescentes com mais de quatorze anos em situação de vulnerabilidade social, com bolsa-auxílio, entre outros programas voltados a este segmento.

No trabalho com os adolescentes das oficinas sócio-educativas, percebeu-se a necessidade de uma atenção ao desempenho escolar, pois apresentavam muitas dificuldades como: leitura e interpretação, noções matemáticas, de conhecimento geral, entre outras. Além disso, foi evidente, que estes jovens não conseguiam ver na escola, um local para aprendizagem e desenvolvimento, mas sim, uma vivência de situações de humilhação, intolerância e preconceito. Muitos relataram diferenças culturais muito marcantes, pois tendo vindo de outros estados, não viam representação de suas tradições e costumes no ambiente escolar.

Diante deste quadro, foi solicitada junto ao setor de Psicologia, uma proposta de atendimento, que não se configurasse como reforço-escolar, mas que de forma lúdica, pudesse trabalhar as questões pertinentes aos problemas constatados.

Pensou-se então, em adaptar o trabalho existente nas oficinas de memória, voltadas ao envelhecimento para oficinas de estimulação do raciocínio, linguagem e memória, adequando ao público adolescente, intitulado: oficina desafio.

Formaram-se pequenos grupos, de no máximo 6 integrantes, com encontros semanais de 2 horas, totalizando 30 adolescentes para a formação de um projeto piloto. Nesses encontros, os maiores objetivos eram gerar reflexão, mudanças de paradigmas, rompimento de pré-conceitos, além de desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, da linguagem, da expressão artística e de vivências lúdicas. Estimulou-se o protagonismo, onde se descobriam agentes de transformação pessoal e do grupo.

Debates, dinâmicas, jogos, desafios de escrita e raciocínio, desenvolvimento de um clima de cooperação e solidariedade, atividades para resgatar a auto-estima, fizeram parte constante do processo.

Resultados: o trabalho ainda está em andamento, mas já pôde-se perceber a participação ativa dos adolescentes nos grupos, mudanças comportamentais, com maior comprometimento com os estudos, aumento de frequência e em alguns casos, houve a recuperação de notas no terceiro bimestre.

Entretanto, este trabalho deve continuar e poderá ser melhor avaliado no ano seguinte e a longo prazo.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Adolescência, Desempenho Escolar

Participante: Alexandre dos Santos

Outros Autores: Anna Carolina Hirata Favilli, Bárbara Nanci de Souza, Christiane Ferreira Cardoso, Cibelle Ladeira Scudeller, Marcos Lanner de Moura, Sílvia de Souza Alves

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Alexandre dos Santos

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Organização de Um Serviço de Orientação Profissional e de Estudos em Uma Escola de Ensino Médio

Resumo: A atuação do psicólogo em escolas ainda apresenta uma série de questões quanto ao seu papel, importância e formas de atuação. O papel do psicólogo em escolas é visto, em geral, como o de solucionador de problemas na relação professor/aluno, na aprendizagem, no comportamento disciplinar de alunos e na relação escola/família. A presença do psicólogo na escola é valorizada, apesar de as condições de atuação no cotidiano escolar apresentarem várias dificuldades. Os entraves se dão na forma de inserção na estrutura pedagógica da instituição, na consideração dos espaços físicos para atuação, na relação com as várias instâncias escolares - direção/coordenação, professores, funcionários - e também devido a multiplicidade de funções atribuídas ao psicólogo. As formas de atuação esperadas estão associadas à imagem que se tem da Psicologia, em geral, com caráter clínico e não educacional.

O objetivo deste trabalho é apresentar um modelo de serviço de orientação desenvolvido em uma escola particular de Osasco, focando 1) na construção do modelo, 2) em suas características, 3) nas dificuldades encontradas para sua implementação e 4) nas conquistas e os novos questionamentos surgidos.

O serviço de orientação profissional e de estudos do colégio Leonardo da Vinci-Anglo é composto por 1 supervisor/coordenador, 4 psicólogas e 1 psicólogo. O modelo apresentado teve sua gestação a partir das reuniões de planejamento da equipe no ano de 2007. As atividades de orientação são divididas em dois tipos: orientação educacional e orientação profissional as quais são oferecidas para o colégio e para o curso pré-vestibular agregado ao colégio. As atividades de orientação educacional visam a um atendimento a alunos e família, discussão sobre o modelo político-pedagógico da escola, na orientação de estudos de alunos e suporte pedagógico a professores e coordenação. O psicólogo assume papel centralizador de informações acerca do aluno e seu meio, podendo dialogar com professores, pais, coordenadores e alunos em atividades diversas, atuando na intermediação das relações alunos-escola. As atividades de orientação profissional visam a inserção da problemática vocacional e profissional dentro do contexto escolar como elemento fundamental no desenvolvimento psicossocial do adolescente do nível médio de ensino por meio de: atividades de grupo, atendimentos individuais, organização de informações profissionais e debates frequentes sobre a temática da escolha de carreira.

Os resultados obtidos apontam para a possibilidade de inserção do psicólogo na escola com atividades ligadas ao cotidiano escolar, lidando tanto com questões didático-pedagógicas como com questões de desenvolvimento psicossocial do aluno: sua auto-imagem, seus projetos futuros, os métodos para solucionar seus problemas educacionais e vocacionais e a discussão permanente

do projeto político-pedagógico da escola. Contudo, as tensões, embates e enfrentamentos ainda dificultam sobremaneira a atuação do psicólogo na escola

Palavras-chave: Instituições Educacionais, Ensino Médio, Orientação Educacional

Participante: Alexandre dos Santos

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Orientação Profissional em Curso Pré-Vestibular: Construção de Modelo Teórico-Prático

Resumo: A inserção da orientação profissional em cursos pré-vestibular (cursinhos) tem seus primeiros momentos por volta do final da década de 1960 e utilizou-se das técnicas que estavam à disposição naquele período, desde as já consagradas até algumas inovadoras.

Sofreu forte influência de um modelo de ciência que reconhecia como única investigação possível e concreta a operada por instrumentos de medida e averiguação, promovendo uma fragmentação do sujeito em componentes elementares para estudo.

Dessa maneira, as práticas eram organizadas a partir de testes psicométricos ou outro instrumento de averiguação e foram as mais disseminadas. Outras abordagens surgiram depois e centravam a problemática da escolha na origem social ou introduziam a intersubjetividade na construção teórica do indivíduo.

O objetivo deste trabalho é apresentar um modelo de orientação profissional que vem sendo construído desde meados da década de 1990 e as transformações que foram ocorrendo neste modelo devido às mudanças no mundo do trabalho e do ensino superior, as novas demandas de alunos, pais e instituição por um serviço como esse e as relações políticas institucionais para a manutenção do serviço (no atual modelo) por mais de uma década.

As práticas desenvolvidas visam promover discussões sobre o mundo do trabalho e suas contradições, acesso à universidade e a democratização do ensino, a política educacional e colocar o estudante na condição de personagem reflexivo sobre a situação da qual participa. Elas são divididas em duas frentes: orientação profissional e orientação de estudos. A orientação profissional desenvolve atividades de atendimento individual e em grupo, promove ações profiláticas com relação à competição dos vestibulares, promove o acesso à informação de carreira e Universidades. A orientação de estudos é subdividida em ações individuais e coletivas sendo as individuais ligadas a estratégias de estudo e acompanhamento de desempenho; as ações coletivas são treinamentos situacionais em simulados, suporte pedagógico à coordenação e professores e disseminação de linguagem similar para orientação entre as várias instâncias (professores, coordenação e orientação).

Os resultados obtidos apontam para a maior eficiência da existência de um serviço de orientação profissional em um curso pré-vestibular do que projetos de orientação sazonais. A existência de um serviço de orientação permanente permite ao estudante um lugar de referência para lidar com suas angústias com relação ao futuro profissional e com a ansiedade existente com relação aos exames de ingresso na Universidade. A formalização do vínculo profissional - CLT - com a instituição permite ao profissional de Psicologia inserir-se no cotidiano da escola e influenciar nas propostas de curso e ações educacionais.

Palavras-chave: Instituições Educacionais, Curso Pré-Vestibular, Orientação Profissional

Participante: Andréia Marques Gomes

Outros Autores: Beatriz de Paula Souza

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Pensando A Contribuição da Psicologia em Uma Instituição de Educação Não-Formal

Resumo: Esse trabalho foi realizado em uma instituição de educação não-formal; uma ONG para crianças do ensino fundamental. Percebemos que atividades escolares ocupavam grande espaço e outras necessidades das crianças que essa instituição poderia preencher eram insuficientemente contempladas. As atividades relacionadas à escrita eram similares às da escola; a instituição não desenvolvera uma abordagem das letras própria e diferenciada da escolar. Objetivo principal: refletir sobre o papel da educação não-formal, a partir das necessidades das crianças da instituição, tendo em vista seu desenvolvimento como seres integrais, gerando um aprimoramento permanente das práticas dessa instituição. Objetivos parciais: -ampliar o espaço de expressão das crianças, para melhor conhecê-las e às suas necessidades. -trabalhar junto com educadores, coordenadora, crianças e talvez pais, para que nosso trabalho pudesse ser construído e constantemente discutido em conjunto com todos os personagens que a compõem, propiciando desenvolvimentos independentes de nossa presença. -propiciar que o processo de reflexão continue após o fim da nossa participação, gerando aprimoramento e renovação de práticas sempre que necessário. Descrição das atividades: -grupo de expressão: 9 encontros, semanais, com crianças de um dos grupos da ONG. Finalidade: possibilitar a expressão e reflexão sobre quem são, quais as suas necessidades e como aprimorar a instituição, entre outros temas. -discussões semanais informais com a educadora desse grupo, refletindo sobre a atividade do grupo de expressão e sua relação deste com seu trabalho e o da ONG. -reuniões quinzenais com educadoras e coordenadora. Finalidade: partindo do que se revelava no grupo de expressão, refletir sobre seu trabalho e a instituição em geral. Discutir situações do dia-a-dia, aprimoramento de práticas, criação de projetos e promover maior integração da equipe. Avaliação dos resultados: as crianças puderam expressar suas necessidades e levantar temas importantes, como brincadeiras, conhecimento mútuo, escola, violência, discriminação racial e de classe social e religião. Discutiram, ainda, a importância da educação não-formal de se diferenciar da escola no contato oferecido com o mundo das letras, utilizando estratégias próprias. Essas discussões encontraram repercussão entre as educadoras, gerando maior clareza de seu papel na educação não-formal e mudanças concretas, como valorização da brinquedoteca e criação de novos projetos. Puderam planejar coletivamente, expressando-se e pensando a instituição com uma postura mais ativa e autônoma. Avaliamos, com educadoras e coordenação, que os objetivos desse trabalho foram alcançados.

Palavras-chave: Educação Não-Formal, Psicologia, Psicologia Educacional

Participante: Roseli Fernandes Lins Caldas

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Psicologia Escolar na Rede Pública de Ensino - A Importância das Experiências de Estágio

Resumo: O presente trabalho propõe-se a enfatizar as contribuições à relação entre Psicologia e educação por meio das intervenções supervisionadas de estagiários do 5º ano de Psicologia em escolas da rede estadual da cidade de São Paulo. O objetivo principal diz respeito à discussão de atividades de estágio em que estudantes de Psicologia atuam como agentes de intervenção com o objetivo de promover espaços de reflexão direcionados a técnicos, professores, funcionários e alunos dos diferentes graus educacionais, sob a perspectiva teórica da Psicologia sócio-histórica. As estratégias de atuação desenvolvidas pelos estagiários têm como finalidade a movimentação dos espaços ocupados pelos participantes da escola visando promover reflexões que gerem expectativas apropriadas quanto às potencialidades para aprender e ensinar, de modo a valorizar a escola como um lugar de humanização. As

intervenções dão-se semanalmente, com duração média de 1 hora e ocorrem com professores e técnicos durante os HTPC - hora de trabalho pedagógico coletivo; com funcionários em turnos alternativos e com alunos em horários de aulas previamente acordados. Os encontros com os alunos valem-se de atividades lúdicas, como jogos e brincadeiras; atividades de produção gráfica, histórias, discussões de textos, “cases” e construções coletivas. Tanto as produções individuais compartilhadas como as coletivas sempre pressupõem um momento reflexivo, no final, visando explorar os temas propostos, de modo a valorizar as relações escolares. As atividades realizadas com as professoras visam o fortalecimento e resignificação de sua atuação profissional, criando-se espaços de desabafo, de trocas de idéias e de experiências. Trechos de filmes, músicas, poesias e pequenos textos têm sido instrumentos utilizados para proporcionar reflexão sobre as práticas pedagógicas. Como exemplo, uma proposta tem merecido especial destaque: as memórias da escola guardadas pelos professores. Cheiros, sabores, amigos, problemas, tristezas, alegrias, aulas especiais, professores marcantes positiva e negativamente são algumas das lembranças trazidas pelos professores a respeito de suas vivências escolares. A discussão posterior às revelações das memórias tem como objetivo demonstrar a importância das marcas produzidas na escola e o valor do professor diante disso. Outro tema bastante relevante diz respeito aos sonhos de alunos e professores, tema que vem sendo abordado de forma mais lúdica com as crianças, mais aprofundado com os alunos de ensino médio e discutido com os professores de modo a promover a conscientização de sua função visando à concretização dos sonhos, tanto dos alunos, como dos seus próprios. Os resultados têm sido muito produtivos para os protagonistas da escola bem como para o enriquecimento da formação dos alunos estagiários. A chance de rever posições, a descoberta de novas expectativas, a busca de alternativas às ações, a proposta de novas metas e as implicações de cada um na construção de uma escola de qualidade têm sido alguns dos resultados das reflexões oportunizadas, trazendo aos estagiários a possibilidade de vivenciar os benefícios da intersecção Psicologia e educação. Por meio dos encontros na instituição educacional, tem sido possível revelar potencialidades para melhoria na atuação tanto de alunos e professores, como dos próprios estagiários, produzindo-se novos sentidos para as relações escolares que envolvam trocas e enriquecimento humano e contribuindo, deste modo, para a valorização da escola como elemento fundamental na constituição dos sujeitos.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Escola Pública, Estágio

Participante: Dayse Maria Motta Borges

Outros Autores: Angélica Lediana Camargo, Daniele Priscila Rodrigues da Silva, Fernanda Barbosa da Cruz, Sandra Mara da Silva, Giovanna Gregori, Jamile Ferraresso, Kaio Edgard Ferro Beckmann, Lillian Carvalho Mineiro, Marina Conceição Gonçalves; Marina Martins do Valle, Sandra Mara da Silva; Stella Moraes Alexandre, Thais Helena Maurino Rosa* e Dayse Maria Motta Borges**

*Alunos da Disciplina Estágio Supervisionado na Educação/Escola III

** Supervisora da Disciplina Estágio Supervisionado na Educação/Escola III

Filiação: Pontifícia Universidade Católica De Campinas - Centro De Ciências Da Vida - Faculdade De Psicologia. Campinas, SP.

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Dayse Maria Motta Borges

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Psicologia na Educação : Relato de Uma Experiência

Resumo: Com o objetivo de desenvolver as emoções positivas, por meio do exercício das forças de caráter, foi criado um pacote de doze oficinas de Psicologia positiva para ser aplicado em oito escolas da fundação municipal de educação comunitária (Fumec),

na região noroeste e sul de Campinas. Participaram, semanalmente, das oficinas 149 alunos e 15 professores dos programas de educação básica, 1, 2, e 3; e 30 professores do trabalho didático comunitário (TDC), de ambos os sexos, com idades que variavam de 15 a 78 anos, no período de abril a outubro de 2008. As emoções exercitadas por meio das forças pessoais foram: perspectiva; bravura, valentia; perseverança, diligência, dinamismo; integridade, autenticidade, honestidade; cidadania, dever, espírito de equipe, lealdade; imparcialidade, equidade; liderança; apreciação da beleza e da excelência; espiritualidade, senso de propósito, fé, religiosidade; animação, paixão, entusiasmo; bom humor e graça. Todos os participantes se envolveram com as atividades propostas, relataram experiências positivas, bem-estar e satisfação na realização das atividades. Os professores relataram aumento da motivação e entusiasmo dos alunos para participar das atividades, além do aumento na comunicação e adesão promovidas pelo auxílio dos próprios professores, que também participaram das atividades. O relacionamento interpessoal professor-aluno, aluno-aluno, aluno-estagiário e estagiário-professor se intensificaram favorecendo maior conhecimento das pessoas entre si. Os professores evidenciaram que houve um aumento no desempenho escolar e no entrosamento grupal. Alguns professores, relataram ainda, que os temas das oficinas eram retomados em outros momentos das aulas cumprindo uma função desencadeadora para o aprofundamento do autoconhecimento. Em relação à representação social do psicólogo, podemos dizer que este trabalho possibilitou, tanto aos professores quanto aos alunos, identificar nas estagiárias figuras facilitadoras na mobilização de conteúdos que ultrapassam o ambiente escolar tais como orientações para encaminhamentos, empregabilidade, evidenciando que o psicólogo ocupa diversos espaços na atuação profissional. Desta forma, fica evidente que todos os objetivos dessa prática foram alcançados tanto para os estagiários como para os alunos e professores, podendo assim mostrar aspectos da eficácia da Psicologia positiva.

Palavras-chave: Educação, Aprendizagem Tardia, Psicologia Positiva, Forças Pessoais, Motivação

Participante: Iria Aparecida Stahl Merlin

Outros Autores: Luana Oliveira Caporezzi, Nicole Calsavara Tomazella e Valéria Roncon

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Iria Aparecida Stahl Merlin

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Psicólogo Escolar e Contexto Educativo

Resumo: Comumente verificam-se na sociedade visões críticas a respeito da população de baixa renda compreendida como aquela com dificuldades no desenvolvimento de habilidades sociais. Atento a essa situação, o psicólogo surge nesse cenário para intervir diferencialmente junto às instituições que atendem essa população, com o objetivo de quebrar esse paradigma, desenvolvendo potencialidades em crianças, na maioria das vezes, entendidas como incapazes de progredir. A partir dessa visão, estruturou-se o presente trabalho em uma instituição que atende, por período, 30 crianças de 6 a 12 anos, que se mantêm matriculadas e frequentando uma escola comum. Elas eram deslocadas para a instituição após o período de aula e permaneciam em regime de contra-turno. O Lar Santo Antonio contava com uma coordenadora e administradora, quatro professoras, uma cozinheira e uma auxiliar de cozinha, uma de serviços gerais e voluntários. A intervenção teve como finalidade conhecer uma organização religiosa e filantrópica como o objetivo de vivenciar a prática do psicólogo escolar dentro de uma instituição, desenvolvendo atividades referentes ao estágio obrigatório do 5º ano de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Teve como objetivo a intervenção junto à instituição de modo a proporcionar

uma melhoria nas relações interpessoais e no processo de ensino-aprendizagem. Foi realizada uma coleta de dados por meio de observações participante com professores e funcionários, e seguidamente à análise de abordagem cognitiva foi estruturada uma intervenção (pesquisa-ação) na qual se propunha algumas modificações no espaço físico da instituição além de trabalhar com os professores suas habilidades de ensino. Para isso, o papel do psicólogo escolar foi definido como um trabalho participativo, normalmente em pequenos grupos, priorizando a demanda escolar e os modos de comunicação das pessoas presentes na instituição. Além dessas ações planejou-se aprimorar e fortalecer o trabalho do professor com um educador, mediador de atividades culturais e artísticas e, não como vinha sendo entendido: dirigente de sala de aula. O foco do trabalho foi reestruturado, na medida em que, se percebeu a pouca adesão dos professores e coordenadora. Passou-se a organizar a intervir com atividades diretamente com as crianças em atividades para o desenvolvimento da autonomia, criatividade, cooperação e construção de regras para o convívio social, além de atividades com os pais. No decorrer do trabalho foi possível perceber que as professoras tinham apenas uma visão clínica da Psicologia e entendiam as atividades escolares como uma relação autoritária e ao mesmo tempo paternalista: trabalhavam como as crianças sob ordens e gritos, não permitindo nem mesmo que as crianças pudessem desenvolver sua criatividade em atividades como o artesanato. Os pais mostraram satisfeitos com a participação que tiveram na reunião cujo tema foi o desenvolvimento infantil. A dificuldade marcante enfrentada pelas estagiárias foi resistência dos professores que se manteve impermeável a qualquer modificação na rotina já estabelecida. O conceito enraizado sobre o papel e função do psicólogo em instituições de caráter educativo nos faz reconhecer que o tempo de estágio curricular em Psicologia escolar é deveras curto para intervenções mais efetivas e que possa ser percebidas nos grupos sociais em que as crianças pertencem.

Palavras-chave: Intervenção Educacional, Papel do Psicólogo, Diagnóstico Institucional

Participante: Maria Fernanda de Jesus Mão Coam

Outros Autores: Mercedes Edouard Bou Raffoul, Wahita Mery Ramos Bichini, Débora Priscila Panhoto e Elisângela de Sousa Freire

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Liliâne Garcez

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Psicólogos na Educação: A Experiência do Município de Suzano

Resumo: O município de Suzano está situado a 45 quilômetros a leste da cidade de São Paulo (SP). Possui área total de 205 quilômetros quadrados e população de 270.566 habitantes. A rede municipal de ensino conta, em 2008, com 23.122 alunos matriculados, 966 professores e 79 unidades escolares.

O trabalho da Psicologia na educação começou, no município, na década de 90, com o projeto: “saúde na pré-escola”. Em 1996, foi inaugurado o núcleo de educação especial, que oferecia educação do pré-escolar de zero a seis anos, educação do ensino fundamental de sete a quinze anos e oficinas abrigadas para alunos a partir de quinze anos de idade. O núcleo contava com uma equipe multiprofissional para atuar exclusivamente com o público alvo deste espaço. No ano de 2000, esta equipe passou a atender também as queixas das escolas do ensino regular. Em 2001, constituiu-se o CAME - Centro de Apoio Multiprofissional à Educação, que hoje é formado por uma equipe de profissionais de diferentes especialidades - fisioterapia, fonoaudiologia, pediatria, Psicologia e professores itinerantes - que articulam seus conhecimentos para viabilizar a oferta de apoio à rede municipal de ensino, ajudando a assegurar as diretrizes educacionais do município que, desde

2005, são: democratização do acesso e permanência ao ensino, gestão democrática, melhoria da qualidade social do ensino, educação de jovens e adultos e educação inclusiva.

Nesse período, o setor de Psicologia percorreu caminhos no âmbito entre saúde e educação, respaldada por uma visão educacional na perspectiva de educação inclusiva.

O trabalho do CAME tem como objetivo (re)construir um entendimento, junto aos demais educadores, de que as intervenções dos profissionais deste centro visam ao enfoque educacional, diferente de como era anteriormente percebido e esperado: a atuação clínica para as queixas escolares.

Nesse processo histórico, com reavaliações periódicas do trabalho, a equipe de Psicologia, juntamente com os demais profissionais do CAME, propõe as seguintes ações: articulação e discussão de situações do cotidiano escolar com os demais educadores, tendo como um dos resultados possíveis a oferta do projeto especial de cooperação (PEC), que é um trabalho de caráter educacional coletivo e ampliado; formação continuada para os educadores da rede; participação em discussões sobre políticas públicas educacionais nos diversos setores da secretaria municipal de educação e demais segmentos do município.

Palavras-chave: Psicologia, Educação, Equipe Multiprofissional

Participante: Kátia Yamamoto

Outros Autores: Aline de Araújo Leite Santos e Luiza Fernandes Ferreira

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Adriana Marcondes Machado

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Relato de Estágio em Psicologia Escolar: Construindo Um Trabalho Junto aos Professores

Resumo: Como o saber psicológico poderia contribuir ao processo de escolarização de crianças que não tem tido sucesso na alfabetização? O presente trabalho é um relato de um possível caminho, rumo a um olhar para essas questões. O estágio foi realizado em uma escola municipal de um bairro de classe sócio-econômica baixa da cidade de São Paulo e foi supervisionado pela psicóloga Adriana Marcondes machado. A partir da demanda trazida pelas professoras, e da intenção de habitar territórios que falassem sobre a produção do analfabetismo, a equipe se responsabilizou por quatro espaços da escola: a SAAI, a PIC da terceira série, a PIC da quarta série, e a primeira série. Serão relatadas, nesse trabalho, as atividades junto à primeira série, com as estagiárias Aline e Luiza, pensando na relevância de se ter contato com o início do processo de alfabetização; e as atividades junto à 3ª PIC, com a estagiária Kátia, pensando ser este um espaço criado para dar conta de crianças ainda não alfabetizadas. Partimos do pressuposto que as questões subjetivas presentes no processo de escolarização afetam na produção do conhecimento. Procuramos trabalhar com os professores, visando estabelecer uma relação que ampliasse o campo de análise e para que conjuntamente criássemos sentido para o que víamos na sala de aula. Foram feitas cerca de doze visitas à escola, para se conhecer e criar vínculos com os atores envolvidos, para depois pensar em intervenções. Também ocorreram conversas com as professoras fora do horário de aula. Na 3ª PIC, um tema constante foi a questão do bater. Nesta montagem, o bater pode ser visto como uma maneira defensiva de se expressar, dentro desse território que cala e interdita subjetividades. A intervenção ocorreria no movimento de tentar resgatar esses aspectos subjetivos, procurando dar-lhes visibilidade, para que estes pudessem ser levados em conta na história escolar dos alunos. Na primeira série, a principal demanda era em relação a alunos que estavam ficando para trás no processo de ensino-aprendizagem. Esses alunos ocupavam lugares cristalizados na sala de aula. Pensamos em intervenções que pudessem

dar visibilidade a novos funcionamentos e potencialidades. Por meio de desenhos e conversas com a sala procuramos conhecer o que os alunos faziam fora da escola. A partir disso realizamos atividades que pudessem agir nos lugares ocupados pelos alunos e na relação entre eles e a professora. Tentando propor atividades pudemos nos deparar com a grande dificuldade que é manejar uma sala com tantos alunos, sentindo angústias e prazeres que nos aproximaram mais da vivência dos professores. Experimentamos a solidão do professor em seu trabalho, com a difícil tarefa de alfabetizar e socializar seus alunos, muitas vezes, sem espaço para pensar nas relações que se estabelecem entre eles. Como estagiárias de Psicologia, dentro da escola, aprendemos a olhar para as produções subjetivas presentes no processo de ensino-aprendizagem como efeitos relacionais.

Palavras-chave: Estágio em Psicologia Escolar, Relação Professor-Aluno, Produção do Analfabetismo

Participante: Maíra Badini Gomes da Silva Gonçalves

Outros Autores: Virgínia Luz Schmidt, Carlos Eduardo Frazão Meirelles

Claudia de Almeida Ortega e Vânia Aparecida Calado

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Reuniões Sócio-Educativas das Crianças

Resumo: Este projeto foi desenvolvido por equipe de psicólogos da verso cooperativa. As reuniões sócio-educativas tiveram como público-alvo crianças a partir de 3 anos que acompanhavam suas famílias nas reuniões sócio-educativas do programa renda cidadã, parte integrante do projeto “desenvolvimento, trabalho e inclusão”, resultado de convênio estabelecido entre o centro de estudos, ensino e pesquisa e a secretaria do desenvolvimento, trabalho e inclusão da prefeitura de Osasco. Foram executadas reuniões diárias, em 2 períodos, quatro vezes por semana em dois bairros, de setembro de 2006 a abril de 2008.

A metodologia de trabalho está pautada nos princípios da economia solidária, que entende que o ser humano deve ser valorizado acima do capital e dos bens materiais, e nos princípios do método dialógico de paulo freire, que aponta para a valorização do saber de todos, de maneira que a prática de ensino-aprendizagem seja uma experiência de troca entre estes saberes para a construção de um novo conhecimento. Assim as reuniões foram caracterizadas pela seguinte estrutura: convite às crianças nas salas das reuniões sócio-educativas dos adultos; coleta de dados e identificação das crianças; roda de conversa; atividade coletiva e atividade lúdica.

As reuniões tinham como objetivos:

- desenvolver um trabalho específico com as crianças no período em que seus pais estão nas reuniões, instituindo a elas um lugar participativo no programa;
- possibilitar que expressem seus desejos, angústias e demandas próprias;
- propiciar o desenvolvimento da criatividade e despertar o desejo de saber;
- facilitar o desenvolvimento cognitivo, psicomotor e psicossocial das crianças, bem como a capacidade de lidar com sua realidade pessoal;
- abordar temas referentes à construção da cidadania e reflexão crítica sobre a mesma;
- favorecer as relações e os vínculos familiares, valorizando o conhecimento e a herança cultural familiar;
- oferecer subsídios para o levantamento de temas para o trabalho dos educadores com os pais e responsáveis.

A partir da intervenção observamos os seguintes resultados:

- melhora na qualidade das RSE dos adultos;
- ampliação da abrangência do programa para mais membros da família, ao proporcionar às crianças trazidas pelos beneficiários diretos um espaço diferenciado de participação e educação para

a cidadania.

- aprovação e participação das crianças nas atividades propostas;
- exercício de reflexão novo para as crianças, sobre questões relacionadas ao seu cotidiano;
- desnaturalização de preconceitos relacionados à temas do seu dia-a-dia;
- constituição de um espaço em que as crianças possam falar também sobre seus incômodos;
- apropriação dos mecanismos democráticos de funcionamento do grupo;
- estabelecimento de vínculo das crianças com a RSE, com os educadores e entre elas;
- colaboração e confiança dos pais em relação ao trabalho desenvolvido;
- possibilidade de novo olhar dos pais a respeito das potencialidades dos filhos, a partir da apreciação de suas produções.

Palavras-chave: Educação, Cidadania, Inclusão

Participante: Luis Fernando de Oliveira Saraiva

Outros Autores: Luís Adriana Marcondes Machado

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Rupturas Necessárias para Uma Prática Inclusiva

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo discutir a inserção do psicólogo na escola, suas concepções e atuação frente às problemáticas escolares. Entendendo que estas problemáticas são efeitos da relação entre os processos psicológicos e os educacionais, acreditamos que a inserção do psicólogo deva se dar por meio de uma atuação comprometida com a promoção de saúde e atenta ao funcionamento institucional, que possibilite a superação de visões individualizantes e naturalizantes e que, ao mesmo tempo, potencialize a criação e reinvenção de práticas, crenças, saberes. Para tanto, utilizar-nos-emos das ações desenvolvidas em um estágio realizado em uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) da cidade de São Paulo, junto à professora de uma classe com crianças de seis anos.

A questão trazida pela professora era a dificuldade em se trabalhar o fato de haver uma criança de uma casa-abrigo na sala de aula. As crianças que viviam com suas famílias revelavam receio e preconceito em relação à que vivia na casa-abrigo, o que levou a professora a pensar em fazer uma visita, com todas as crianças, à casa-abrigo, recurso este - no qual o público invade o privado - que poderia produzir efeitos de estigmatização.

Observando e participando da rotina da classe, defrontamo-nos com outra questão: a presença de um grupo de quatro alunos que dificilmente participava das atividades propostas pela educadora, envolvendo-se freqüentemente em situações de bagunça. Esses alunos acabaram agrupados na chamada “mesa do não”.

Para enfrentarmos tais situações, procuramos criar um dispositivo que possibilitasse pensar diferentemente, potencializando o múltiplo. Para isso, realizamos a discussão de cartas de um ET curioso em entender a organização social na terra, em encontros semanais com grupos de diferentes crianças desta sala.

Nos encontros, nossa preocupação era de que as perguntas do ET possibilitassem a emergência e a produção de viveres diferentes do cuidar e da organização em grupos, isto é, nossa preocupação era com a produção de experimentações que rompessem outras experimentações.

A presença de novas composições, como expressão de mundos possíveis, experimentadas pelas crianças nos encontros, criou passagem para o trabalho desnaturalizador pretendido, tornando possível a coletivização de questões que tendem a serem vividas como “problemas individuais”, afirmando vários modos de vida como possíveis e um encantamento diante deles, bem como uma mudança de olhares capaz de transformar as formas de relação no interior da escola.

Construir maneiras de fazer que permitam experimentações e mudanças nas sensações é uma atitude política que visa romper com as concepções/ saberes/fazeres hegemônicos, de forma a se constituírem novos desenhos relacionais. Dessa forma, o desafio na ruptura para práticas inclusivas diz respeito à produção de um encantamento pelo múltiplo, na qual a interpretação e a conscientização não são suficientes para fazer caber - incluir? - as diferenças.

Palavras-chave: Psicologia Escolar, Práticas Inclusivas, Intervenção

Participante: Raquel Zanelatto

Outros Autores: Yara Sayão, Aline Garcia Aveiro, Elisa Vieira, Helena Ramos Musetti, Sthefânia Carvalho, Adriana Assmann Simonsen, Dailza Pineda e Ana Maria Aguirre Alvarez

Supervisor / Coordenador do Trabalho: Yara Sayão

Eixo: Psicologia e Instituições Escolares e Educacionais

Título: Sujeito, Cuidado e Instituição: Possibilidades de Atuação em Uma Casa-Abrigo

Resumo: Neste trabalho, pretendemos refletir sobre nossa experiência em uma casa-abrigo da cidade de São Paulo. De acordo com o estatuto da criança e do adolescente (1990), o abrigo é uma medida de proteção à criança e ao adolescente em situação de risco por ação ou omissão dos responsáveis e do estado. Sendo assim, as casas-abrigo são consideradas moradias provisórias que visam zelar ou garantir os direitos - por exemplo, à escolarização, saúde e participação em comunidade - dos que nelas estão abrigados.

As práticas psicológicas em instituições sociais têm privilegiado intervenções que predominantemente focam os indivíduos; são práticas que historicamente têm se concentrado em intervenções

do tipo psicodiagnóstico, avaliação das funções mentais ou sociais e intervenções psicoterapêuticas. Tendo isto em vista, coloca-se como desafio operar fissuras neste discurso psicológico tradicional e encontrar outras possibilidades de atuação voltadas para a instituição como um todo (o conjunto dos atores institucionais).

Assim, apostamos em diferentes formas expressivas como uma via privilegiada para pôr em marcha a apropriação subjetiva e elaboração de sentidos acerca das histórias de vida.

O trabalho já vem sendo desenvolvido há quase dois anos. Neste semestre o grupo é constituído por nove estagiárias que visitam a instituição, em duplas ou trios, semanalmente, em diferentes horários e dias da semana. Durante estas visitas, participamos das atividades desenvolvidas no abrigo (acompanhar o jantar, participar de atividades lúdicas) e procuramos propor outras vivências (exploração de materiais gráficos, utilização da escrita, disponibilidade da escuta) como oportunidades ímpares de re-visitação das histórias que ali se apresentam, além de promover e incentivar espaços de interlocução entre as crianças ou entre estas e os educadores. A partir desta prática, foram sendo desenvolvidas intervenções passíveis de produzir efeitos significativos. É possível perceber que nosso grupo tem se constituído como uma referência tanto para as crianças e adolescentes quanto para os educadores do abrigo, pois criou um lugar que não se caracteriza como espaço educativo ou psicoterapêutico formal, em relação aos quais as crianças apresentam determinadas resistências. No contato com os educadores tem sido possível favorecer, por meio da discussão a respeito de determinadas condutas, em especial nos momentos de tomada de decisão, a reflexão e a crítica sobre suas práticas. Dessa forma, pode-se apostar em atuações que nos parecem mais pertinentes ao contexto da instituição do que os tradicionais atendimentos psicoterapêuticos.

Palavras-chave: Abrigo, Instituição, Criança e Adolescente

